

ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos



TOMO XLIV
Setembro/Octubre 2003
NÚMERO 9/10

BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente

Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry



**Revista "BLUMENAU EM CADERNOS",
fundada em 1957 por José Ferreira da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.

Bimestral

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”

BLUMENAU
em Cadernos

Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História - edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
Prêmio Destaque - 2002
concedido pela Academia Catarinense de Letras.

COPYRIGHT © 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

**REVISTA “BLUMENAU EM CADERNOS”
ENDEREÇO**

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425
CEP.: 89015-010 - Blumenau - SC
Fone/fax: (47) 326-6990
E-Mail: funcubl@terra.com.br

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga
Imagens do Hospital Santa Isabel - Blumenau - SC
Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Cristina Ferreira (Presidente)
Annemarie Fouquet Schünke,
Cezar Zillig, Ivo Marcos Theis,
Méri Frotscher, Urda Alice Klueger

DIGITAÇÃO

Marilu Antunes

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Gráfica e Editora Ltda.
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (47) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento
Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

SUMÁRIO

Apresentação 007

Documentos Originais - *Memórias*

Amada terra do Brasil - Em Blumenau.

Pastor Fritz Liebhold.

Tradução: Annemarie Fouquet Schüncke 009

Artigos

Hospital Santa Isabel - Blumenau - Estado de Santa Catarina.

Tradução: Curt Hoeltgebaum 041

Associação Médica de Blumenau.

Dr. Oswaldo Pfeiffer Jr. e Dra. Carmen Maria Pfeiffer 044

Política Imigratória e a formação da Colônia Alemã Vargem Grande.

Toni Vidal Jochem 052

Entrevista

História de Vida - Edemir de Souza 061

Memórias

Armim Zimermann.

Grete Baumgarten Medeiros 071

O Barranco da Beira do Rio.

Loure Elsa Holetz 074

Esporte & Lazer

Uma história que vale à pena lembrar.

Dr. Walmor E. Belz077

Brasil Futebol Clube.

Aurélio Sada080

Indicações para Pesquisas

O período colonial no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina e outros arquivos.

Walter F. Piazza085

História & Historiografia

Associações Agrícolas e Exposições Coloniais em Santa Catarina.

Manoel P.R. Teixeira dos Santos087

Crônicas do cotidiano

Nossa Senhora Visitadora. / As correças da minha vida.

Urda Alice Klueger104

Burocracia & Governo

Relatório de 28 de fevereiro de 1867 - Colônia Teresópolis108

Autores catarinenses

No Lastro do Dr. Lund. / O Ermitão. / Bastiãozada. / Eventos Culturais

Enéas Athanázio119

Apresentação

Neste número de BLUMENAU EM CADERNOS apresentamos diversos textos que estão voltados a vários aspectos da história regional e catarinense, assim como sobre literatura.

Pode se dizer que para muitos o que está focado nesta edição são questões muito próximas ao viver dos imigrantes que vieram para o Vale do Itajaí. Mas para o leitor mais atento, e ao pesquisador, as reflexões sobre os assuntos vislumbram-se na percepção de vários aspectos que geraram produções que são abordados por outro viés e naturalmente levantando novas questões de objeto de estudo.

Abrimos a revista com a coluna bilíngüe intitulada **Documentos Originais – memórias**, relatando um interessante texto extraído das memórias do Pastor Fritz Liebhold. Trata-se das suas lembranças escritas entre os anos de 1917 e 1920, período que esteve em Pomerode (na época, vinculado ao município de Blumenau), exercendo suas funções pastorais junto à Igreja Evangélica Luterana. Apaixonado pelo país tempos depois, com base nas suas vivências descreveu em 831 páginas as emoções vividas no sul do país. O autor intitulou o denso volume de “Amada Terra do Brasil”. Para conhecer algumas faces destas lembranças, iniciamos com a sua chegada em Blumenau, enquanto o difícil trabalho de traduzir os textos está sendo realizado pela colaboradora da revista, Annemarie Fouquet Schüncke.

Com o texto “Hospital Santa Isabel - Blumenau - Estado de Santa Catarina”, é feito um relato desta casa de saúde. No seu teor constam dados estatísticos e nomes dos administradores entre os períodos de 1909 a 1927, bem como outras informações de interesse. Os originais encontram-se no Arquivo Geral da Alemanha e a transcrição do manuscrito e tradução do mesmo couberam ao Sr. Curt Hoeltgebaum.

A temática voltada à saúde mais uma vez vem à tona na revista e desta vez, com o artigo dos médicos Dr. Oswaldo Pfeiffer Jr. e Dra. Carmen Maria Pfeiffer. O foco incide sobre a formação da “Associação Médica de Blumenau”. As referências contidas no mesmo certamente contribuirão para futuros trabalhos de pesquisa.

Ainda na sessão **Artigos**, o pesquisador e autor de várias publicações referentes à imigração alemã, Toni Vidal Jochem, aborda a “Política Imigratória e a formação da Colônia Alemã Vargem Grande”. Traz para o leitor uma significativa contribuição para o entendimento das políticas de colonização ante as leis do País. Preocupou-se ainda, o autor, não apenas em analisar as dificuldades de se constituir a Colônia Alemã Vargem Grande, como também os personagens que vieram compor a classe média rural deste espaço e tempo.

Na coluna **Entrevistas**, o encantamento pelo rádio e televisão é tematizado por Edemir de Souza, personagem que, pelo seu estilo, com programas de alcance popular e determinação, marcou época na história da radiodifusão catarinense.

Grete Baumgarten Medeiros, relembra na coluna **Memórias**, aspectos da

vida do Comandante das Forças Armadas da Alemanha Armin Zimmermann, um blumenauense, seu aparentado, que se destacou naquele país e aqui esteve em 1974, revisitando a cidade.

Num segundo momento, Loure Elsa Holetz, em seu texto de memórias, buscou inspiração para, nas lembranças das barrancas das margens do Itajaí, escrever “O Barranco da Beira do Rio”. Para a autora “... *um lugar muito bom para se morar, fresco ventilado e sem muito barulho...mas, havia ali um fator negativo e inquietante..*”.

A coluna **Esporte & Lazer** apresenta textos do Dr. Walmor E. Belz “Uma história que vale à pena relembrar”, e de Aurélio Sada “ Brasil Futebol Clube: Jogadores pegavam em pás, enxadas e carrinhos-de-mão”. Ambos trazem para os leitores interessados no assunto e aficionados pelo futebol, lembranças de um passado glorioso deste esporte que era muito competitivo em nossa cidade.

Em **Indicações de Fontes** publica-se “O período colonial no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina e outros arquivos”. É um trabalho do Dr. Walter Fernando Piazza, ex - Professor da Universidade Federal de Santa Catarina e autor de várias obras voltadas à História Catarinense. Nas suas incessantes pesquisas junto ao Arquivo Público do Estado, acessou uma farta documentação, sobre as quais procura orientar os futuros usuários daquele acervo.

Manoel P.R.Teixeira dos Santos, é mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista da CAPES. Com a sua pesquisa “Associações Agrícolas e Exposições Coloniais em Santa Catarina”, nos traz uma significativa contribuição ao analisar associações agrícolas e exposições coloniais com a participação dos trabalhadores rurais. Para desenvolver a pesquisa fez uma intensa busca de fontes em vários arquivos. Os resultados estão explícitos neste artigo, que faz parte da sua tese de mestrado em fase conclusiva.

Através da coluna **Burocracia & Governo**, publica-se a penúltima parte do relatório enviado em 1867, pelo Presidente da Província de Santa Catarina ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas sobre as colônias existentes em Santa Catarina. Nesta edição aborda a Colônia Teresópolis, fundada no ano de 1860.

Na coluna **Crônicas do Cotidiano**, Urda Alice Klueger, colabora com os textos “ Nossa Senhora Visitadora” e “As correças da minha vida”. A autora escreve as crônicas de forma livre e pessoal, abordando a simplicidade das suas e vivências.

Finalizando, na coluna **Autores Catarinenses**, Enéas Athanázio tematiza a literatura, tece comentários de eventos culturais, entre outros.

Esperamos que com a divulgação do conhecimento construído pelos colaboradores desta edição, se estimule a participação dos leitores e pesquisadores, através do envio de textos para as colunas **Artigos, História & Historiografia, Memórias e Crônicas do Cotidiano**.

Sueli M. V. Petry

Diretora da Revista Blumenau em Cadernos

**Documentos
Originais -
Memórias**

**Amada Terra do
Brasil -
Em Blumenau**

*TEXTO: PASTOR
FRITZ LIEBHOLD*



In Blumenau

Kehren wir nun zurück in mein Zimmer, das ich am Nachmittag des 16. Januar 1911, einem Montag, im Hotel Holetz in Blumenau bezog. Auch dies Zimmer sah nicht viel anders aus als die Hotelzimmer, die ich bis jetzt kennen gelernt hatte, nicht schlechter, vielleicht ein wenig besser. Die Wände waren kahl, ohne jeden Bildschmuck, weiß getüncht. Das hatte seinen Grund, wie ich erst später erfahren sollte. Ich machte mich ein wenig frisch in dem lauwarmen Wasser, das ich aus einer etwas angeschlagenen Kanne in die auch nicht mehr neue Waschschüssel goß. Ich war einigermaßen froh gestimmt, schon aus dem Grunde, weil ich nicht mehr ganz mittellos dastehen würde, wie mir von Pastor Hymmelmuet als dem Vorsitzenden der „Pastoral Konferenz“ und Verwalter der Reisepredigerkasse versprochen war. Ich war zwar wieder einmal als lästiger Gast in ein Hotel abgeschoben worden, aber ich durfte doch annehmen, daß das hier die vorletzte Etappe war und ich dann endlich mein Reiseziel erreicht haben würde, denn ich war des Herangestoßenwerdens reichlich müde. Allerdings wußte ich nicht, wie weit es bis zu der erwünschten Endstation noch sein würde, auch ahnte ich nichts von den Erlebnissen, die mir bis dahin noch bevorstanden. Zunächst machte ich jetzt mal einen Bummel durch das schöne Städtchen Blumenau.

Ich hatte bereits gelesen, daß die Kolonie Blumenau ihren Namen von Dr. Hermann Blumenau hatte, der sie 1850 gegründet hatte. Er war erst 1899 im Alter von fast 80 Jahren gestorben. Und nun stand ich vor seinem Denkmal, das am 21. Mai 1903, also vor nicht allzu langer Zeit, eingeweiht worden war. Was für ein Mann muß das gewesen sein! Ich bewunderte ihn. Welcher Unternehmungsgeist! Seine Landsleute aus den verworrenen Verhältnissen der

Amada terra do Brasil - Em Blumenau

A partir desta edição, a revista Blumenau em Cadernos publica trechos das memórias de Fritz Liebhold que entre 1917 e 1920 atuou como pastor na Igreja Evangélica Luterana de Pomerode. Com base em suas vivências, durante os dez anos que morou no Brasil, escreveu “Amada terra do Brasil”, nada menos que 831 páginas datilografadas, cujas cópias o Arquivo Histórico José Ferreira da Silva há pouco tempo pôde adquirir.¹

O estranhamento do estrangeiro frente à realidade brasileira permeia todo o trabalho, que se dedica a rememorar sua chegada ao Brasil, mais especificamente em Blumenau, sua estada em Santa Tereza, Anitápolis e Pomerode onde trabalhou como pastor, suas viagens no lombo do cavalo pelo território catarinense, assim como suas experiências de vida e atividades enquanto pastor.

Temas como religião, superstições, usos e costumes, alimentação, a questão indígena no Vale do Itajaí, entre outros, são abordados de forma detalhada nas volumosas memórias do autor.

Tais páginas constituem uma rica fonte para os pesquisadores, não somente por conta da escassez de memórias relativas ao período da Primeira Guerra Mundial, mas também por conta dos detalhes sobre o cotidiano da época que o autor revela. Em virtude do grande volume do material, houve a necessidade de fazer uma escolha dos trechos a serem traduzidos e publicados nesta coluna. Foram selecionados então algumas partes que fazem referência mais especificamente a Blumenau e Pomerode e que serão publicados nesta e nas edições seguintes.

Voltemos ao quarto do Hotel Holetz, onde me instalei numa tarde de segunda-feira - 16 de janeiro de 1911 - em Blumenau. Este quarto também não era diferente daqueles que conhecera, nem pior talvez um pouco melhor. Não havia quadros nas paredes brancas. Somente mais tarde saberia o porquê disso. Refresquei-me com a água morna da jarra danificada e a despejei numa bacia desgastada. Até me sentia feliz porque não estava mais completamente sem recursos, promessa feita pelo Pastor Hymmelmuet,² presidente da “Conferência Pastoral” e administrador do fundo para missionários. Como hóspede indese-

¹ Agradecemos ao senhor Ulrich Liebhold pelo envio da cópia das memórias escritas pelo seu pai que, incorporadas ao nosso acervo, possibilitarão um maior acesso aos pesquisadores.

² N.T. O autor se refere ao Pastor Walter Mummelthey, que esteve à frente da Comunidade Evangélica Blumenau Centro de 1906-1916. Sua esposa Mildread era inglesa e fora enfermeira da Cruz Vermelha Internacional. Ela incentivou a vinda das primeiras Irmãs parteiras para Blumenau

alten Heimat herauszuholen und ihnen hier eine neue Heimat zu bieten! Welcher Wagemut! Denn es galt ja, den Kampf aufzunehmen mit wilden Menschen und Tieren und giftigen Schlangen, mit den Heimtücken des Flusses, wie mit der Naturgewalt des Urwaldes, und in diesem Kampfe zu siegen und zu überwinden. Welcher Weitblick! Aus dem dunklen, schmarotzenden Urwalde eine lichte, blühende Kolonie, aus unbewohnten Einöden ein liebliches Städtchen! Und das in nur wenigen Jahrzehnten. Das grenzt fast ans Zauberhafte. Welche Energie und Tatkraft. Welche Willenskraft und Zielstrebigkeit, unerschütterlich, unbeirrbar trotz so vieler, oft schwerer Rückschläge! Soll, muß man einen solchen Mann nicht bewundern?!

Wie mag das damals gewesen sein vor 60 Jahren, als die ersten Einwanderer hier eintrafen? Ich gebe hier eine kurze sinnige Schilderung wieder, zunächst in der Landessprache (portugiesisch), wie sie Hermann Sachtleben in der Jubiläumsschrift zur Hundertjahrfeier von Blumenau - Centenário de Blumenau - gebracht hat, und dann in deutscher Übersetzung:

„Os primeiros emigrantes da colônia Blumenau

Lentamente se esgotam as águas do rio Itajaí para o mar... lento e penoso um bote sobe o rio. Os ocupantes são imigrantes com sua bagagem. Chegados ao ponto final de sua viagem desembarcaram. São ao todo 17 pessoas. Foi no dia 2 de setembro de 1850.

Árvores gigantes, cujos galhos se estendem sobre as margens do rio, lhes deram sombra.

Pássaros, alegremente, pareciam cantar uma linda canção: a canção do imigrante - amor e fidelidade à nova pátria. Mais um olhar para o bote que os tinha conduzido e então entraram no mato, mato virgem e fechado.

“Se for pesado e penoso o serviço,
Com chuvas e tempestades,
Pesados os trabalhos e cuidadosos,
Nós agüentamos.”

Esperançosos, vamos olhar o futuro. Logo que paire acima de nossa cabeça o primeiro telhado e logo que a primeira colheita estiver feita, vamos agradecer a Deus para que abençoe os nossos trabalhos, sob a proteção do nosso querido D. Hermann Blumenau.

Na madrugada do dia seguinte a pequena turma se reuniu, pegou com a melhor boa vontade na enxada, na pá e no machado e iniciou os primeiros trabalhos.

Assim foi e assim devia ser.”

jável, mais uma vez fora despachado para um hotel, mas minha expectativa era que esta fosse a penúltima etapa e que daqui iria diretamente para Santa Thereza, chegando finalmente ao meu destino, pois, já estava cansado de ser empurrado de um lugar para outro. Em todo caso não sabia quanto tempo levaria até chegar ao meu destino e nem suspeitava do que ainda teria pela frente. Por ora, resolvi flunar pela bela cidadezinha de Blumenau.

Eu já lera que a Colônia Blumenau recebera seu nome de Dr. Hermann Blumenau, que fundara a cidade em 1850. Ele morreu em 1899 com aproximadamente oitenta anos. Agora estava diante de seu monumento, inaugurado em 21 de maio de 1903³. Que homem devia ter sido! Eu o admiro. Que espírito empreendedor! Retirar seus compatriotas da situação desordenada da velha pátria, a fim de lhes oferecer aqui uma nova pátria! Que ousadia! Pois, era preciso enfrentar a luta com os indígenas, os animais, as serpentes venenosas e as traiçoeiras águas do rio, como também vencer e superar a natureza indomável: a mata virgem! Que perspicácia! Transformar a densa mata de parasitas numa colônia florescente, um lugar ermo em uma cidadezinha encantadora em apenas algumas décadas! Isto chega a ser mágico! Quanta energia, quanta ação! Quanta força de vontade, quanto esforço para alcançar seu objetivo e manter-se inabalável e firme, apesar de inúmeros reveses. Não é preciso admirar um homem assim?!

Como será que era há sessenta anos, quando chegaram os primeiros imigrantes? Vou reproduzir, em português, uma profunda reflexão, conforme o texto de Hermann Sachtleben, publicado no livro do Centenário de Blumenau:

“Os primeiros imigrantes da Colônia Blumenau

Lentamente se esgotam as águas do rio Itajaí para o mar...

Lento e penoso um bote sobe o rio. Os ocupantes são imigrantes com sua bagagem. Chegados ao ponto final de sua viagem desembarcaram. São ao todo 17 pessoas. Foi no dia 2 de setembro de 1850.

Árvores gigantes, cujos galhos se estendem sobre as margens do rio, lhes deram sombra.

Se for pesado e penoso o serviço,

Com chuvas e tempestades,

³ N.T. O autor se refere ao monumento do Imigrante localizado na Praça Hercílio Luz.

Die ersten Einwanderer der Kolonie Blumenau

Langsam ergießen sich die Wasser des Itajai-Flusses zum Meer... Langsam und mühsam kommt ein Boot den Fluß herauf. Die Insassen sind Einwanderer mit ihrem Gepäck. Am Endpunkt ihrer Reise angelangt, stiegen sie aus. Es sind im ganzen 17 Personen. Es war am 2. September 1850.

Riesige Bäume, deren Zweige sich über die Ufer des Flusses ausbreiten, gaben ihnen Schatten.

Vögel schienen munter ein schönes Lied zu singen: das Lied von der Einwanderer-Liebe und Treue zum neuen Vaterland.

Noch ein Blick, zum Boot, daß sie hergebracht hatte, und dann traten sie ein in den Urwald, in den jungfräulichen und verschlossener Urwald.

„Wenn der Dienst schwer und quälend sein wird,
Mit Regengüssen und Stürmen,
Mühselig die Arbeiten und gefahrvoll,
wir halten aus.“

Hoffnungsvoll wollen wir in die Zukunft blicken. Sobald über unserm Kopfte das erste Dach liegt, und sobald die erste Ernte eingebracht ist, wollen wir Gott danken, auf daß er unsere Arbeiten segne, unter den Schutz unsers geliebten Doktor Hermann Blumenau.

In der Morgendämmerung des folgenden Tages versammelte sich die kleine Mannschaft, griff mit den besten guten Willen zur Hacke, zur Schaufel und zur Axt und begann die ersten Arbeiten.

So war es, und so mußte es sein“.

Ja, so war es, und so ist es immer wieder gewesen in den 60 Jahren der Kolonisierung des Landes durch deutsche Einwanderer; denn es gab ja noch viel, viel „jungfräulichen und verschlossenen Urwald“ in Brasilien. Ich selbst habe dann später oft genug gesehen und erlebt, wie neue Ansiedler aus Deutschland in der Urwald eintraten und an die schwere Arbeit gingen, um sich eine neue Heimstätte zu gründen. Darüber werde ich später noch einiges zu berichten haben, vor allem in dem Kapitel über die neue Kolonie Annitapolis.

Vorläufig aber wanderte ich erst mal durch die Straßen Blumenaus und freute mich an den schönen Anblick des freundlichen Städtchens. Ja, aus dem einst nur als „Stadtplatz“ auf dem gesamtem Terrain der Kolonie, deren erster Direktor Dr. Hermann Blumenau war, abgesteckten und vorgesehenen Landbezirk war in den 6 Jahrzehnten wirklich ein blühendes Städtchen

Pesados os trabalhos e cuidadosos,
Nós agüentamos.

Esperançosos, vamos olhar o futuro. Logo que paire acima de nossa cabeça o primeiro telhado e logo que a primeira colheita estiver feita, vamos agradecer a Deus para que abençoe os nossos trabalhos, sob a proteção do nosso querido Dr. Hermann Blumenau.

Na madrugada do dia seguinte a pequena turma se reuniu, pegou com a melhor boa vontade na enxada, na pá e no machado e iniciou os primeiros trabalhos.

Assim foi e assim devia ser”.(sic)

Sim, assim foi e continuou sendo durante os sessenta anos de colonização realizada pelos imigrantes alemães, pois ainda havia muita mata virgem no Brasil. Mais tarde, eu vivenciei muitas vezes como os recém-chegados da Alemanha adentravam a mata virgem e trabalhavam arduamente a fim de estabelecerem um novo lar. Ainda falarei sobre isso, sobretudo no capítulo que se refere à Colônia Anitápolis.

Por enquanto, eu passeava pelas ruas de Blumenau e me alegrava com o panorama desta simpática cidadezinha. Nas terras previstas e demarcadas para a Colônia, onde antigamente somente se encontrava o Stadtplatz, floresceu em seis décadas uma cidadezinha, cujo primeiro diretor foi o Dr. Hermann Blumenau. Em 28 de julho de 1894 a então Comarca de Blumenau foi oficialmente elevada à categoria de cidade, tendo todos seus direitos assegurados.

É inacreditável, um desenvolvimento rápido e espetacular como esse. Em 1911, a cidade contava com 25.000 habitantes. Talvez o desenvolvimento tenha sido mais espetacular ainda, pois quando retornei a Blumenau, em minha última viagem ao Brasil, quase não a reconheci. Neste meio tempo, provavelmente o número de habitantes aumentou para 40.000. Surgiram belas construções, casas comerciais enormes, grandes e belos hotéis, tanto por dentro quanto por fora, praças novas e limpas, etc... Mas, a cidade conservou sua característica alemã, embora a língua alemã como em todo Brasil, somente era lecionada nas escolas como língua estrangeira, devido aos distúrbios da Guerra. De um modo geral, ainda se falava muito o idioma alemão na rua, nas lojas e hotéis, ou pelo menos se entendia a referida língua.

Blumenau deve sua fundação e desenvolvimento ao trabalho pioneiro, ao esforço, ao suor e ao espírito alemão. E o que cresceu e desenvolveu em um século não pôde ser simplesmente oprimido ou erradicado pelas atitudes

geworden. Am 28. Juli 1894 war die bisherige comarca – Gemarkung – Blumenau offiziell zur Stadt erklärt worden mit allen Rechten einer solchen. Eine kaum glaubliche, rasche und großartige Entwicklung war da vor sich gegangen. Das Städtchen zählte damals im Jahre 1911 bereits etwa 25.000 Einwohner. Aber vielleicht ist die Entwicklung in den folgenden Jahrzehnten noch großartiger und fortschrittlicher gewesen; denn als ich 40 Jahre später wieder in Blumenau weilte gelegentlich meiner letzten Brasilienreise, da kannte ich die Stadt kaum wieder. Die Einwohnerzahl war inzwischen auf wohl 40.000 gestiegen. Prachtige Bauten, riesige Geschäftshäuser, große Hotels, wunderschön draußen wie drinnen, neue saubere Anlagen usw. waren entstanden. Aber seinen deutschen Anstrich hatte das Städtchen behalten, obwohl die deutsche Sprache, wie überall in ganz Brasilien, infolge der Kriegswirren nur noch als Fremdsprache in den Schulen gelehrt wurde. Aber auf den Straßen, in den Geschäften und Hotels wurde doch noch allermeist deutsch gesprochen oder zum mindestens verstanden. Deutscher Pionierarbeit, deutschem Fleiß und Schweiß, deutschem Geiste verdankte ja Blumenau seine Entstehung und Entwicklung. Und was durch ein Jahrhundert gewachsen und geworden war, das konnte auch nicht mit allerlei durch den Krieg bedingten Gegenmaßnahmen der regierenden Stellen so ohne weiteres unterdrückt oder gar ausgerottet, höchstens ganz allmählich in eine andere Form geprägt werden, zumal die deutschen Einwanderer von jeher sich stets loyal ihrem neuen Vaterlande gegenüber verhalten haben. Ausnahmen gab es natürlich wohl immer. Zu meiner Zeit waren da die sogen. Altdeutschen, die zwar einen gewissen Zwiespalt unter den Deutschtämmigen selbst hervorriefen, sich aber doch nicht so breit machen konnten, daß sie etwa als staatsgefährdend von Seiten der Brasilianer angesehen wurden. Viel anmaßender gebärdeten sich dagegen später zur Nazizeit die von dem deutschen Ungeist ergriffenen und fanatisierten Anhänger jenes Totengrabs Deutschlands, den auch sie als Führer bezeichneten und verehrten oder gar vergötterten, und für den auch drüben die braunen Kolonnen marschierten. Ich rede jetzt nicht allein von Blumenau; wie es dort im einzelnen war, weiß ich nicht. Aber überall, wo es deutschsprachige Bevölkerung gab, ging auch die braune Welle hindurch und machte die Deutschen sich gegenseitig befehden. Und die Brasilianer waren natürlich nicht damit einverstanden, daß sich sozusagen ein Staat in ihrem Staate bilden und großspuren wollte. Was Wunder, daß es dann im Kriege, in den ja auch Brasilien hineingezogen wurde, zu allerlei Ausschreitungen kam gegenüber den deutschsprechenden Menschen, besonders von Seiten der immerhin noch ein wenig wilden Soldateska und dem Pöbel der

contrárias do governo devido a à Guerra, mas sim quando muito, adequar gradativamente a um modo diferente, ainda mais que os imigrantes alemães sempre se mantiveram leais para com sua nova pátria. Certamente sempre houve exceções. No meu tempo os denominados alemães antigos, em verdade, provocavam uma certa desarmonia entre os teuto-brasileiros, porém, não agiam tão livremente para serem considerados pelos brasileiros um perigo para o Estado. Mais tarde, durante o período nazista, se portavam com mais soberba aqueles seguidores possuídos e fanáticos daquele “coveiro da Alemanha”, que o admiravam e até endeusavam, considerando-o seu “*Führer*” e, para o qual o exército marrom marchava na Alemanha. Eu não me refiro somente a Blumenau, pois não sei como era lá. Mas, em todo lugar onde havia uma população que falava alemão, passava a onda marrom e provocava hostilidade entre os próprios alemães.

Evidente, que os brasileiros não estavam de acordo, por assim dizer, para que aqueles formassem um Estado dentro de seu Estado e se manifestassem com empáfia. Não admira que durante a Guerra, da qual também o Brasil participou, fossem praticados excessos contra os teuto-brasileiros e contra as pessoas que falavam o alemão, principalmente por parte da inculta soldadesca e da ralé, sempre disposta a participar de arruaça. Não havia como evitar a manifestação de ódio contra os elementos de língua alemã, para não dizer de furor; pois muitos inocentes sofreram demais com isso, sendo até maltratados. Embora isso não seja glorioso para os brasileiros, precisa-se considerar que o Brasil estava em Guerra contra a Alemanha, assim como muitas outras nações que também não agiram de maneira diferente. A causa disto estava no “perigo marrom”, que os brasileiros não queriam tolerar. Houve casos em que colocaram o cano da espingarda na boca das pessoas, deixando escorrer água de latrina, procedimento que durante “A Guerra dos Trinta Anos” era chamado de “bebida sueca”. Mas, também houve casos em que a massa enfurecida foi contida pelo bom senso. Contaram-me que o dono de uma fábrica que a ralé queria invadir, entregou a chave de sua casa e da fábrica ao chefe de polícia dizendo: “Eu lhe digo e talvez o Sr. diga isso àqueles lá fora que eu emprego 2000 operários, em sua maioria brasileiros. Caso realizarem seu intento naturalmente ficarão sem o seu ganha pão. Se mesmo assim quiserem, então avante!”. O chefe de polícia conseguiu realmente aplacar a fúria da ralé e contê-la em sua ousadia, mesmo que isso somente tenha acontecido por interesse próprio, quer dizer: consideração para com seus compatriotas. Este foi um tempo infeliz, tanto aqui

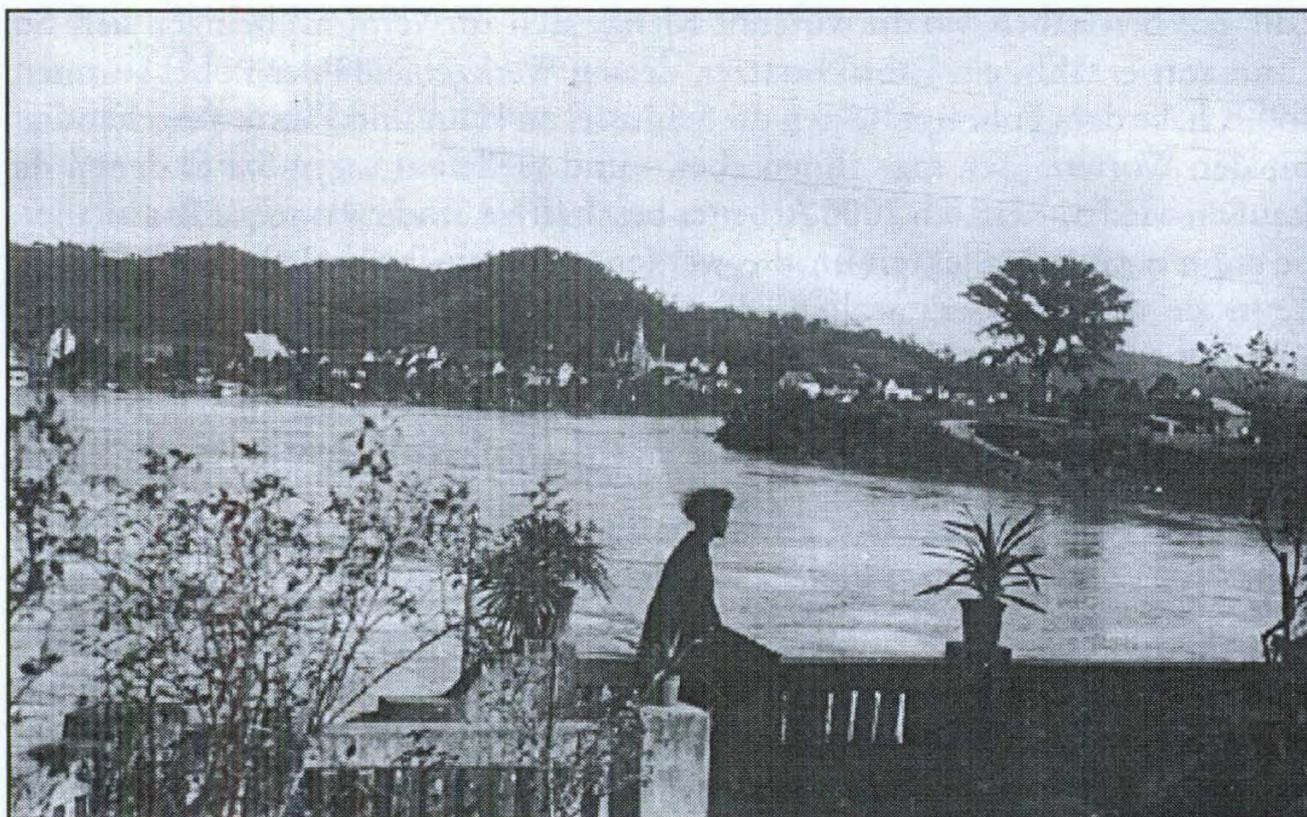
Straße, der ja aber überall zu so etwas nur allzu schnell und gern bereit ist. Daß sich dann der Haß gegen alle deutschsprachigen Elemente richtete und auswirkte, um nicht zu sagen: austobte, und daß viele Unschuldige darunter schwer zu leiden hatten, sogar mißhandelt wurden, konnte dabei nicht ausbleiben. Und wenn das auch gerade kein Ruhmesblatt für die Brasilianer ist, so muß man doch bedenken, daß Brasilien sich ebenso im Kriege mit Deutschland befand, wie die vielen andern, die es auch nicht besser gemacht haben. Die ursächliche Schuld lag jedenfalls in der „Braunen Gefahr“, die die Brasilianer nicht dulden wollten. Es soll da Fälle gegeben haben, wo man den Leuten einen Gewehrlauf in den Mund steckte und durch denselben Jauche in sie hineinlaufen ließ, was man im dreißigjährigen Krieg den „Schwedentrank“ nannte. Es soll aber auch Fälle gegeben haben, wo die wütende Menge sich zur Vernunft bringen ließ. So wurde mir erzählt, ein Fabrikbesitzer, dessen Werkgebäude der Pöbel stürmen wollte, habe dem Polizeipräfekten die Schlüssel zu Haus und Fabrik ausgehändigt mit den Worten: „Ich sage Ihnen aber, - und vielleicht sagen Sie es denen da draußen wieder, - daß ich 2000 Arbeiter beschäftige, und zwar meist Brasilianer, die dann natürlich allesamt brotlos werden, wenn sie ihr Vorhaben ausführen. Wenn sie das trotzdem wollen, dann man los!“ Es gelang daraufhin dem Polizeipräfekten tatsächlich, die tobende Volksmasse zu beschwichtigen und von ihrem unsinnigen Unterfangen abzuhalten: allerdings geschah das nur aus Eigennutz bzw. aus Rücksicht auf die eigenen Volksgenossen. Ja, es war schon hüben wie drüben eine unselige Zeit!

Doch auch diese Zeit hat Blumenau gut überstanden. Am 2. September 1950 konnte es sein 100 jähriges Bestehen feiern, ein Jubiläum in Ruhe und Frieden, in Freude und Dankbarkeit. Und wenn wir, meine Frau und ich, auch erst ein wenig später wieder nach Blumenau kamen, so haben wir doch noch manches davon abbekommen und gesehen und gehört und zum Andenken uns einen schönen, in Blumenau selbst hergestellten und bunt bemalten Schmuckteller aus Porzellan nach Deutschland mitgenommen, auf dem neben dem Wappenschild auf der einen Seite der Dr. Blumenau und auf der anderen ein deutscher Kolonist, der sich auf seine Axt stützt, dargestellt ist, ein Symbol der Zusammenarbeit von Geist und Hand, der die Kolonie ihre Entstehung und Förderung verdankt.

Nun, nach diesem Ausflug in die Neuzeit kehre ich mit meiner Schilderung noch viel lieber zurück nach dem Blumenau, wie ich es damals zum erstenmal sah. Die Lage des Städtchens ist entzückend schön, einfach herrlich! Es liegt nur 14 m über dem Meer. Der Itajaí-Açu - zu meiner Zeit

quanto lá na Alemanha.

Mas, Blumenau conseguiu sobreviver bem a este período. Em 2 de setembro de 1950 pôde festejar seu centenário, um jubileu de paz e tranqüilidade, de alegria e agradecimento. Apesar de minha mulher e eu virmos um pouco mais tarde para Blumenau, ainda assim participamos do evento. Como recordação, levamos para a Alemanha um prato de porcelana fabricado em Blumenau, tendo de um lado o brasão da cidade e Dr. Blumenau, e no lado oposto um colono alemão apoiado em sua enxada, símbolo da integração do trabalho intelectual e braçal, ao qual a Colônia deve sua fundação e seu desenvolvimento.



Vista do Rio Itajaí-açu que encantou o pastor *Fritz Liebhold* que aqui esteve entre 1917-1920.

Bem, depois desse passeio pelos tempos mais modernos, volto minha narração com mais prazer a Blumenau como a vi pela primeira vez no passado. A localização da pequena cidade é encantadora, simplesmente maravilhosa. Ela está situada apenas a quatorze metros acima do nível do mar. O Itajaí-Açu - no meu tempo se escrevia Itajahy - corre através da cidade, avivando toda paisagem com sua margem verde escura. No entanto, às vezes, torna-se perigoso quando

schrieb man Itajahy, heute ist die Schreibweise vielfach vereinfacht und da Ypsilon ganz abgeschafft, - fließt vorbei und hindurch und belebt mit seinen tiefgrünen Ufern das ganze Landschaftsbild. Mitunter kann er allerdings gefährlich werden, wenn seine Wasser hoch und weit über die Ufer treten und sogar die Straßen der Stadt überschwemmen. Die erste derartige Überschwemmung war im Jahre 1855; sie verursachte einen Schaden von 80.000 Milreis. Die größte Überschwemmung in der Geschichte Blumenaus habe ich selbst miterlebt im Jahre 1911, bei der das Wasser des Itajaí eine Höhe von 14,60 m erreichte und der Gesamtschaden fast 170.000 Cruzeiros (die neue jetzt geltende Münzeinheit) betrug. Auch in den Jahren 1927 und 1948 gab es größere Überschwemmungen, die die Stadt schwer in Mitleidenschaft zogen. Als ich ihn - den Itajaí-Açu - aber zum erstenmal sah, floß er friedlich dahin. In den Garten und Anlagen in und um das Städtchen grünte und blüete es, und die Obstbäume trugen ihre köstlichen Früchte. Wunderschön waren damals besonders die Anlagen um das Schützenhaus, wo ich mit meiner Familie 1916 einen ganzen Urlaub verbrachte; das gehört auch zu unsern schönsten und liebsten Erinnerungen an Brasilien. Der Schützenhauswirt hieß Krüger und war ein prächtiger Mann. Er betreute auch die Theaterwirtschaft in der Stadt, und in der zugehörigen Gaststube, in der ich später mit den deutschen Lehrern die Mahlzeiten eingenommen habe, saß man sehr gemütlich. Das ganze Städtchen machte einen blitzsauberen, überaus freundlichen Eindruck, man glaubte in einer schönen deutschen Kleinstadt zu sein, auch die Häuser waren durchweg in deutschem Stile gebaut, damals waren ja auch die weitaus meisten Bewohner der Herkunft nach noch Deutsche. Beim Wandern durch die Straßen fand ich an den Geschäftshäusern viele deutsche Namen, wie: Feddersen, Blohm, Hering, Husadel, Zimmermann, Salinger, Probst, Schrader, Katz und andere; der Zahntechniker hieß Döring, war früher Lehrer an der deutschen Schule; die Apotheke gehörte einer Witwe Brandes, deren Provisor den seltenen deutschen Namen Meyer trug; die beiden Ärzte waren Dr. Gensch und Dr. Kübel. Eine ganze Menge weiterer Namen von deutschen Bewohnern Blumenaus bzw. von evangelischen Gemeindegliedern hörte ich später und lernte dann auch viele von ihnen persönlich kennen, als ich dort 1912 für ein halbes Jahr die Vertretung des nach Deutschland beurlaubten Pfarrers übernommen hatte. - Mittlerweile war es über meinem Spaziergang Abend geworden. Die Straßenbeleuchtung war damals noch nicht gerade erstklassig. Heute allerdings, das kann man wohl sagen, sind die Straßen der Stadt, wie am Tage durch die gleißende Sonne, so des Nachts von künstlichen Licht durchflutet.

o nível d'água ultrapassa a margem, alagando as ruas da cidade. A primeira destas enchentes foi em 1855, o prejuízo foi de 80.000 mil-réis. A maior enchente da história de Blumenau foi em 1911, quando o nível do Itajaí chegou a 14.60 metros, totalizando aproximadamente um prejuízo de 170.000 cruzeiros (a nova moeda corrente). Esta enchente eu vivenciei. Em 1927 e 1948 também houve enchentes grandes, prejudicando muito a cidade.

Mas, quando vi pela primeira vez o Itajaí, suas águas corriam mansamente. Tudo verdejava e floria nos jardins e nas praças, tanto na cidade quanto nos arredores, as árvores frutíferas davam deliciosos frutos. Sobretudo belos eram os jardins em volta da Sociedade de Caça e Tiro. Lá, eu e minha família passamos as férias em 1916. Isso também faz parte de nossas melhores recordações no Brasil.

O ecônomo do Clube chamava-se Krüger e era um homem espetacular. Ele também zelava pelo teatro da cidade e o restaurante anexo era muito aconchegante. Lá, mais tarde, tomava as refeições em companhia dos professores alemães.

Toda cidadezinha transmitia limpeza e cordialidade, tinha-se a impressão de estar em uma pequena cidade alemã. Todas as casas eram no estilo germânico. Naquela época a maioria da população tinha ascendência alemã.

Ao flunar pelas ruas vi muitos nomes alemães em casas comerciais como: Feddersen, Blohm, Hering, Husadel, Zimmermann, Salinger, Probst, Schrader, Katz e outros. O técnico dentista se chamava Döring, foi professor na escola alemã; a farmácia pertencia à viúva Brandes, cujo praticante se chamava Meyer; os dois médicos eram Dr. Gensch e Dr. Kübel. Soube de muitos outros nomes alemães de habitantes de Blumenau, principalmente dos membros da Comunidade Evangélica; destes, conheci muitos pessoalmente em 1912, quando substitui o Pastor em férias na Alemanha.

Enquanto passeava, anoiteceu. Naquela época a iluminação pública ainda não era muito boa. Pode-se dizer que hoje as ruas são tão iluminadas à noite, quanto de dia à luz do sol.

Naquela primeira noite fiquei durante muito tempo parado junto ao rio escuro e murmúrio. Era uma noite maravilhosa impregnada de perfume sob o céu estrelado do hemisfério sul. Foi difícil desprender-me de lá e retornar ao abafado quarto de hotel.

Enfim, acabei voltando. Pretendia desempacotar e arrumar algumas coisas e abri a gaveta do criado-mudo. Ai de mim! Havia um ruído estranho e

An jenem meinem ersten Abend in Blumenau stand ich noch lange an dem dunkel und leise dahinrauschenden Fluß. Es war ein wundervoller, durftdurchwehter Abend unter dem sternenbesäten südlichen Himmel. Nur schwer konnte ich mich loslösen und zur Rückkehr in mein dumpfes, stickiges Hotelzimmer entschließen. Schließlich landete ich aber doch wieder dort. Ich wollte zunächst noch einige Sachen auspacken und einordnen. Dabei machte ich auch die Nachttischschublade auf. Aber o weh! Darin raschelte und kribbelte und krabbelte es, etwas Ekliges lief mir über die Hand, die ich hastig zurückzog und dadurch das häßliche Etwas auf den Fußboden schleuderte. Ich sah etwas Dunkles davonhuschen und trat schnell mit dem Fuß darauf. Es gab einen Knall, und übrig blieb ein braun-weißer Matsch. Ich sah: das war einmal ein großer brauner Käfer. Und von solchen wimmelte es förmlich in der Schublade. Es waren sogen. baratas, bei uns Kakerlaken oder Schaben genannte, wie ich sie in dieser Größe – sie waren durchweg 4-5 cm lang – und Menge zum erstenmal mit einem gewissen Gruseln beieinander sah. Später machte ich mir nicht mehr soviel daraus. Sie gehören, genau genommen, zur Familie der Geradflügler, wie die Heuschrecken und Grillen, haben auch solche Flügel wie diese, d. h. nur die Männchen, während bei den Weibchen die Flügel total verkümmert sind. Bei ihrer abgeflachten Gestalt können sie ihr Dasein gern in Ritzen und Spalten führen, wo man ihnen nur schwer beikommen kann; sie sind sehr lichtscheu und kommen daher erst in der Dunkelheit zum Vorschein. In dem kühleren Klima von Santa Thereza waren sie weniger vertreten, dagegen in dem wesentlich wärmeren von Pommerode, wo wir von 1917- 1920 waren, sehr viel mehr zu Hause, namentlich in der Küche. Unter unserm aus Ziegeln gemauerten Herd war eine Nische, in der Papier und Holz gelagert war, und wenn man abends oder nachts dorthin kam, dann war da ein Spektakel, als ob eine Herde von Mäusen ihr Wesen triebe. Jedoch – es waren keine Mäuse, sondern „Baratten“, die da im Dunklen durcheinander wirbelten. Diese lieblichen Tierchen – richtiger müßte man sagen: widerlichen Viecher – waren nicht nur ekelhaft, sondern auch sehr schädlich; denn sie fraßen alles, was ihnen zwischen die harten Kiefern kam. Manches Loch in Strümpfen, Wäsche, Gardinen, Krawatten usw. hatten wir ihnen zu verkanden. Ihretwegen waren auch keine Tapeten an den Wänden, sondern diese waren nur weiß oder mit farbigen Mustern getüncht, weil sie auch die Tapeten zernagt hatten. Diese lästigen Tiere vermehren sich außerordentlich. Die Weibchen legen etwa 1 cm lange flachrunde Kapseln, – ähnlich wie die Heuschrecken – die zuerst weiß sind, dann braun werden, in denen 22 – einmal habe ich sie gezählt – oder mehr Eier, winzig klein, an den

uma coisa nojenta correu sobre minha mão, tirei-a depressa e a joguei no chão. Vi algo escuro correr e depressa pisei nisso. Deu um estalo, apenas sobrou uma massa marrom esbranquiçada. Percebi que era um grande besouro marrom. A gaveta literalmente fervilhava. Eram as chamadas baratas, elas tinham quatro a cinco centímetros de comprimento. Era a primeira vez que vi tantas desse tamanho. Era de arrepiar. Mais tarde já não me incomodava mais tanto.

São insetos ortópteros, também possuem asas como os gafanhotos e os grilos, quer dizer, apenas os machos, enquanto as fêmeas as têm atrofiadas. Seu formato achatado permite adentrar frestas onde é difícil alcançá-las, e como não gostam de luz somente aparecem na escuridão. No clima frio de Santa Tereza havia bem menos, ao contrário de Pomerode - lá moramos de 1917-1920 - onde era bem mais quente, principalmente na cozinha.

Debaixo do fogão de alvenaria havia um nicho onde se depositava o papel e a lenha. À noite, quando nos aproximávamos, o barulho era tanto que mais parecia um monte de camundongos fazendo das suas. Porém, não eram camundongos, mas baratas que rodopiavam no escuro. Estes adoráveis bichinhos - o certo seria dizer esta bicharada repugnante - não eram apenas nojentos, mas também prejudiciais, pois devoravam tudo o que estava ao seu alcance. Devíamos às baratas os buracos em meias, roupas, cortinas e gravatas. Por causa destes bichos não havia papel de parede, eles devorariam tudo. Assim, as paredes eram pintadas de branco ou com tinta de cor.

Estes bichos incômodos se multiplicavam de modo extraordinário. As fêmeas põem cápsulas arredondadas e achatadas de um centímetro - assim como os gafanhotos, no início amarelos, depois marrons - que contêm vinte e dois ovos minúsculos ou às vezes mais, distribuídos regularmente em ambos os lados.

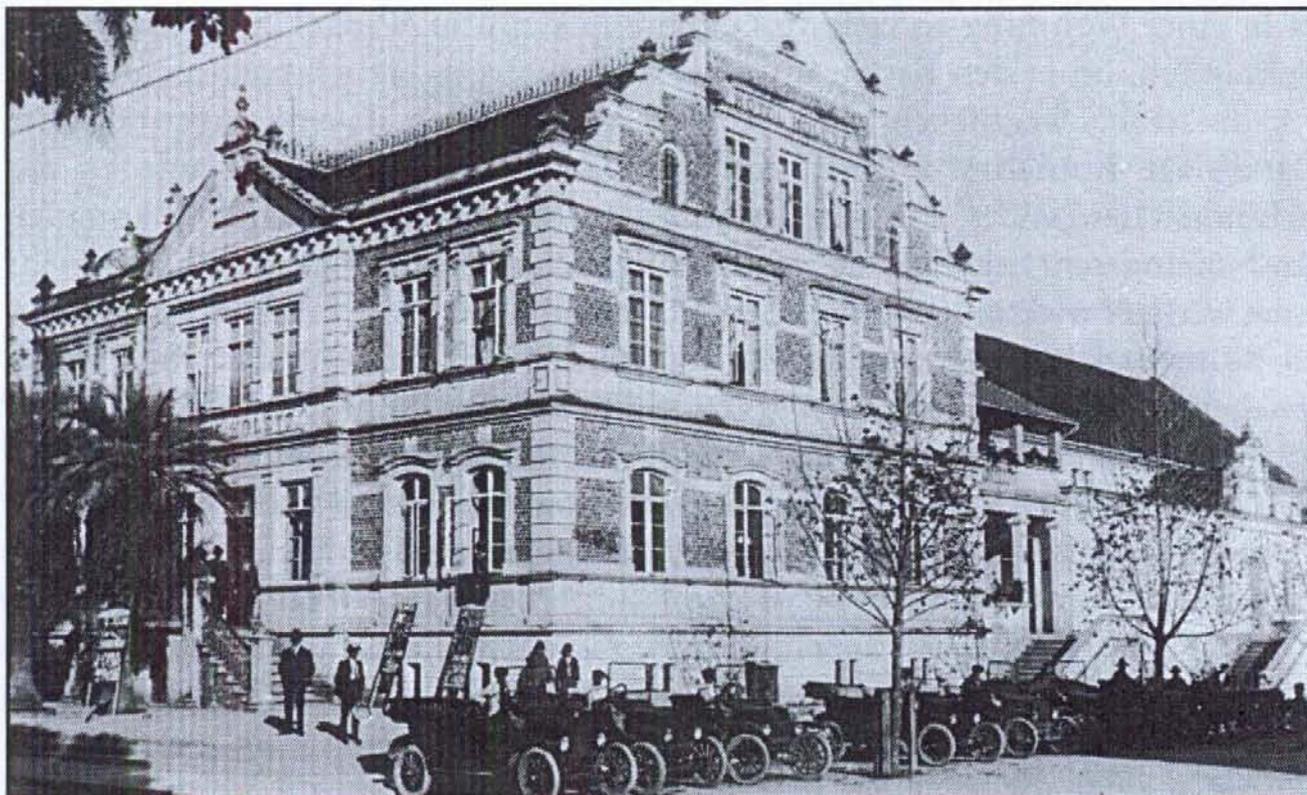
Numa ocasião os contei. Elas prendem estas cápsulas, preferencialmente, nas frestas das paredes rentes às portas e também no chão, cobrindo-as com a tinta de cal raspada das paredes, tornando-os invisíveis. Precisa-se verificar diariamente com atenção onde se encontram, mesmo assim, não se consegue dominar esta praga, pois existem muitos refúgios como: atrás dos armários, debaixo das camas, etc. É impossível remover a mobília todos os dias. Assim precisamos conviver com elas e considerá-las uma praga inevitável - que serve para refrear todo o entusiasmo que sentimos pela beleza do país, o que comprova que aqui na terra nada é perfeito e que não existe beleza absoluta - embora já existem produtos mais ou menos eficazes para combatê-las. Naquela primeira noite em Blumenau me deitei meio inquieto, pois o ruído das baratas me perseguiu em

beiden Innenwänden regelmäßig verteilt und angeklebt, eingeschlossen sind. Diese Kapseln heften sie mit Vorliebe an den Wänden dicht neben den Türinnen oder Fußbodenleisten an und bedecken sie mit der von der Wand abgenagten Kalkfarbe, sodaß sie schier unsichtbar sind, und man muß beim Suchen danach schon sehr scharf hinsehen, um sie zu entdecken und das muß man jeden Tag aufs neue tun, und trotzdem wird man nicht Herr über diese Plage; denn es gibt ja in einer Wohnung so viele verborgene Ecken und Winkel, z. B. hinter den Schränken, unter den Betten usw., wo man nicht tagtäglich nachsuchen oder gar die Möbel wegrücken kann. So muß man sie eben als eine unvermeidbare Landplage hinnehmen, gleichsam als Dämpfer für all die Freude an der Schönheit des Landes, als einen Beweis, daß es hier auf Erden nichts vollkommen und uneingeschränkt Schönes gibt, wenngleich es neuerdings mancherlei mehr oder weniger wirksamer Vernichtungsmittel gibt. – An jenem ersten Abend nun in Blumenau legte ich mich etwas beunruhigt schlafen, und das knisternde, raschelnde Geräusch der unterwegs befindlichen „Baratten“, das sich allmählich auf das ganze Zimmer verteilte, verfolgte mich bis in meine Träume hinein. Am andern Morgen erst bemerkte ich die Spuren ihrer nächtlichen Tätigkeit, von der ich bis dahin nichts ahnte, an meinen Sachen, die ich nach dieser ersten bösen Erfahrung möglichst immer unter festem, dichtem Verschuß hielt.

Nachdem ich an diesem Morgen meines zweiten Blumenautages Kaffee getrunken hatte, besichtigte ich noch einmal ausgiebig das ganze Städtchen bei Tageslicht, und nachmittags studierte ich wieder ein wenig Portugiesisch. Am Abend machte ich mich auf den Weg ins Pfarrhaus, wohin mich der Kollege zum Abendbrot eingeladen hatte. Beim Mittagessen hatten mich bereits die an der deutschen Schule angestellten Lehrer entsprechend informiert, besonders über die etwas merkwürdige Pfarrfrau. Sie war Engländerin, wie ich ja schon von ihrem Mann gehört hatte. Ich stellte das dann an ihrer Aussprache des Deutschen auch selbst fest. Unter anderm hatte man mir erzählt, daß sie eine absonderliche Auffassung von den Pflichten einer deutschen Pfarrfrau habe. Punkt 12 Uhr würde im Pfarrhause zu Mittag gegessen. Sie sah es darum als ihrer Pflicht an, dafür zu sorgen, daß um diese Zeit niemand mehr ihren Mann mit amtlichen Dingen „belästigte“. War aber doch noch ein Kolonist im Studierzimmer ihres Mannes, so steckte sie Punkt 12 Uhr ihren schwarzbewellten, im Haarkurzschritt – das war damals noch eine Sonderheit – befransten Kopf durch die einen Spalt breit geöffnete Zimmertür und rief: „Uolter“, – er hieß Walter, sie aber sprach das englisch aus, – „essen“! – Und drückte die Tür mit ziemlicher Lautstärke zu. Kannte der Besucher ihre

meus sonhos. Na manhã seguinte, percebi as marcas de sua atividade noturna. Após essa experiência, da qual nem fazia idéia, eu guardava minhas coisas, de preferência, bem trancadas.

Vista do Hotel Holetz, local onde o pastor *Fritz Liebhold*, hospedou-se durante a sua permanência em Blumenau. Em frente ao hotel observa-se os carros de aluguel, os quais



faziam os serviços dos atuais táxis.

No segundo dia, após ter tomado o café, dei mais uma ampla olhada à luz do sol na pequena cidade, à tarde estudei mais um pouco de português. À noite fui à casa do Pastor, ele havia-me convidado para a ceia. Os professores da Escola Alemã haviam me informado devidamente durante o almoço sobre a excêntrica mulher do Pastor.

Ele já havia me dito que ela era inglesa, o que pude constatar pessoalmente pelo seu sotaque. Entre outras coisas me disseram que ela tinha uma noção singular sobre os deveres de uma esposa de Pastor. O almoço era servido meio-dia em ponto.

Ela achava que era seu dever providenciar que ninguém mais “aborresse” seu marido com assuntos relativos à igreja a esta hora. Caso ainda tivesse algum colono no escritório ela apenas colocava sua cabeça com seus cabelos

Gewohnheiten nicht oder noch nicht und blieb noch, oder reagierte er nicht sofort, dann ertönte der Ruf: „Uolter, essen!“ zum zweitenmal sehr laut und deutlich vom Nebenzimmer her, und – der erste Teller knallte auf die Dielen. Dann sprang „Uolter“ natürlich schleunigst auf und versuchte den nunmehr unbeliebten Gast mit größtmöglicher Eile hinauszukomplimentieren, bevor oder auch während schon der 2. Teller zu Bruch ging. Und es sollte schon vorgekommen sein, daß der ganze Eigenbestand an Tellern draufging, und „Uolter“ mußte neue kaufen, weil es ihm nicht gelungen war, einen besonders harthörigen und verständnislosen Besucher rechtzeitig hinauszubefördern. Auch – so ging das Gerücht – hätte die sehr energische Dame, als ihr Mann es einmal wagte, wider den Stachel zu löcken und ihr ihre eben beschriebene Methode vorzuwerfen, während der ehelichen Auseinandersetzung in ihrer Wut ihrem „Uolter“ die gefüllte Suppenterrine, deren Inhalt – hoffentlich – in der Wartezeit etwas abgekühlt war, an den Kopf geworfen, worauf dann erst sie sich selbst abkühlte. – Wenn nun aber mal, was selten geschah, ein Gast von ihr oder mit ihrem Einverständnis eingeladen war zum Abendbrot, so wurde er Schlag 9, also 21 Uhr ohne Rücksicht, wer es war, in unmißverständlicher Weise an die Luft gesetzt, also sozusagen hinausgeworfen. Ich merkte mir das und beschloß, solch einem Tagesabschluß meinerseits vorzubeugen, ihrem möglichen Angriff zuvorzukommen und einen Gegenangriff zu unternehmen. So vorbereitet ging ich den Abend los. Der Weg führte durch eine herrliche Palmenallee, die Kronen rauschten leise im etwas kühlen Abendwinde, ich ging ganz langsam; denn es war unbeschreiblich schön. Dann kam ein etwas gewundener Aufstieg zu dem Hügel, auf dem Pfarrhaus und Kirche nebeneinander liegen, letztere in der Form eines Oktogons gebaut, ohne Turm; denn einen solchen durften die Evangelischen zur Zeit des Kaiserreiches, da der Katholizismus Staatsreligion war, nicht bauen, das wurde erst nach der Revolution 1889 gestattet. Daher steht der aus Holz aufgeführte Glockenturm neben der Kirche, die bereits 1877 eingeweiht wurde.

Im Pfarrhause wurde ich freundlich, ich möchte sagen: von Seiten der Pfarrfrau mit geradezu übersprudelnder Freundlichkeit empfangen. Der Kollege und ich saßen erst noch ein Weilchen in seinem Studierzimmer beisammen; Thema unseres Gesprächs war vor allem meine augenblickliche Lage und meine zukünftige Aufgabe. Die Pfarrfrau rief zum Abendbrot, wir erhoben uns sogleich und marschierten selbender ins Eßzimmer. Nach dem Abendessen, das in angeregter Unterhaltung über Deutschland und Brasilien schnell verging, setzten wir uns draußen auf die Veranda, wo uns eine kühle Limonade serviert wurde.

pretos, curtos e encaracolados pela porta - na época uma particularidade - e chamava “Uolter”, - ele se chamava Walter, mas ela falava com pronúncia inglesa - “venha comer”! E fechava a porta com bastante força.

Caso o visitante desconhecesse sua maneira de agir, ou não se levantasse imediatamente, ecoava pela segunda vez alto e bom som: “Uolter, venha comer”. E o primeiro prato se espatifava no chão. Evidente que “Uolter” se levantava depressa e tentava fazer com que o indesejado visitante se retirasse o mais rápido possível, antes ou mesmo durante a quebra do segundo prato. Já acontecera que todos os pratos foram quebrados e “Uolter” teve de comprá-los de novo, pois não conseguira fazer sair um visitante surdo, o qual não compreendera nada.

Também corria o boato, de que durante uma discussão entre o casal, na qual ele arriscou “a dar coices contra o aguilhão”, repreendendo-a pelos métodos acima descritos, a enérgica mulher, em sua raiva, despejara todo conteúdo da sopeira contra a cabeça de “Uolter” (tomara que neste meio tempo o conteúdo tenha esfriado!), esfriando a seguir a sua cabeça.

Caso alguém tivesse sido convidado para a ceia com seu consentimento - o que acontecia raramente - ele era “convidado” a ir embora às nove horas sem a menor consideração, digamos, posto para fora. Eu decidi que tomaria o devido cuidado e anteciparia um contra ataque antes dela tomar a ofensiva.

Assim, prevenido, saí para enfrentar a noite. O caminho atravessava uma magnífica alameda de palmeiras, as copas farfalhavam ao sabor do vento, andei bem devagar, pois era indescritivelmente belo. Um caminho um pouco sinuoso na colina levava para a casa do Pastor, que ficava ao lado da igreja sem torre, de formato octogonal. Na época do Império era vetado aos protestantes construir uma igreja com torre, pois a religião oficial do país era o catolicismo. Esta somente foi construída após a revolução de 1889. Por isso a torre de madeira, inaugurada em 1877, está ao lado da igreja.

Fui recebido gentilmente na casa paroquial e de maneira extremamente simpática pela mulher do Pastor. O colega e eu ficamos durante algum tempo em seu escritório e falamos sobre a minha atual situação e futura missão.

A esposa do Pastor chamou para a ceia, imediatamente nos levantamos e fomos à sala de jantar. Após a ceia, que transcorreu rapidamente devido a conversa animada sobre a Alemanha e o Brasil, sentamos na varanda onde foi servida uma limonada.

Frau Pastor blieb diesmal dabei. Die Unterhaltung schleppte sich ziemlich träge dahin. Ich war auf dem qui vive und blickte öfter verstohlen auf meine Uhr, sie wartete mit einer gewissen Spannung, wie es mir vorkam, auf ihre Stunde, und ihm schien ein wenig unbehaglich in Erwartung der bekannten Szene zu sein. Aber ich rettete, wie vorgenommen, die Situation. Kurz vor neun Uhr trank ich mein Glas aus, stand spontan auf und bat, mich nun empfehlen zu dürfen. Der Herr Pastor stand ebenfalls auf, wie auf Befehl, Frau Pastor aber sah mich erstaunt, verblüfft, ja entgeistert an. Es war ihr wohl noch nie vorgekommen, daß ein Gast genau zu der ihr erwünscht scheinenden Stunde sich verabschieden wollte. Sie blieb aber sitzen und meinte lächelnd: „Aber, Herr Pastor, wir sitzen doch noch so gemütlich zusammen. Haben Sie es denn so eilig mit dem Schlafengehen bei dieser Hitze? Bleiben Sie doch noch ein Stündchen!“ Ich darauf: „Ihr Wunsch ist mir Befehl, Frau Pastor, bleibe ich also noch ein bißchen. Aber wenn Sie meinen, daß es Zeit ist für mich zu gehen, oder wenn Sie mich gern los sein wollen, dann werfen Sie mich, bitte, einfach raus!“ Da sprang sie höchst erfreut auf, hüpfte von einem Bein aufs andere, tanzte förmlich über die Veranda, - sie war ein zierliches Persönchen, - und lachte dabei enthusiastisch: „Das hat mir noch keiner gesagt! Das hat mir noch keiner gesagt! Das werde ich tun! Das ist schön!“ (Sie sagte: „ßön“ und lispelte das „ß“ ein wenig nach englischer Art). - Wir setzten uns also nochmal hin, und jetzt wurde es wirklich gemütlich und unser Gespräch sehr lebhaft. Es kam schließlich darauf hinaus, daß sie mir den Rat gab, doch nicht im Hotel wohnen zu bleiben und die teuren Spesen zu bezahlen, - daß sie mich selbst nicht als Gast im Hause haben wollte, darüber wurde kein Wort mehr verloren, - sondern die Nachbarkollegen zu besuchen, bei denen ich in ihrem sozusagen ländlich d. h. in der Kolonie gelegenen Pfarrhause die Tage und Nächte bis zu meiner Einführung sicherlich bleiben könne. Ich erklärte, diesen Rat gern befolgen zu wollen, zumal ich selbst Interesse hatte, die Kollegen und auch die Kolonien der Umgegend kennen zu lernen. Ein Vorschuß aus der Reisepredigerkasse war mir schon gleich zu Beginn des Abends von Pastor Hymmelmuet ausgehändigt worden. - Es war so gegen halb elf, da meinte die Hausfrau, so ein bißchen spitzbübisch: „So, Herr Pastor, jetzt ist es Zeit für Sie, jetzt schmeiß' (ßmeiß!) ich Sie raus.“ Und wieder lachte sie und freute sich diebisch. Ich hatte fortan einen Stein im Brett bei ihr, so viel Spaß hatte ihr mein Auftreten gemacht, wie er selbst mir beim Hinausbegleiten versicherte. So verabschiedete ich mich denn endgültig und machte mich auf den nächtlichen Rückweg unter den leise rauschenden Palmen zu meinem Hotel, wo ich diesmal trotz dumpfen Zimmers und Baratten Rumorens ausgezeichnet

Desta vez a esposa do Pastor nos fez companhia. A conversa se arrastava lentamente. Estava atento e disfarçadamente olhava o relógio. Tive a impressão de que ela aguardava relativamente tensa pela “sua” hora e ele parecia sentir-se desconfortável na expectativa da já conhecida cena. Mas, salvei a situação como pretendia.

Pouco antes das nove horas tomei o resto da limonada, levantei espontaneamente e pedi licença para me retirar. O Pastor também levantou como por comando, sua esposa me olhou espantada, perplexa, atônita. Certamente, nunca havia acontecido um convidado despedir-se na hora desejada. No entanto, ela ficou sentada dizendo: “Mas, Sr. Pastor, nós estamos aqui sentados de modo tão agradável. O Sr. tem tanta pressa para dormir com todo este calor? Fique ainda por uma hora”.

Eu lhe respondi: “Sra., sua vontade é uma ordem, portanto, ainda ficarei um pouco. Mas, quando a Sra. achar que seja hora de me retirar ou livrar-se de mim, por favor mande-me embora!”.

Ela se levantou muito contente, pulou de um lado para outro, literalmente dançou pela varanda – ela era uma pessoa graciosa – e ria com entusiasmo: “isto, até agora, ninguém me disse! Vou fazer isso! Isso é muito bom”. Sentamos novamente, agora a conversa transcorreu agradável e animada.

Por fim fui aconselhado a não permanecer no hotel, pois a despesa seria alta, sem mencionarem que não me queriam como hóspede. Aconselharam-me a visitar os colegas da redondeza, onde certamente poderia ficar em meio a uma paisagem bucólica, quer dizer, permanecer na casa do Pastor da Colônia até minha instalação definitiva. Falei que seguiria com prazer este conselho, pois tinha interesse em conhecer os colegas e a redondeza. Já havia recebido no início da noite, do Pastor Hymmelmuet, um adiantamento dos recursos disponíveis para missionários.

Por volta das dez e meia a dona da casa falou: “Bem, Sr. Pastor, agora está na hora de eu colocá-lo para fora”. Mais uma vez riu e divertiu-se demais. Ao sair, o Pastor me disse que ela ficou feliz com minha atitude, tanto que daí em diante eu subi em seu conceito. Então me despedi e segui por entre o farfalhar das palmeiras para o hotel, onde dormi muito bem, apesar do ruído das baratas.

No dia seguinte resolvi seguir o conselho dado. Logo após o meio-dia saía um trem de Blumenau para Hansa Hammonia. A primeira estação depois de Blumenau era Itoupava-Seca, chamada Altona pelos teuto-brasileiros, a exem-

schlief.

Anderntags beschloß ich, den mir erteilten Rat gleich zu befolgen. Kurz nach Mittag fuhr ein Zug auf der Eisenbahnstrecke Blumenau – Hammonia Hansa. Die erste Station hinter Blumenau hieß Itoupava Secca, von den Deutsch-Brasilianern meist nach Hamburgs Vorbild Altona genannt, damals Vorort von Blumenau, heute eingemeindet. Als nächste Station folgte Salto Weißbach. Hier stieg ich aus und ging zum Flußufer hinunter, wo eine Fähre mich auf die andere Seite brachte. Dort lag die deutsche Kolonie Badenfurt. Ich kam an einer Schmiede vorbei, einer richtigen deutschen Schmiede, und der Meister Schmied war auch ein Deutscher, ein geborener Westfale oder, wie man drüben sagte, ein Westfälinger von echtem Schrot und Korn. Er hieß mit seinem wirklichen Namen Hemmer, sein Haar war schon ergraut, der kräftige Schnurrbart ebenso, aber groß und breit war seine Gestalt, mit muskulösen Armen, dabei blickten Biederkeit und Gutmütigkeit aus seinen strahlend blauen Augen, kurzum ein ganz prachtvoller Mann. Ich unterhielt mich eine ganze Weile mit ihm, es freute ihn mächtig zu hören, daß ich auch ein geborener Westfale sei. Er wies mir dann den Weg zum Pfarrhaus. Eine kurze Strecke noch, und dasselbe lag vor mir, unmittelbar an der steinigen, staubbedeckten Straße, ein einfacher weißgetünchter Bau, ungünstig gelegen, weil ziemlich unmittelbar dahinter der Fluß vorbeiströmte, in stagnierendem Lauf die Ufersteine überspülte und so eine Brutstätte für zahllose Mosquitos schuf, die ja bei der Verbreitung der malaria-Krankheit oder des kalten Fiebers, wie man dort sagte, eine gefährliche Rolle spielen. Doch davon später.

Ich klopfte an die Tür des Pfarrhauses, klatschte auch zugleich in die Hände und rief – nach brasilianischer Sitte – „Oh de casa!“ Ich wußte ja nicht, wie es hier die Sitte verlangte. Es erschien jedenfalls in der geöffneten Tür ein blondes deutsches Mädchen, offenbar der dienstbare Geist der Pfarrersleute. Ich bot die Tageszeit, natürlich auf deutsch, und dann entspann sich zwischen uns etwa folgender Dialog: „Ist der Herr Pastor zu Hause?“

„Nein.“

„Wo ist er denn?“

„Fortgeritten.“

„Wohin denn?“

„Da und da hin.“

Sie nannte einen Namen, mit dem ich natürlich nichts anzufangen wußte.

„Wie weit ist das denn?“

plo de um subúrbio de Hamburgo. Naquela época era subúrbio, hoje está integrado à cidade. A próxima estação era Salto-Weissbach.

Ali desci do trem, fui até a margem do rio e atravessei de balsa. Lá, ficava a Colônia alemã de Badenfurt. Passei por uma ferraria, bem ao estilo alemão. O mestre ferreiro também era alemão, nascido na Vestfália, e como se dizia na Alemanha, um autêntico honesto “Westfalinge” (sic). Ele se chamava Hemmer, seu cabelo já era grisalho assim como seu denso bigode. Era de estatura alta e forte, com braços musculosos, no entanto, seus luminosos olhos azuis transmitiam bondade, enfim, um homem vistoso. Conversamos durante algum tempo e, alegrou-se ao saber que eu também era da Vestfália. Então indicou o caminho para a casa do Pastor. Após uma pequena caminhada me vi diante da mesma. Era uma construção simples, caiada de branco, sua localização inadequada, logo atrás do rio.

A água escorria sobre as pedras da margem e na água estagnada proliferavam os mosquitos, fator responsável pela propagação da malária. Disso, porém, falarei mais tarde.

Bati na porta da casa do Pastor, bati palmas e chamei à moda brasileira: “Oh de casa”! Eu não conhecia bem o costume daqui. Uma moça alemã loira apareceu na porta, pelo jeito a empregada da casa. Perguntei que horas eram, naturalmente em alemão e a seguir mantivemos o seguinte diálogo:

- O Sr. Pastor está em casa?

- Não.

- Onde se encontra?

- Saiu a cavalo.

- Para onde?

- Para lá e para cá.

Ela mencionou um nome com o qual não soube o que fazer.

- É muito longe até lá?

- Duas a três horas.

- Quando é que ele volta?

- Mais ou menos pelas seis, sete horas da tarde.

Houve uma pausa..... Enquanto isso a moça me olhava com pouca simpatia. Provavelmente se perguntava: “Quem será este homem”? Em vez de botas eu usava sapatos, trajava um terno bem assentado, o chapéu era relativamente bom, não velho e amassado, usava uma camisa branca de colarinho e uma

„Zwei bis drei Stunden.“

„Wann kommt er denn zurück?“

„So um 6 oder 7 Uhr heute abend.“

Aus! – Pause! – Während der ganzen Zeit musterte mich das Mädchen mit nicht sehr freundlichen Blicken: „Wer mochte dieser Mann sein?“ „So fragte sie sich sicher. Ich hatte keine Stiefel an, sondern Schuhe, ich trug einen einigermaßen gut sitzenden Anzug, hatte keinen zerbeulten, alten Hut auf, sondern einen noch ziemlich ansehnlichen, trug kein buntes Halstuch und kein buntes Hemd, sondern ein weißes mit Stehkragen und Schlips. Ich sah für sie jedenfalls nicht wie ein Kolonist aus, noch weniger wie ein Landstreicher, sondern eben wie ein Fremder, der Gott weiß woher kam und darum erweckte ich ihr spürbares Mißtrauen. Sie hielt mit aller Gewalt die Tür fest und nur einen Spalt breit offen. Dann gings weiter in unserer geistreichen Unterhaltung:

„Ist denn die Frau Pastor da?“

„Nein.“

„Wo ist die denn?“

„Auch fort.“

„Wohin denn?“

„Nach da und da hin.“

Sie nannte wieder einen mir unbekanntem Namen.

„Wie weit ist das denn?“

„So zwei bis drei Stunden.“

„Wann kommt sie denn wieder?“

„Um 5 Uhr, sagte sie.“

Aus war 's wieder! – O ja, die war stur! Ich wollte nicht so zwischen Tür und Angel noch länger stehen bleiben und verhandeln. So nahm ich einen Anlauf und erklärte: „Also, ich bin der neue Reiseprediger und wollte gern den Herrn Pastor mal sprechen. Kann ich nicht in seinem Arbeitszimmer auf ihn warten?“ Sie wußte keine Antwort und hielt nur immer die Tür krampfhaft fest. Da verlor ich die Geduld und drückte die Tür mit sanfter Gewalt auf. Sie starrte mich mit schreckerfüllten Augen an und flüchtete in den Hintergrund des dunklen Flurs. Ich dachte bei mir: Es gibt aber wirklich komische Pfarrhäuser hier in Brasilien, bisher bin ich jedenfalls nur solchen begegnet. Laut aber sagte ich einige beruhigende Worte: ich sei wirklich der neue Reiseprediger, also auch ein Pastor, wenn sie das besser verstehe. Sie brachte also keine Angst zu haben, daß ich etwa rauben oder stehlen wolle, sie möge mir nur das Arbeitszimmer zeigen, ich würde mich dann ruhig dort hinsetzen und mir die Zeit mit lesen

gravata, ao invés de xale e camisa colorida. Em todo caso não parecia um colono, muito menos um vagabundo, porém mais um estranho, que sabe Deus de onde veio, por isso tanta desconfiança. Ela segurava a porta com firmeza, deixando apenas uma fresta aberta. Então continuamos com nossa conversa inteligente:

- A mulher do Pastor está?

- Não.

- Onde se encontra?

- Também saiu.

- Para onde?

- Para lá e para cá.

Ela mencionou um nome desconhecido.

- Muito longe?

- Umas duas, três horas.

- Quando vai voltar?

- Ela disse às cinco horas.

Mais uma vez nada! - Ah, esta era tapada! Eu não queria negociar parado na porta. Resolvi explicar: “Bem, sou o novo missionário e queria falar com o Pastor. Posso aguardá-lo em seu escritório”? Ela não sabia o que responder e continuou a segurar a porta com firmeza. Então perdi a paciência e abri a porta energeticamente. Ela me olhou apavorada e recuou para o fim do vestibulo.

Eu pensei cá comigo: existem realmente casas de Pastores bem esquisitas no Brasil, em todos os casos é o que havia encontrado até agora. Falei para acalmá-la que eu era mesmo o novo missionário, também um Pastor, caso ela entendesse isso melhor. Ela não precisaria ter medo de eu roubar alguma coisa, apenas mostrasse o escritório onde permaneceria sentado tranqüilamente e lería alguma coisa para passar o tempo até a chegada do Sr. Pastor.

Enfim, abriu uma porta sem dizer nada e finalmente pude entrar no santuário do meu colega. Lá, a temperatura estava agradável, ao contrário do calor insuportável de fora, ao qual estivera exposto até aquele momento. Assentei-me numa cadeira e a senhorita desapareceu fechando a porta rapidamente, deixando-me entregue a mim mesmo.

Descansei um pouco, peguei um livro da estante do colega ausente e comecei a ler. Não demorou muito e a porta se abriu um pouco, deixando aparecer uma cabeleira loira que desapareceu em seguida. Isso se repetiu várias vezes, mas cada vez demorava mais a cabeça sumir. Enfim, a menina desconfia-

vertreiben und warten, bis der Herr Pastor käme. Schließlich öffnete sie wortlos eine Tür, und ich durfte endlich in das Allerheiligste meines Herrn Amtsbruders eintreten. Es war angenehm kühl im Zimmer im Gegensatz zu der brüllenden Hitze draußen, der ich bis dahin ausgesetzt war. Ich ließ mich aufatmend auf einem Stuhl nieder, und die kleine senhorita verschwand, indem sie schleunigst die Tür schloß und mich meinem Schicksal überließ. Nachdem ich mich ein wenig verpustet hatte, suchte ich mir ein Buch aus dem Bücherregal des abwesenden Kollegen und begann zu lesen. Es dauerte nicht lange, da öffnete sich die Stubentür einen Spalt, herein lugte ein blonder Schopf, verschwand aber sogleich wieder. Das wiederholte sich ein paarmal, doch dauerte es jedesmal etwas länger, bis sich der Kopf wieder zurückzog. Endlich aber wagte sich das in Mißtrauen und Beschränktheit befangene Mädchen einen Schritt weit ins Zimmer, nachdem sich überzeugt hatte, daß ich immer noch ruhig lesend dasaß, und fragte zaghaft: „Seid Ihr wirklich auch ein Pastor?“ – Die Anrede „Sie“ ist bei den Kolonisten nicht üblich oder wenig gebräuchlich. – Sie hegte also immer noch Zweifel an meiner Glaubwürdigkeit, vielleicht, weil ich für einen „Pastor“ zu jung aussah. Nun, ich bejahte natürlich ihre Frage kräftig und erzählte ihr, daß ich erst vor kurzem aus Deutschland herübergekommen wäre. Da sah sie mich mit großen Augen an und meinte, sie stämme auch aus Deutschland und sei ein paar Jahre in die deutsche Schule hier in Badenfurt gegangen, das Lesen sei aber doch nicht so leicht. Aber weil ich auch so viel lese, müsse ich es offenbar so gut können, wie auch ihr Herr Pastor, und darum glaube sie nun, daß auch ich wirklich ein „Herr Pastor“ sei. Nun hatte sie also endlich und endgültig ihr Mißtrauen und ihre Zweifel überwunden.

Ein Beweis dafür schien mir zu sein, daß sie mich fragte, ob ich nicht gern eine Tasse Kaffee trinken möchte. Ich stimmte selbstverständlich freudig und dankbar zu, und sie brachte mir eine wirklich leckere und gute Tasse Kaffee. Den verstehen sie in Brasilien tatsächlich alle zu brauen. Der Genuß des Kaffees trug erheblich dazu bei, mir meine Wartezeit schneller verrinnen zu lassen.

Gegen 5, also 17 Uhr hörte ich Stimmen im Flur, und gleich darauf trat oder soll ich lieber sagen: fegte die Frau Pastor zu mir ins Zimmer und begrüßte mich sehr lebhaft in folgender Weise etwa: „Guten Tag, Herr Reiseprediger! Das ist aber schön, Herr Reiseprediger, daß Sie uns besuchen. Wie geht 's denn, Herr Reiseprediger? Haben Sie sich schon an diese furchtbare Hitze gewöhnt, Herr Reiseprediger?“

Und so ging 's fort in einem nicht zu hemmenden Wortschwall. Ich brauchte gar nichts zu sagen, höchstens ja oder nein, das andere besorgte sie.

da, simplória e tímida entrou na sala, depois de certificar-se que eu ainda estava lendo tranqüilamente e perguntou hesitante: “Vós sois mesmo um Pastor?”

- Entre os colonos o tratamento Senhor não é comum, ou pouco usado. Ela ainda tinha dúvidas quanto à minha credibilidade, certamente porque, para um Pastor, eu parecia jovem demais. Sim, confirmei enfaticamente, dizendo que havia vindo há pouco tempo da Alemanha. Olhou-me espantada, dizendo que também era da Alemanha e tinha freqüentado durante alguns anos a escola em Badenfurt, porém, ler não era tão fácil. Mas, pelo jeito eu deveria ler muito bem porque lia bastante, assim como o Sr. Pastor, por isso agora também acredita que eu seja mesmo um “Sr.Pastor”.

Definitivamente ela havia vencido sua desconfiança e dúvida. Uma prova disto foi oferecer uma xícara de café. Aceitei agradecido e ela trouxe uma xícara de bom café. Disto, realmente se entende no Brasil. O prazer de tomar café contribuiu realmente para encurtar a espera.

Por volta das cinco horas escutei vozes no vestíbulo, em seguida a esposa do Pastor adentrou ou, deveria dizer voou sala adentro, cumprimentando-me animadamente nos termos: “Bom dia, Sr. missionário! Que bom, Sr. Missionário, que o Sr nos visita. Como é que vai, Sr. missionário?” E, assim continuou com seu palavreado. “O Sr. já se acostumou a este calor insuportável, Sr. missionário?” E continuou com o palavrório incontido. Não precisei dizer nada, a não ser sim ou não, pois, ela se encarregou do resto.

De qualquer maneira demorou até que fui convidado a falar e permitir que falasse. Ela era uma figurinha temperamental e irrequieta, no entanto uma mulher jovem, bonita e delicada. Estava casada apenas há alguns meses, desde que seu marido, meu antecessor no cargo de missionário, assumira a comunidade em Badenfurt.

Aqui, conheci um outro tipo de mulher de Pastor, certamente não fazia meu gênero, pois nem com a melhor da boa vontade poderia imaginá-la como minha esposa, com certeza ela também não me quereria como marido. Em certo aspecto ela era igual às outras duas que já havia conhecido, - quer dizer: a de Florianópolis, ainda não conhecia pessoalmente, embora já soubesse muita coisa a seu respeito.

Mas, deixemos isso para mais tarde. Após uma conversa animada de

⁴ N.T. Pastor Heinrich Radlach, esteve à frente da Comunidade Evangélica Badenfurt de 1909-1919.

Jedenfalls dauerte es sehr lange, bis sie mich erzählen hieß und ließ. Sie war eben ein sehr temperamentvolles, quecksilbriges Persönchen, nebenbei auch eine ganz hübsche Frau, noch mädchenhaft zart aussehend; denn sie war ja erst seit einigen Monaten mit ihrem Mann, der mein Vorgänger im Reisepredigeramt gewesen, verheiratet, erst nachdem er die Pfarrstelle Badenfurt übernommen hatte. Hier lernte ich also wieder einen andern Typ von Pfarrfrau kennen, wie sie meinem Ideal einer solchen wahrhaftig nicht entsprach, ich hatte sie mir als meine Frau beim besten Willen nicht vorstellen können, aber vielleicht oder sicher hatte sie mich auch nicht als ihren Mann haben wollen oder denken können. In einer Beziehung aber war sie den beiden andern gleich, die ich bisher schon kennen gelernt hatte, - d. h. die von Florianópolis kannte ich ja bis dahin noch gar persönlich, wenn ich auch schon genug von ihr wußte. Doch davon nachher. Nach einer weiterhin recht lebhaften und von ihrer Seite oft sprunghaften Unterhaltung von ungefähr 2 Stunden, während der sie einmal für sie und für mich ein Glas Fruchtwasser holte wegen der Hitze, - es mochte mittlerweile so etwa 7 Uhr abends geworden sei, - trat endlich der Haus- und Pfarrerherr, von seinem Ritt zurück, in Erscheinung. Pfarrer Crahdal war ein großer, schlanker Mann von 28 Jahren, glatt rasiert, mit einem sympatischen Gesicht, von freundlicher, aber - er war Norddeutscher - nüchterner und trockener Wesensart, ganz im Gegensatz zu seiner Frau, aber Gegensätze ziehen sich bekanntlich an, und man konnte sich wohl denken, daß ein Mädchen sich in den „schönen“ Mann verliebt hatte, auch wenn, wie mir seine Frau in unserer vorherigen Unterhaltung ganz frei und offen erklärt hatte, sie als „Juristentochter“ - sie hob das des öfteren hervor - ganz andere hatte „kriegen“ können, als so einen armseligen Theologen. Na ja, aber sie hatte ihn nun einmal und war ihm sogar nach Brasilien gefolgt. Seine rein sachliche, etwas kaltschänzige, um nicht zu sagen: rücksichtslose Art sollte ich gleich in seinem Studienzimmer kennen lernen, wo wir uns nun an seinem Schreibtisch niederliessen, während seine Frau draußen in der Küche nach dem Abendbrot sah. Nach allgemeinen Besprechungen fragte er mich: „Haben Sie auch meinen letzten Reisepredigerbericht, den ich an den Evangelischen Oberkirchenrat schickte, dort zu lesen bekommen?“ Ich verneinte, ein solcher sei mir in Berlin nicht vorgelegt worden. Darauf meinte er grimmig: „Dann hat der E. O. Ihnen den glatt unterschlagen oder, wie man so schön sagt, es erschien ihm sicher nicht „opportun“, Sie damit bekannt zu machen, weil die Herren dort fürchteten, daß Sie sonst noch im letzten Augenblick „abspringen“ wurden. Na, dann sollen Sie ihn jetzt noch hören, obwohl das ja nun nichts mehr

mais ou menos duas horas, principalmente da parte dela, que foram interrompidas duas vezes para buscar um refresco, finalmente, pelas sete horas o Pastor Crahdal⁴ voltava de sua cavalgada.

Era um homem de vinte e oito anos de idade, alto, esbelto, bem barbeado, simpático e gentil, porém, como alemão do Norte mais reservado, ao contrário de sua esposa, mas, é notório opostos se atraírem. É compreensível uma moça apaixonar-se por um homem “bonito”, embora fosse filha de um juiz - como havia me contado sem rodeios - poderia ter conseguido muitos outros pretendentes em vez de um teólogo pobre. Bem, agora ela estava com ele, tanto que o seguiu para o Brasil.

Logo descobriria em seu escritório, sua maneira realista e rude, para não dizer sua falta de respeito, enquanto sua mulher supervisionava a ceia. Depois de algumas deliberações perguntou: “Entregaram-lhe o meu último relatório de viagem, que enviei para o Conselho Eclesiástico?” Eu neguei e disse que não recebera nada em Berlim. Retrucou furioso: “Então o Conselho Eclesiástico simplesmente o interceptou, como se costuma dizer, certamente não acharam oportuno o Sr. tomar conhecimento deste, pois os Srs. de lá temiam que pudesse desistir no último momento. Vai escutá-lo agora apesar de não mudar mais nada.” Revirou a escrivaninha trazendo à tona uma folha grande totalmente preenchida - seu último relatório como missionário - o qual leu com muita entonação. Este era assustadoramente pessimista, descrevia as condições em Sta. Thereza onde eu deveria morar e as demais áreas nas quais deveria atuar, como desesperadoras, tanto que fiquei muito abalado.

Por fim, quando perguntou: “Se tivesse sabido tudo isso que está escrito, ainda assim teria vindo?” Respondi: “Acho que teria refletido um pouco mais, não por medo, mas, por achar que não conseguiria realizar o que se espera de mim, já que nem o Sr. o conseguiu. Acrescentei com sarcasmo e humor negro: “Agora não há o que fazer, então terei oportunidade de verificar se também verei tudo dessa maneira.” “Bem! falou. O Sr. ainda tem humor, este, porém, logo vai passar. O Sr. não faz idéia da realidade e tudo que o espera. O Sr. vai se encher logo disso, assim como aconteceu comigo. Eu fiz apenas uma viagem como missionário e permaneci lá durante três meses, mas foi o suficiente. Pode estar certo, o Sr. ainda vai passar por umas poucas e boas.”

Ainda contou detalhadamente coisas nada edificantes sobre os modos grosseiros, hábitos e costumes dos colonos alemães lá no alto da serra em plena

ändert. „Er kramte in seinem Schreibtisch herum und brachte einen großen, eng beschriebenen Bogen zum Vorschein, seinen letzten „Bericht des Reisepredigers“, den er mir nun mit harter Betonung vorlas. Dieser sein Bericht war so erschreckend pessimistisch, beschrieb die Zustände in Sta. Thereza, wo ich ja Wohnung nehmen sollte, und in meinem ganzen zukünftigen Reisepredigtbezirk als derart trostlos, daß mir sozusagen das Herz in die Schuhe sank. Und als er mich dann am Ende fragte: „Wenn Sie das alles, was ich hier geschrieben habe, gewußt hätten, wären Sie dann auch noch gekommen?“, da mußte ich antworten: „Ich glaube schon, daß ich mir´s dann noch mal überlegt hätte, nicht weil ich Angst gehabt, aber weil ich dann gesagt hätte, daß ich es nicht schaffen würde, was man von mir erwartete, wo Sie es nicht mal geschafft haben. Aber... fügte ich mit einigem Sarkasmus oder Galgenhumor hinzu, „nun ist's ja mal nicht anders, und ich werde ja dann Gelegenheit haben festzustellen, ob sich das alles in meinen Augen auch so darstellen wird. „Nun“, „meinte er, „Sie haben ja noch Humor, der wird Ihnen aber bald vergehen, Sie haben ja keine Ahnung, wie erst die Wirklichkeit aussieht, was Ihnen da oben noch alles blühen wird. Sie werden wohl auch bald die Nase voll haben, wie es mir gegangen ist, ich habe nur eine Reise als Reiseprediger gemacht und war nur ein Vierteljahr dort, das hat mir gelangt. Und Sie werden auch noch Ihr blaues Wunder erleben, das ist mal sicher“. Des weiteren erzählte er mir noch ausführlicher so allerhand, jedoch wenig Erbauliches, von deutschen Kolonisten dort oben im Urwalde und ihren rauhen oder rohen Sitten und Gebräuchen und Gewohnheiten. Ich hörte still zu und saß etwas zusammengesunken auf meinem Stuhl, doch nun ziemlich mutlos geworden bei seinen Schilderungen. Ja gewiß, wenn er, der baumlange, kräftige Kerl es nicht geschafft hatte, wie sollte da ich kleines Männchen es schaffen, ich kam mir ihm gegenüber wie ein armes Würstchen vor. – So waren meine Gedanken, über die ich nachher im Bett noch lange nachgrübelte, aber natürlich nichts ausrichtete, weil ich ja nicht wußte, ob der Kollege etwa zu schwarz gemalt hatte, oder ob die Wirklichkeit womöglich noch dunkler war. Auch beim Abendbrottisch war meine Stimmung nach all dem Gehörten naturgemäß ziemlich gedrückt und daher die Unterhaltung durchaus nicht mehr so lebhaft trotz der Anwesenheit der gedankensprühenden Frau Pastor. Und dabei entpuppte sich die zierliche Pfarrfrau als von der gleichen Art, wie die beiden mir schon bekannten. Als das Gespräch noch einmal darauf kam, daß mir die Frau Pastor Hymmelmuet in Blumenau empfohlen habe, die Kollegen in der Umgebung zu besuchen, da explodierte die Frau Pastor noch einmal in heller Begeisterung: „Ja, ja, Herr Reiseprediger, das ist wahr, und da

mata virgem. Eu ouvia absorto e em silêncio, ficando bastante desanimado com sua narração. Bem, se este sujeito alto e forte não conseguiu nada, como eu conseguiria com este meu tamanho, pois diante dele me sentia um ninguém.

Fiquei pensando sobre isso durante muito tempo na cama, claro não resolvi nada, nem sabia se o colega era muito pessimista, ou se a realidade ainda era pior. Depois de ter escutado tudo isso, eu me sentia desanimado, tanto que durante a ceia a conversa não era mais tão animada, apesar da presença espiritual da mulher do Pastor. A delicada mulher revelou-se igual às outras duas que eu já conhecera. Quando voltamos a falar sobre a mulher do Pastor Hymmelmuet, que havia sugerido visitar os colegas da redondeza, a mulher do Pastor irrompeu com entusiasmo: “Sr. missionário, isso é verdade tanto que agora estou lembrando que amanhã de manhã o Kanitz passa aqui com a diligência e o Sr. pode aproveitar para ir até Pomerode visitar os Rüberg. São pessoas muito simpáticas, também estão casados há pouco tempo, são muito hospitaleiros, Sr. missionário, lá, com certeza o Sr. poderá ficar alguns dias.” Ela estava entusiasmada, ele, pasmo, sem saber o que dizer diante das palavras de



Vista parcial de Pomerode, em destaque a Igreja Evangélica.

fällt mir gerade ein: da fährt doch morgen früh der Kanitz hier durch mit der Postkutsche, da können Sie gleich mitfahren nach Pommerode zu Pastor Rüberg's, das sind sehr nette junge Leute, auch noch nicht lange verheiratet, die sind sehr gastfreundlich, müssen Sie wissen, Herr Reiseprediger, bei denen können Sie sicher ein paar Tage bleiben“. – Sie war begeistert, er war – entgeistert ob der etwas ungezogenen Worte seiner Frau, mit denen sie mich deutlich genug schleunigst abzuwimmeln suchte. Er sah sie ganz konsterniert an, sagte aber nichts, wagte wohl nichts zu sagen, weil er in der Schule seiner Frau in den wenigen Honigmonden sicher schon gut erzogen war. Ich hatte es bereits nach den paar Stunden heraus, daß der lange „Heiner“ gar sehr unter dem zarten Pantöffelchen seiner zierlichen „Anni“, der „Juristentochter“ stand. Zwar maßregelte er sie ein wenig, weil sie mich immer mit „Reiseprediger“ anredete, das wäre kein Titel, sondern nur die Bezeichnung des Amtes, sie aber zog lediglich ein reizendes Schmollmündchen und „reisepredigerte“ lustig weiter. Auch noch nicht bei meinem nächsten Besuch, erst bei einem späteren vergönnte sie mir höchstselbst gnädigst die Anrede „Pastor“, doch da hatte die Frau eine besondere Veranlassung, auf die ich bei anderer Gelegenheit zurückzukommen gedenke. – Auf ihre dringende Empfehlung, gleich am nächsten Morgen weiterzureisen, reagierte ich zunächst nur mit einem Harmlosen: „So so“. Aber als ich mich dann von dem regelrechten Schock, wieder mal möglichst schnell sozusagen als lästiger Ausländer abgewimmelt zu werden, erholt hatte und ihre Augen immer noch Antwort heischend auf mich gerichtet sah, stellte ich zaghaft die Frage, wann denn die Post hier vorbeikäme. „Um 6 Uhr allerdings schon“, meinte sie und fügte sofort hinzu: „Aber ich werde Sie dann schon wecken. Sie sollen mal sehen, es ist schön in Pommerode. Aber wenn Sie morgen fahren wollen, dann gehen Sie am besten doch jetzt gleich zu Bett. Mein Mann wird Ihnen Ihr Zimmer zeigen“. Der gute, lange „Heiner“ wollte eigentlich sich noch ein bißchen unterhalten, sie aber erklärte kurz und bündig, das könnten wir noch ausgiebig auf unserer gemeinsamen Reise nach Sta. Thereza, wohin er mich ja begleiten und dort einführen wollte, besorgen. Also wünschte ich gehorsam eine gute Nacht und ging auf das mir angewiesene Dachzimmer eine Treppe höher. Vor dem Einschlafen dachte ich: Wenn das in Pommerode auch so geht, das kann ja fein werden, wohin werde ich von da aus verfrachtet werden?

Pastor Liebhold - “Da amada terra do Brasil”

senfreadas de sua mulher, evidente, que ela queria livrar-se de mim o mais rápido possível. Ele a olhou consternado, mas nada disse, provavelmente não arriscou, pois durante a lua de mel ela já o educara de acordo com a sua vontade.

Depois de algumas horas deu para perceber que ele estava sob as pantufas de sua Anni, filha de um juiz. Apesar dele chamar sua atenção, por me tratar de Sr. missionário, pois isso não é título, apenas a designação da função, ela somente fez um “biquinho” e continuou “missionando”. Somente na segunda visita que lhes fiz, ela se dignou em me chamar por Pastor, mas, para isso acontecer ela teve outro motivo que abordarei mais tarde.

Em seu empenho para que eu viajasse logo no dia seguinte, reagi dizendo: “Está bem”. Não consegui recompor-me do choque, pois novamente estava sendo despachado como um intruso - tanto que a expectativa quanto à minha resposta pairava em seus olhos. Perguntei um tanto tímido quando passava a carruagem. “Às seis horas?”. E em seguida: “Pode deixar vou acordá-lo. O Sr. verá como é bonito em Pomerode. Mas, se quiser viajar amanhã é melhor recolher-se agora. Meu marido mostrar-lhe-á seu quarto”.

O bondoso e alto “Heiner” (sic) ainda pretendia conversar um pouco, mas ela simplesmente disse que isso nós poderíamos deixar para nossa viagem a Sta. Thereza, para onde ele me acompanharia a fim de me apresentar à comunidade. Desejei boa noite, subi ao quarto indicado no sótão. Antes de adormecer pensei: Se em Pomerode também for assim, para onde me despacharão então?

Artigos

Hospital Santa Isabel

TEXTO: CURT
HOELTGEBAUM



O presente texto situa as condições do Hospital Santa Isabel entre os anos de 1909 a 1927. O mesmo, sob a forma de estatística revela os serviços de atendimentos, consultas, internamentos e cirurgias realizados neste período. Eis o que diz o texto:

O Hospital Elisabeth está localizado no centro da cidade de Blumenau. Possui a cidade cerca de 3.000 habitantes, enquanto toda a comunidade tem mais de 7000 habitantes.

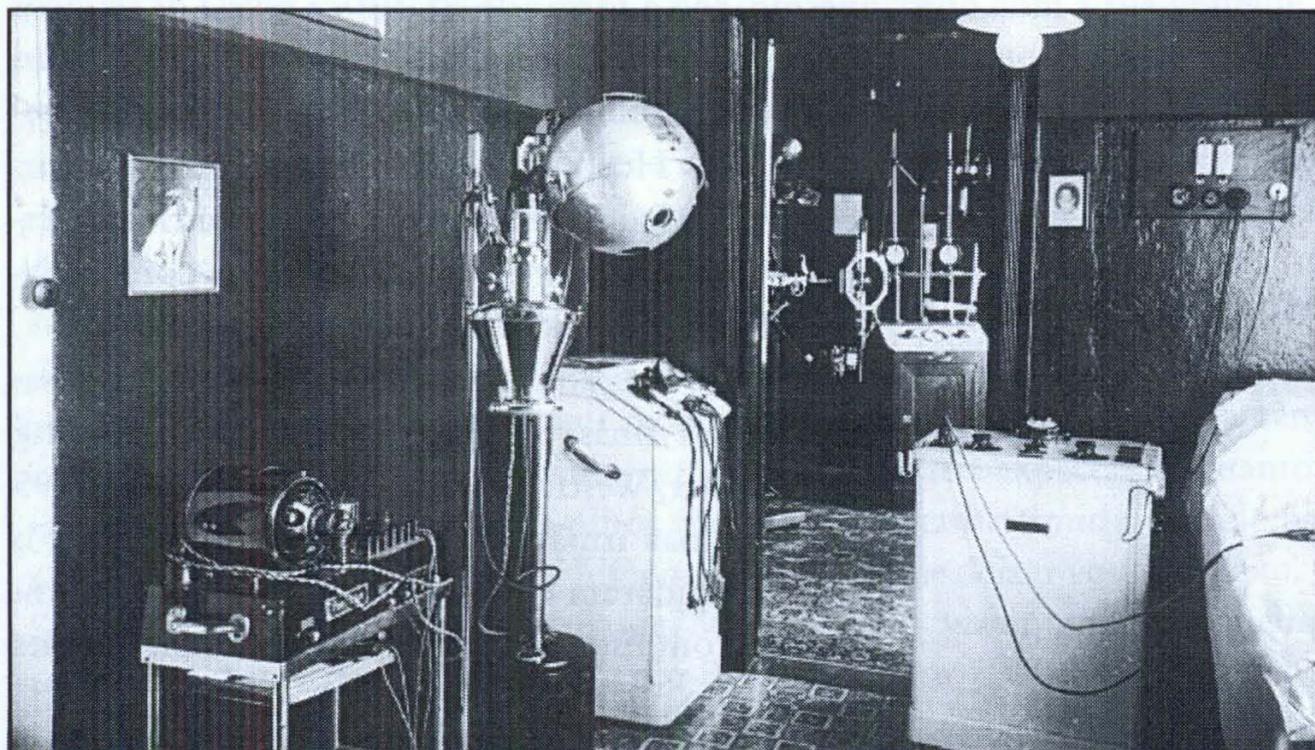
A direção do Hospital está sob a responsabilidade das irmãs religiosas vindas de Friedrichsburg em Münster/Westfália. Chegaram no ano de 1895 com algumas irmãs da citada congregação para o Brasil e fundaram em Blumenau, entre outros, um Colégio com internato e também atendiam doentes a domicílio nos núcleos coloniais.

No ano de 1909, a pedido de um médico alemão que clinicava em Blumenau, as irmãs receberam alguns enfermos em seu próprio estabelecimento para tratamento. Em consequência deste atendimento o número de pacientes foi crescendo, tornando-se necessário transformar uma construção anexa em Hospital, até que ocorresse a construção de uma ampla Casa de Saúde.

A casa foi concluída em 1916, cujas modernas instalações se qualificam de acordo com os padrões europeus - o conforto se equipara aos melhores Institutos do sul do Brasil. Contém 70 leitos, divididos em três classes diferentes: 15 quartos privados dispondo um ou dois leitos cada.

O Hospital possui uma sala de cirurgia completamente equipada (Comparado ao da cidade de Santos). Possui equipamento de Raios X para diag-

nósticos e terapias superficiais. Uma sala especial para atendimento diário e curativo. Cinco irmãs, um enfermeiro e pessoal de serviço trabalham nas enfermarias.



Interior do centro cirúrgico do Hospital Santa Isabel - década dos anos vinte.

No tratamento dos doentes não há distinção de nacionalidade ou credo. A maioria dos pacientes é constituída de alemães e descendentes.

Conforme os dados estatísticos 30% destes pacientes são brasileiros, italianos, poloneses, russos e montanhese.

Os números revelam ainda, que anualmente são atendidos um expressivo número de alemães novos (Alemães imigrados recentemente) os quais estão necessitados e os mesmos recebem tratamento gratuito.

O médico responsável pelo Hospital é cirurgião. Além deste, atuam no Hospital especialistas para doenças da visão, ouvidos e nariz.

Dados estatísticos:

Diretor	Origem	Período
Dr. Sappelt	Östereich	1909 - 1919
Dr. Jungbluth	Köln	1919 - 1926
Prof. Dr. Kapelli	München	1926

Ano	Atendimentos	Internamentos	Dias de Internação	Cirurgias
1909	102	102	1434	20
1910	105	113	2086	31
1911	114	124	2465	41
1912	80	101	1340	24
1913	148	165	3642	42
1914	215	225	4200	54
1915	285	320	4080	86
1916	292	313	4180	108
1917	333	354	4955	87
1918	285	304	4230	87
1919	331	350	4510	72
1920	420	444	5080	137
1921	409	438	5610	280
1922	515	547	9314	538
1923	510	896	9005	326
1924	572	604	9800	381
1925	921	946	11310	402
1926	874	907	11675	205
1927	1906	1230	14743	236



Hospital Santa Isabel
Irmã da Divina Providência atendendo paciente.

Artigos

Associação Médica de Blumenau: resumo de sua história

TEXTO: DR.
OSWALDO
PFIFFER JR.
DRA. CARMEN
MARIA PFIFFER



A associação médica de Blumenau, nome como é conhecida desde abril de 1974, surgiu da associação médica do vale do itajaí (A.M.V.I.), e deu continuidade aos seus trabalhos, como veremos a seguir.

Em 20 de junho de 1951, os colegas médicos, adiante relacionados, reuniram-se em uma sala do Tabajara Tênis Club, em Blumenau/ SC e deliberaram, por decisão unânime, fundar a A.M.V.I. como

“Órgão dirigente, harmonizador e coordenador da classe, com o objetivo de incentivar as suas atividades científicas, o intercâmbio cultural com outros centros e os estudos de seus problemas sociais, a bem da dignidade profissional e da sobrevivência de suas mais nobre prerrogativas e, outrossim, de colaborar com os poderes públicos para o engrandecimento da medicina e a maior grandeza do Brasil” (trecho da Ata de Fundação).



Dr. Antonio Hafner - Médico do Hospital Santa Catarina. Um dos fundadores da Associação Médica de Blumenau.



Fundadores da Associação Médica de Blumenau - 1951.

Sócios fundadores:

- | | |
|-----------------------------------|-----------------------------------|
| 01. Dr. Antônio Hafner | 12. Dr. Abelardo Viana |
| 02. Dr. Armínio Tavares | 13. Dr. Telmo Duarte Pereira |
| 03. Dr. Renato Câmara | 14. Dr. Afonso Rabe |
| 04. Dr. Ary Taborda | 15. Dr. Benedito Camargo da Rocha |
| 05. Dr. Hernani Serra de Oliveira | 16. Dr. Wilson Gomes Santhiago |
| 06. Dr. Ângelo de Caetano | 17. Dr. Paulo Pedro Mayerle |
| 07. Dr. Affonso Balsini | 18. Dr. Jacyr Pegorim |
| 08. Dr. Carlos Henrique Mayr | 19. Dr. Gelásio de Souza Freitas |
| 09. Dr. Diogo Vergara | 20. Dr. Armando Odebrecht |
| 10. Dr. Paulo Carvalho | 21. Dr. Oscar Rubens Krieger |
| 11. Dr. Oswaldo Neves Espíndola | |

A reunião transcorreu em um clima de franca cordialidade e animação, sendo a Diretoria Provisória, abaixo transcrita, eleita e constituída por aclamação:

PRESIDENTE	Dr. Antônio Hafner
VICE-PRESIDENTE	Dr. Armínio Tavares
SECRETÁRIOS	Dr. Renato Câmara
	Dr. Ary Taborda

A Diretoria Provisória reuniu-se cinco vezes entre julho e setembro de 1951. Neste período desenvolveu um trabalho dedicado e altruísta. Empreendeu viagens de “catequese” a Itajaí e Brusque, convidando os colegas a participarem da Sociedade, preparou os estatutos e realizou a “Primeira Assembléia Geral da A.M.V.I.” na cidade de Blumenau, às 10h de domingo do dia nove de setembro de 1951, no salão nobre do Tabajara Tênis Club.

Compareceram nela 31 (trinta e um) médicos, oriundos respectivamente de:

Itajaí	
	Dr. Felipe Baptista de Alencastro
Dr. Ivo Stein	Dr. Afonso Celso Liberato
Dr. José Malburg	Dr. Jacyr Pegorim
Brusque	
Dr. João Antônio Schaeffer	Dr. Aluízio Haenedschen
Dr. José Tridapalli	Dr. Carlos Moritz
Rio do Sul	
Dr. Erwino Walter Gaertner	
Dr. Alfredo Ciniello	
Rodeio	
Dr. Heitor Baggio	
Timbó	
Dr. Fúlvio Luz	

Indaial	
Dr. Carlos Henrique Mayr	
Vila Itoupava	
Dr. Benedito Camargo da Rocha	
Gaspar	
Dr. Abelardo Viana	
Blumenau	
Dr. Armínio Tavares	Dr. Antônio Hafner
Dr. Renato Câmara	Dr. Ary Taborda
Dr. Gelásio de Souza Freitas	Dr. Paulo Pedro Mayerle
Dr. Affonso Balsini	Dr. Paulo Carvalho
Dr. Diogo Vergara	Dr. Hernani Senra de Oliveira
Dr. Afonso Rabe	
Dr. Telmo Duarte Pereira	Dr. Oswaldo Neves Espíndola
Dr. Wilson Gomes Santhiago	

A assembléia geral elegeu a primeira diretoria da A.M.V.I., a comissão de defesa de classe e a comissão científica.

O Doutor Alfredo Ciniello, hipotecando a sua solidariedade pessoal e a da “Sociedade Médica, Odontológica e Farmacêutica de Rio Do Sul”, da qual era Presidente, proferiu substancial discurso durante a Assembléia. Ele discorreu sobre “As Conclusões Teóricas e Práticas da socialização da medicina”, aprovadas no Congresso Médico que se realizara em janeiro na cidade de São Paulo.

A A.M.V.I. teve uma atuação muito importante na Classe Médica do Vale, de Rio do Sul a Itajaí. Em defesa dos interesses da classe a A.M.V.I. combateu o exercício ilegal da medicina, praticado por curandeiros, “Práticos de Farmácia” e parteiros (as).

Já na década de 1950 as companhias de seguro assediavam os médicos e procuravam ditar e impor tabelas miseráveis, com preços defasados e inalterados de alguns anos atrás (sic). Em dezembro de 1951 a A.M.V.I. filia-se à A.C.M. (Associação Catarinense de Medicina).

Em 1952, sob a presidência do Dr. Antônio Hafner, a Associação Médica auxiliou o Prefeito Municipal de Blumenau, Sr. Hercílio Deeke, na implan-

tação de um “dispensário de tuberculose”, junto ao Hospital Santo Antônio. O Dr. Afonso Rabe coordenou uma comissão composta por quatro membros da A.M.V.I., conseguindo a realização do dispensário.

As reuniões, que de início eram realizadas em sala do Tabajara Tênis Club, foram transferidas para uma ampla sala cedida pela Drogaria Catarinense, na Rua XV de Novembro nº 652. A terceira sessão ordinária, em cinco de abril de 1952 inaugurou a nova Sede.

No segundo biênio, sob a presidência do Dr. Renato Câmara, a A.M.V.I. desenvolveu um trabalho pró-construção de um hospital regional especializado no tratamento da tuberculose.

A associação médica promovia freqüentes encontros de seus associados. Além da confraternização social, que terminava com um banquete, quando as esposas também participavam, aconteciam discussões de casos médicos e projeções de filmes científicos por cortesia de laboratórios farmacêuticos.

Em depoimento pessoal, em 17 de maio de 1999, ouvimos do Dr. Jacyr Pegorim, secretário na gestão do Dr. Felipe Baptista de Alencastro (Biênio 1955/57), que uma reunião científica seguida de almoço/churrascada fora organizada para um domingo, 25 de setembro de 1955, em Rio do Sul. Um ônibus da “Viação Cometa” saiu de Itajaí às 7h 30min, passou por Blumenau às 8h 50min e por Indaial às 9h 40min pegando os colegas da Associação para o encontro. Esta mesma diretoria organizou uma excursão a São Paulo e Santos, ocasião em que seria visitada a fábrica de penicilina Fontoura.

Na gestão do Doutor Afonso Rabe (1957/1959) a A.M.V.I. foi dissolvida e em seu lugar surgiu a Secção Regional da Associação Catarinense de Medicina. A A.M.V.I. gerou quatro secções regionais da A.C.M.: Blumenau, Brusque, Itajaí e Rio do Sul.

O Diário Oficial de primeiro de outubro de 1957 publicou a Lei Federal nº 3268, de 30 de setembro de 1957, criando o Conselho Federal de Medicina, que junto com os Conselhos Regionais, sediados nas capitais, constituíram uma autarquia semelhante à O.A.B. (Organização dos Advogados do Brasil). Todas as mudanças advindas com a nova lei foram administradas pela diretoria do biênio 1957/59.

As gestões subseqüentes, sempre sob lideranças sérias, preocupadas com o espírito associativo, com a ética e o bem estar dos colegas, continuaram a desenvolver atividades, tendo como objetivo final a qualidade do atendimento

médico e o bem estar dos sócios. Muitos trabalhos da Associação foram absorvidos por múltiplos litígios contra os descasos da Previdência Social.

Em Assembléia Geral Extraordinária em 5 de agosto de 1971 foi aprovada, por 46 votos a favor e um em branco, a fundação da MEDSAM - “Cooperativa de Assistência Médico Hospitalar”. A repercussão de uma palestra proferida em 26 de junho de 1971 na cidade de Florianópolis por diretores da UNIMED de Santos sobre “Seguro Saúde” conduziu à materialização do empreendimento. A MEDSAM foi presidida pelo Dr. Lourival Hari Hubner Saade, que na época era o 11º Presidente da Associação Médica - Seccional Regional de Blumenau da A.C.M.

Nos dias 31 de novembro a dois de dezembro de 1972, a Associação Médica de Blumenau foi anfitriã da IX Jornada Catarinense de Medicina e a I Jornada Regional de Blumenau.

A Associação Médica de Blumenau recebeu este nome em abril de 1974, durante a gestão do Dr. Antônio Carlos Paes Loureiro. Naquela oportunidade foi criado o logotipo que a Associação ostenta até os nossos dias.

Na gestão do 13º presidente, Dr. Walmor Erwin Belz, biênio 1975/77, foi elaborado o novo Estatuto Social, publicado no Diário Oficial do Estado em 8 de junho de 1977 sob o número 10.751.

Em 1979, na gestão do Dr. Luís Carlos Lins, foi comemorado o 28º aniversário da Associação, com homenagens a 18 “veteranos colegas”.

Durante a presidência do Dr. Sylvio Aurélio Schmitt, biênio 1979/81, o colega Newton J. M. Mota realizou um curso de ressuscitação cárdio-pulmonar, assistido por 288 pessoas, principalmente bombeiros voluntários e seguranças.

Na gestão do 16º presidente, Dr. Renato Faoro, idealizou-se um informativo, “Herr Doktor”. Infelizmente apenas um número foi publicado. Nesta época a Diretoria da Associação novamente se desgastou em virtude de desacertos causados com a Previdência Social.

As diretorias dos biênios 1983/85 e 1985/87 foram presididas pelo Dr. Cezar Zillig, ocasião em que, amparados por uma assessoria jurídica, cobrou-se uma atitude mais leal da imprensa que insistentemente vinha publicando denúncias mal fundamentadas contra médicos que sequer eram ouvidos previamente.

Na gestão do Dr. Marcos Antônio Nemetz, 19º presidente, biênio 1987/89, a Associação fez duas felizes criações: o informativo “Bisturi”, publicado

ainda hoje, e a corrida anual “Antifumo”, que integra atualmente o calendário esportivo da cidade.

O biênio 1989/91 teve a primeira colega médica a presidir a Diretoria da Associação, Dra. Ana Maria Camargo Gallo Hering que, além de se ocupar com o rotineiro trabalho que a defesa dos interesses da classe exige, organizou as festividades do 40º aniversário da A.M.Bl..

Dr. Luiz Eduardo Caminha, 21º presidente no biênio 1991/93, assumiu no dia 26 de setembro de 1991, tendo como suas principais metas o estímulo à produção científica e o intercâmbio profissional com grandes centros. Ele promoveu maior aproximação com a Faculdade de Medicina da FURB e lutou para que a classe médica tivesse voz nas decisões executivas das Políticas de Saúde. Nesta gestão foi adquirido um terreno para a sede própria.

O Dr. Roberto Benvenuti, 22º presidente, no biênio 1993/95, foi o responsável pelo gigantesco VI CONGRESSO TEUTO-BRASILEIRO DE ESTUDOS MÉDICOS. Nesta gestão desenvolveu-se uma árdua luta pela conquista da Tabela AMB/92.

O Dr. Luiz Carlos Fonseca de Mello sucedeu ao 22º presidente e deu continuidade ao projeto “Resgate da Memória da Medicina em Blumenau”, da gestão anterior. O filme “Heróis de branco”, realizado com o patrocínio do Banco Bamerindus e profissionais de São Paulo em parceria com a FURB e tendo como coordenador o Dr. Oswaldo Pfiffer Jr., apresentou uma retrospectiva da medicina em Blumenau desde a fundação da cidade no século passado.

A diretoria do biênio 1997/99, teve como presidente o Dr. Sérgio Marcos Meira. Ela envidou todos os esforços para manter a “Corrida, Caminhada e Marcha Antifumo Pró-Saúde”, desenvolveu o companheirismo através da “Feijoada, Amizade e Pagode”, da confraternização do Dia do Médico, e inaugurou a nova sede. Um projeto em andamento é um livro sobre a história da A.M.Bl..

GALERIA DOS PRESIDENTES DA ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE BLUMENAU

- | | | |
|--------------|---|--|
| 01 1951/1953 | - | Dr. Antônio Hafner |
| 02 1953/1955 | - | Dr. Renato Câmara |
| 03 1955/1957 | - | Dr. Felipe Baptista de Alencastro (Itajaí) |
| 04 1957/1959 | - | Dr. Afonso Rabe |
| 05 1959/1961 | - | Dr. Paulo Carvalho |

- | | | |
|--------------|---|-------------------------------------|
| 06 1961/1963 | - | Dr. Paulo Pedro Mayerle |
| 07 1963/1965 | - | Dr. Affonso Balsini |
| 08 1965/1967 | - | Dr. Lothar Franz |
| 09 1967/1969 | - | Dr. Jaison Tupy Barreto |
| 10 1969/1971 | - | Dr. Roberto Buechele |
| 11 1971/1973 | - | Dr. Lourival Hari H. Saade |
| 12 1973/1975 | - | Dr. Antônio Carlos Paes Loureiro |
| 13 1975/1977 | - | Dr. Walmor Erwin Belz |
| 14 1977/1979 | - | Dr. Luís Carlos Lins |
| 15 1979/1981 | - | Dr. Sylvio Aurélio Schmitt |
| 16 1981/1983 | - | Dr. Luiz Renato Faoro |
| 17 1983/1985 | - | Dr. Cezar Zillig |
| 18 1985/1987 | - | Dr. Cezar Zillig |
| 19 1987/1989 | - | Dr. Marcos Antônio Nemetz |
| 20 1989/1991 | - | Dra. Ana Maria Camargo Gallo Hering |
| 21 1991/1993 | - | Dr. Luiz Eduardo Caminha |
| 22 1993/1995 | - | Dr. Roberto Benvenuti |
| 23 1995/1997 | - | Dr. Luiz Carlos Fonseca de Mello |
| 24 1997/1999 | - | Dr. Sérgio Marcos Meira |

Fontes:

Atas da A.M.V.I. e da A.M.Bl.;

Entrevista com o Dr. Jacyr Pegorim, sócio fundador e secretário da 3ª Diretoria, biênio 1955/57;

A.M.Bl.: Quarenta Anos de História, Dr. Cezar Zillig; Arquivos da A.M.Bl., 24 de junho de 1991;

Informativos: “Herr Doktor” e “Bisturi”;

Filme “Heróis de Branco”.

Artigos

**Política
Imigratória e
a formação da
Colônia Alemã
Vargem Grande**

*TEXTO: TONI VIDAL
JOCHEM¹*



O binômio escravidão e imigração marcou o Brasil em seus aspectos sócio-econômicos, principalmente a partir do século XIX. Nesse período, apesar da forte oposição dos latifundiários brasileiros, o trabalho escravo dava sinal de enfraquecimento diante do recrudescimento da política internacional em prol do trabalho livre.

Por outro lado, havia a necessidade do deslocamento de grandes contingentes humanos na Europa, inclusive na Confederação dos Estados Alemães, onde a maioria, depois de tomada a decisão de emigrar, optava pelos Estados Unidos da América do Norte como destino. Eram as conseqüências das transformações que se operaram na economia mundial em decorrência da Revolução Industrial, entre outros aspectos. No Brasil estas transformações exigiram mudanças no “estatuto colonial” vigente² e postulavam, entre outros aspectos, a transição do trabalho escravo para o livre, da monocultura para policultura, do latifúndio para o minifúndio.

Nesse processo de transição, os procedimentos de liquidação do “estatuto colonial” deram lugar à emigração estrangeira, para a qual, procurando atraí-la, o Brasil formulou leis a partir de 1808.

O sistema de colonização baseado na cessão de pequenas propriedades em terras consideradas devolutas objetivava o povoamento de territórios onde havia vazios demográficos e o assentamento de trabalhadores brancos, considerados eficientes e capazes, procurando implantar no Brasil uma economia “moderna”. “A colonização visava instalar no país agricultores livres e europeus, portanto brancos, (...) em áreas não-ocupadas pela grande propriedade, num processo controlado pelo Estado”³.

¹ Toni Vidal Jochem. É mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

É também importante salientar que, entre outros objetivos da política de colonização, estava o desejo de compor uma classe média rural integrada por imigrantes europeus locados em pequenas propriedades, pois se acreditava que, como agricultores independentes, promoveriam equidade, justiça, e bem estar social⁴.

Neste contexto, os alemães eram considerados bons agricultores, portanto ideais para povoar vazios demográficos no regime da pequena propriedade rural. Em Santa Catarina essa política imperial resultou na fundação de diversas colônias, entre elas Vargem Grande, hoje integrada ao município de Águas Mornas, na grande Florianópolis, objeto de estudo do presente artigo.

Com a chegada do Príncipe Regente Dom João ao Brasil, em 1808, e a abertura dos portos em janeiro do mesmo ano, ficou possibilitada a vinda de estrangeiros para o Brasil, entre os quais negociantes, artistas, e operários profissionais que afluíram aos grandes portos do Pará, Pernambuco, Bahia e, principalmente, do Rio de Janeiro⁵. Para reforçar o incentivo à vinda de estrangeiros, em setembro de 1808, o governo delibera por subvencionar os imigrantes “proporcionando-lhes transporte, terras, sementes, animais, ferramentas e diárias”⁶, evidenciando claramente sua política imigratória. Em 25 de novembro de 1808, um edital do Príncipe Regente concedeu aos estrangeiros o direito, até então reservado aos portugueses, de receber terras estatais – as chamadas sesmarias – com o objetivo de “aumentar a lavoura e a população, que se acha muito diminuta neste Estado”⁷. As concessões continuaram. Por um edital expedido em 25 de novembro de 1814, Dom João convida os europeus para emigrar. Em 1818, em carta régia datada de 16 de maio, que objetivava a fundação de uma colônia suíça, o governo possibilitou concessões ainda mais substanciais para os imigrantes. De acordo com a referida legislação, essas concessões consistiam em: passagem livre por mar e por terra ao Brasil; doação de terreno com casa provisória; um boi de tração ou cavalo, duas vacas leiteiras, quatro ovelhas, duas cabras e dois porcos para cada família de três a quatro pessoas; sementes de trigo, feijão, arroz, milho, linho cânhamo e óleo de rícino para lâmpadas⁸.

Exigia-se dos imigrantes – a legislação concedia favores somente para os que professassem a religião católico-romana – que trouxessem um médico, farmacêutico e dois a quatro religiosos. Comprometia-se, o governo, a construir e equipar uma capela⁹.

Através de um decreto datado de 16 de março de 1820, o governo acha

por bem estabelecer colônias no Reino do Brasil, concedendo terras, por doação, aos imigrantes. A cada família cabiam 160.000 braças quadradas, cavalos, vacas, bois, além de um terreno para a comunidade e área para a edificação de uma cidade¹⁰. De acordo com este decreto, havia normas gerais a serem adotadas sempre que se fundasse uma colônia: os colonos ficavam isentos dos impostos durante dez anos, mas estavam obrigados, a exemplo dos demais súditos portugueses, a pagar o quinto do ouro eventualmente descoberto, além de taxas sobre mercadorias comerciáveis. Havia a inalienabilidade das terras: caso os beneficiados as abandonassem antes de decorridos dez anos de permanência no Brasil, perderiam o direito sobre os terrenos doados. Uma vez estabelecidos na colônia, passavam a ser considerados súditos do Rei. Cada distrito colonial era administrado por um diretor nomeado pelo Rei até que sua população aumentasse a ponto de se poder organizar uma pequena cidade¹¹. Mas o citado decreto ressalta: “todos os colonos deverão ser de religião católico-romana e pessoas de bons costumes e princípios”¹². E complementa: “deverão provar ambas as exigências mediante certificados, que deverão ser reconhecidos pelos Ministros ou outros funcionários de sua Majestade no Exterior”¹³.

Tentando atrair imigrantes, o Brasil se fez valer de uma vasta legislação, alternando períodos de maior ou menor interesse, em função de distúrbios políticos a que, em diversas circunstâncias, esteve submetido. Mas se fez constante a idéia da necessidade de se promover a imigração como condição para desenvolver as regiões mais remotas do país.

A partir da abertura dos portos em 1808 inicia-se o movimento imigratório espontâneo para o Brasil, depois subvencionado pelo governo. A legislação promulgada em 1808, 1814, 1818 e 1820 fundamentava juridicamente “a formação de colônias com imigrantes europeus a serem fixados em pequenas propriedades agrícolas”¹⁴ principalmente nas Províncias Meridionais – Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Nesse contexto temos, em 1824, a fundação da colônia Linho-Cânhamo, posteriormente denominada São Leopoldo, no Rio Grande do Sul e, em 1829, a colônia São Pedro de Alcântara, em Santa Catarina. Eram baseadas na pequena propriedade, nas quais seguiu-se, basicamente, o mesmo teor das cláusulas anteriormente mencionadas. As condições e exigências eram quase as mesmas para todas as colônias fundadas após essa época e foram, por longo tempo, seguidas pelo governo central e mais tarde pelos governos das Províncias. Em-

bora o Brasil reconhecesse uma religião do Estado¹⁵, como novidade os contratos posteriores traziam, entre os direitos fundamentais, a liberdade de religião e o exercício de culto, ainda que seus ofícios divinos, por preceito constitucional, devessem ser realizados em residências ou em local destinado especificamente para tal fim, mas que não apresentassem o aspecto externo de igreja.

O Ato Adicional, Lei de Reforma Constitucional, de 12 de agosto de 1834, promulgado pela Regência, delega, em seu artigo 11, às Assembléias Legislativas Provinciais, competência para promover a fundação de novas colônias de língua estrangeira. Baseado nessa legislação, bem como na provisão imperial de 1823 em que o governo de Santa Catarina recebera autorização para distribuir sesmarias de um quarto de légua a “colonos residentes nessa Província, e a todas as mais pessoas que estiveram em circunstâncias de poderem fazer estabelecimentos rurais”¹⁶, o governo provincial fundou, através da Lei nº 11, de 05 de maio de 1835, “duas colônias de nacionais e de estrangeiros, cada qual com seu arraial, uma à margem do rio Itajaí-açu e outra no rio Itajaí-mirim”¹⁷. A primeira foi denominada “Pocinho” e a segunda “Tabuleiro”. Simultaneamente à fundação das colônias no vale do rio Itajaí, em 1836 o governo provincial concedeu terras para alguns imigrantes alemães descontentes com a baixa fertilidade do solo da colônia São Pedro de Alcântara, possibilitando sua transferência para o vale do Cubatão fundando a colônia Vargem Grande¹⁸. Padre Paiva descreve o processo de fundação da colônia Vargem Grande:

“No ano de 1836, onze famílias alemãs, deixando as datas que lhes tinham concedidas no Maruí (leia-se São Pedro de Alcântara), pediram e optiveram outras, posto que mais limitadas, nas margens do Rio Cubatão. Aqui reunidos, os novos povoadores começaram por prestar não pequeno serviço, fazendo com sua presença, desaparecer os indígenas, que ainda de vez em quando infestavam estes lugares. Feitas algumas derrubadas, formaram uma pequena colônia, que hoje(1848) promete esperançoso futuro, não só pela fertilidade das terras e índole de seus cultivadores, como pela vizinhança em que está, com a nova colônia Santa Isabel(fundada em 1847), que se vai estabelecendo nas margens do Rio dos Bugres e proximidades da Serra da Boa Vista”¹⁹.

IMIGRANTES ALEMÃES FUNDADORES DA COLÔNIA VARGEM GRANDE²⁰

- NIKOLAUS HEINZEN, nascido em 1793, casado com Anna Theissen, nascida em 1788; e os filhos: Johann Peter, nascido em 1819; Maria Katharina, nascida em 1821; Anna, nascida em 1823.
- MATTHIAS HEINZEN, nascido em 1814, filho dos patriarcas Nikolaus Heinzen e Anna Theissen, casado com Anna Maria Junklaus.
- MATTHIAS WILHELM KUHNEN, nascido em 1814, casado com Katharina Loch.
- MATTHIAS LOCH, casado com Katharina Berg; e os filhos Matthias, nascido em 1815; Gertrud; Johann; Franz, nascido em 15 de abril de 1824; e Agnes.
- MATTHIAS MICHELS, casado com Katharina Pretz; e os filhos Heinrich, Anton e Johann.
- PHILIPP PETRI, casado com Anna Kuhnen (irmã de Matthias Wilhelm Kuhnen).
- JOSEPH PETRI, nascido em 1822 (irmão de Philipp Petri); casou com Anna Loch.
- FRIEDRICH PREIS, casado com Helene Elisabetha Lieser; e os filhos Bernard e Teresa Helena, nascida em 10 de março de 1829.
- HENRIK GOTTLOEB WESTRUP, nascido em 06 de abril de 1804, em Copenhague, na Dinamarca. Casou com Maria Rosa de Jesus Mafra.
- MATTHIAS WOLLSCHIED, casado com Maria Junklaus; e as filhas Helene, Susanna e Maria.

Posteriormente, também migraram para a colônia Vargem Grande:

- JOHANN STEINBACH, casado com Gertrud Loch.
- NICOLAU PRIM, nascido em 07 de outubro de 1845, neto dos patriarcas Johann Prim e Barbara Steinbach, casado com Ana Kuhnen.
- JACOB PHILIPPI, nascido em 08 de maio de 1832. Filho dos patriarcas Jakob Philippi e Helene Ludwig, casado com Maria Rosar.

A partir do Ato Adicional de 1834 as Províncias passaram a ter poder para promover a colonização e, na vanguarda, está a Província de Santa Catarina. Além das iniciativas governamentais que viabilizaram a fundação da colônia Vargem Grande, o governo provincial publicou a Lei nº 49, datada de 15 de junho de 1836 que, entre outras disposições, “permite a colonização por empresa, quer por companhias, quer individualmente, tanto nacionais como estrangeiras”²¹. Por disposição dessa legislação o governo provincial autorizou, em 1836, a fundação da colônia e “Nova Itália” composta por 180 imigrantes italianos provenientes da ilha da Sardenha²². Mas, por decisão do Governo Imperial, de 21 de julho de 1837, a iniciativa de promover a colonização tomada pela Província de Santa Catarina, foi sustada argumentando que a Assembléia Legislativa de Santa Catarina “excedera a sua autoridade concedendo terras aos colonos”²³. Essa decisão também se fez sentir na recém-fundada colônia Vargem Grande que, por isso, deixou de receber novos imigrantes inviabilizando a consolidação/estruturação de um núcleo colonial.

Fundada sob o regime da pequena propriedade o desenvolvimento da colônia Vargem Grande não encontrou êxito. Seu isolamento geográfico, frente à precariedade da estrada de Lages em cujas imediações foi instalada, e à baixa fertilidade e relevo excessivamente montanhoso das terras, portanto impróprias para a agricultura, motivaram a migração de considerável contingente de imigrantes para outras regiões, inviabilizando um maior desenvolvimento.

Em conseqüência da migração Vargem Grande possibilitou o desbravamento de uma região considerada despovoada até então, além de viabilizar a penetração de correntes migratórias que se expandiram às novas áreas de colonização. Nisto consiste a importância histórica da colônia Vargem Grande no tocante à imigração no Estado de Santa Catarina no século XIX. Proporcionou o povoamento de parte da região da grande Florianópolis e uma frente pioneira que desbravou o sul de Santa Catarina, além de outras regiões.

Referências Bibliográficas

² COSTA, Emília Viotti da. **Da Senzala à Colônia**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966, p. 11.

³ SEYFERTH, Giralda. “A Colonização Alemã no Brasil: Etnicidade e Conflito”. In: FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, p. 279.

⁴ Revista A Imigração, n. 56, abril de 1889, apud, HALL Michael M. “Reformadores de classe média no império Brasileiro: A Sociedade Central de Imigração”. **Revista de História**. São Paulo, n. 105, pp. 147-

171.

⁵ HANDELMANN, Heinrich. Op. cit., p. 26.

⁶ BROWNE, George P. "Política Imigratória no Brasil Regência". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, volume 307, abril-junho, 1975, p. 38, referindo-se ao Decreto de 01 de setembro de 1808.

⁷ IOTTI, Luiza Horn(Org.). **Imigração e Colonização: Legislação de 1747 a 1915**. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul; Caxias do Sul: EDUCS, 2001, p. 42.

⁸ Ibid., pp. 47-53.

⁹ *Decreto de 16 de maio de 1818, artigos 1^a, 7^a, 8^a e 12*. Apud IOTTI, Luiza Horn(Org.). Op. cit., pp. 47-53.

¹⁰ *Decreto Real de 16 de março de 1820*, apud SCHNEIDER, Adolfo Bernardo. **Povoamento-Imigração Colonização**. Joinville: Imprensa Alvorada Ltda., volume I, 1983, pp. 271-272. Cf. também ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Globo, vol. I, 1969, p. 95.

¹¹ *Decreto Real de 16 de março de 1820*, apud SCHNEIDER, Adolfo Bernardo. Op. cit., pp. 271-272.

¹² Ibid., p. 272.

¹³ Id.

¹⁴ KREUTZ, Lúcio. Op. cit., p. 46.

¹⁵ "A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império". Artigo 5º da Constituição Brasileira de 25 de março 1824: In: **Constituições Brasileiras (Império e República)**. São Paulo: Sugestões Literárias, 1ª edição, 1978, p. 535. A manutenção da religião católica estava ainda assegurada no juramento que presta sobre a constituição o imperador, o regente, o herdeiro do trono, os conselheiros de Estados antes de assumir o governo. Veja HANDELMANN, Heinrich. Op. cit., pp. 333 e 337.

¹⁶ *Provisão Imperial de 08 de abril de 1823* apud BROWNE, George P. Op. cit., pp. 44-45. Cf. também IOTTI, Luiza Horn(Org.). Op. cit., p. 72.

¹⁷ PIAZZA, Walter F. **A Colonização de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1994, p. 107.

¹⁸ SOUSA E MELO, Manuel Felizardo de. "Relatório da Repartição Geral das Terras Públicas de 1855", pp. 25-26 apud BROWNE, George P. Op. cit., p. 45.

¹⁹ PAIVA, Joaquim Gomes de Oliveira. "Memória Histórica sobre a Colônia Alemã de São Pedro de Alcântara". In: **Os Alemães nos Estados do Paraná e de Santa Catarina**. Curitiba: Editora Olivero, 1929, p. 199.

²⁰ PHILIPPI, Aderbal João. "Migração dos Colonos Alemães de São Pedro de Alcântara em direção ao sul do Estado de Santa Catarina até 1900". In: JOCHEM, Toni Vidal(Org.). **São Pedro de Alcântara – Aspectos de sua História**. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999, pp. 149-150.

²¹ Lei n. 49, datada de 15 de junho de 1836. In: *Leis Provinciais de Santa Catarina Promulgadas nas Sessões Legislativas de 1835 a 1840*. S/l, s/e, s/d, pp. 89-94.

²² BROWNE, George P. Op. cit., p. 45.

²³ *Decisão de 21 de Julho de 1837*, in: *Coleção das Decisões do Governo do Império do Brasil, de 1837*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1887, p. 274 apud BROWNE, George P. Op. cit., p. 45.

Bibliografia

MATTOS, Jacinto Antônio de. **Colonização do Estado de Santa Catarina. Dados Históricos e Estatísticos (1640 – 1916)**. Florianópolis: Tipografia "O Dia", 1917.

PAIVA, Joaquim Gomes de Oliveira. "Memória Histórica sobre a Colônia São Pedro de Alcântara". In: **Os Alemães no Estado de Paraná e Santa Catarina**. Curitiba: Ed. Olivero, 1929.

- ALVES, Débora Bendocchi. "A Imigração Alemã para o Brasil". In: JOCHEM, Toni & ALVES, Débora. **São Pedro de Alcântara: 170 anos depois...** São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999.
- BROWNE, George P. "Política Imigratória no Brasil Regência". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, volume 307, abril-junho, 1975.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da Senzala à Colônia**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.
- CUNHA, Jorge Luiz da. "Alemães Emigrantes: As Causas". JOCHEM, Toni Vidal(Org.). **São Pedro de Alcântara – Aspectos de sua História**. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999.
- DALL'ALBA, João Leonir. **O Vale do Braço do Norte**. Orleans: Ed. do Autor, 1973.
- DIRKSEN, Valberto. "Padre Roer – Um Santo Sem Milagres". **Revista Encontros Teológicos**, Florianópolis, n. 24, 1998, pp. 85-89.
- ENTRES, Gottfried. **Gedenkbuch zur Jahrhundert-Feier deutscher Einwanderung in Santa Catharina**. Florianópolis: Livraria Central, 1929.
- FOUQUET, Carlos. **O Imigrante Alemão**. São Paulo: Instituto Hans Staden; São Leopoldo: Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 1974.
- HANDELMANN, Gottfried Heinrich. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da USP, s/d, 4ª ed, tomo I.
- HANDELMANN, Heinrich. "O Brasil e a Imigração". In: **História do Brasil**. Tomo II, São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1978.
- JOICHEM, Toni Vidal & ALVES, Débora Bendocchi. **São Pedro de Alcântara – 170 anos depois**. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999.
- JOICHEM, Toni Vidal(Org.). **São Pedro de Alcântara – Aspectos de sua História**. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999.
- _____. **A Epopéia de uma Imigração**. Águas Mornas: Ed. do Autor, 1997.
- _____. **Pouso dos Imigrantes**. Florianópolis: Papa-Livro, 1992.
- KLUG, João. "As Razões da Imigração". In: JOICHEM, Toni Vidal. **São Pedro de Alcântara – Aspectos de sua História**. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999.
- LAZZARI, Beatriz Maria. **Imigração e Ideologia**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1980.
- MEIER, Beat Richadr. "Duas descobertas de documentos primários do século passado". In: **Revista Ágora**, n. 12, Florianópolis, 1990.
- NADALIN, Sérgio Odilon. "Imigração Alemã no Brasil: Dois Problemas". In: **III Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros**. Porto Alegre: Ed. da URGS, 1980.
- NODARI, Eunice Sueli. "Imagens do Brasil na Alemanha do Século XIX". In: **Anais da XII Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica – SBPH**. Porto Alegre, 1992, pp. 209-213.
- OBERACKER Jr. Carlos H. **A Contribuição Teuta à Formação da Nação Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Presença, 1968.

- PETRONE, Maria Theresa. **O Imigrante e a Pequena Propriedade**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- PIAZZA, Walter F. **A Colonização de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1994.
- PROBST, Alberto. "Uma Colônia Regredindo". **Revista Blumenau em Cadernos**, Blumenau, tomo XXX, 1989, n. 2, pp. 61-2.
- SCHADEN, Francisco. "Início da Organização da Vida Espiritual de Teresópolis". **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**, Florianópolis, 2ª sem., vol. XIII, 1944.
- _____. "Notas sobre a Colônia Vargem Grande". In: **Revista Atualidades**, Florianópolis, números 6, 7, 8, 9, 10/11 e 12 de 1947.
- _____. "Notas Sobre o Povoado de Alto-Capivari". Texto inédito. S/l, s/d.
- _____. **Notas para a História da Localidade de Löffelscheidt**. São Bonifácio: Ed. do Autor, 1946.
- _____. **Notas sobre a localidade de São Bonifácio**. Trabalho apresentado no IX Congresso Brasileiro de Geografia, Florianópolis, 1940.
- SCHAUFFLER, Henrique. "Da vida de um alemão no Brasil". Crônica de Matthias Schmitz. In: **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, tomo VII, n. 12, 1966.
- SCHNEIDER, Jürgen. "Emigração Alemã para o Brasil - 1815/1870". In: **III Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros**. Porto Alegre: Ed. da URGs, 1980.
- SEYFERTH, Giralda. "A colonização Alemã no Brasil: Etnicidade e Conflito". In: FAUSTO, Boris(Org.). **Fazer a América**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- _____. "Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil". In: ZARUR, George de Cerqueira Leite. **Região e Nação na América Latina**. Brasília; Editora da UnB: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- _____. "O sistema de Colonização e a Idealização da Propriedade da Terra". In: **Revista Vicente Só**, n. 38, ano X, Brusque, 1986.
- STOER, Hermann. **Crônica da Paróquia de Santa Isabel - A mais antiga Colônia Alemã-Evangélica em Santa Catarina**. In: JOCHEM: Toni Vidal (Org.). Sesquicentenário da Colônia Alemã Santa Isabel 1847 - 1997 Celebração e Memória. Águas Mornas: Comissão dos Festejos, 1998.
- THEMANS, Humberto. **Viagem ao Brasil e Começo da Missão**. Coleção Centenário, n. 3, São Paulo: Província Franciscana, 1991.
- TRUDA, F. de Leonardo. "A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, ano X, 1930.
- TSCHUDI, Johann Jakob von. **As Colônias de Santa Catarina**. Blumenau: CNPq e Casa Dr. Blumenau, 1988.
- WAIBEL, Leo. "Princípios da Colonização Européia no Sul do Brasil". In: **Revista Brasileira de Geografia**, ano XI, n. 2, abril-junho de 1949.
- WILLEMS, Emílio. **Assimilação e Populações Marginais no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

Entrevista

Edemir de Souza

ENTREVISTADORA:
MARILU ANTUNES*



Com a finalidade de abordar o tema “Profissões”, trazemos para o leitor, a entrevista do radiologista e comunicador Edemir de Souza.

Os depoimentos de profissionais desta área são fontes importantes, pois contêm subsídios que auxiliarão àqueles que pretendem trabalhar com esta temática.

Por outro lado, a história da radiodifusão de Blumenau merece uma ampla pesquisa que ainda está para ser feita com o critério e rigor de uma produção científica.

Identificada como pioneira em Santa Catarina, sua memória documental diluiu-se no tempo. A realização de entrevistas com estes profissionais certamente irá ajudar a compor essa ausência de fontes documentais.

O entrevistado, Edemir de Souza, por mais de quarenta anos vivenciou parte desta história. Este depoimento foi realizado em maio de 2003, pela aluna do Curso de História Marilu Antunes.

M.A. O Sr. poderia se apresentar?

E.S.: Meu nome é Edemir de Souza. Eu nasci no dia 24 de fevereiro do ano de 1941, na cidade de Blumenau. Sou Filho de um operário, vindo da cidade de Itajaí, Ernesto de Souza, o qual por longos anos trabalhou na firma Eletro-Aço Altona, e de Margaria Siemann de Souza, também da cidade de Itajaí. Minha infância foi vivida com muita simplicidade, mas fui feliz. Lembro-me vagamente dos pequenos carrinhos de madeira, brincando com alguns amiguinhos, fazendo algumas peripécias como fazem normalmente os

* Aluna do curso de História da Furb.

pequenos quando ainda vivem num mundo encantado e cheio de fantasias. Apesar da pobreza e dos poucos recursos de meus pais, minha adolescência foi boa. Tive a felicidade de encontrar bons amigos, fiz grandes amizades. Sempre tive uma vocação artística. Gostava muito de imitar os cantores da época como: Jorge Veiga, Francisco Alves, Silvio Caldas, Roberto Luna, Nora Ney, Carlos Galhardo, Vicente Celestino e tantos outros. Colocava-me dentro de um grande caixão e ali fazia o meu mundo, o rádio da época. Cantarolava os comerciais Melhoral, Talco Ross e outros. Gostava de ouvir a Rádio Nacional na casa de um vizinho de nome Oswaldo da Silva. Ouvia o Repórter Esso, a Hora do Anjo, Crônica do Dia, na voz do saudoso César Ladeira, Balança Mas Não Cai, Pausa para Meditação, com Júlio Louzada. Ouvia também emissoras como: Tupy-Piratininga de São Paulo, etc. Sempre que sobrava uma folguinha aos domingos ia na Matiné do Cine Busch e Blumenau, e levava algumas revistas para trocar com amigos. Morávamos na Rua São Paulo, hoje nas imediações da Breitkopff. Ali existiam algumas fábricas como: Berner Bebidas Thomsen, Fábrica de Borracha, Cremer e mais distante a Eletro-Aço e Fábrica de Gaitas. Lembro com saudades das músicas que gostava de ouvir na vitrola do vizinho, Sr. Ulbrich, e os discos em alemão, principalmente as marchas “Velhos Camaradas” e “Lily Marlene”. Dona Fanny von Hertwig era vizinha e também executava com maestria, ao piano, lindas valsas e músicas que tocavam o coração. Lembro inclusive da música Tico-Tico no Fubá. Recordo que gostava de jogar nas tardes da semana no Ipiranga, onde disputávamos partidas de futebol. Foi uma fase muito boa. Mas, o que me atraía aos domingos eram os shows que eu ia assistir após assistir a Santa Missa na velha Igreja Matriz São Paulo Apóstolo.

Estes shows eram realizados no Clube Náutico América ou no Auditório da Rádio Clube. Alí assistia às “Matinadas Alegres”, animadas pelo jornalista Pereira Júnior e mais tarde pelo Carlos Fernando. Isto foi muito bom!

Como todo adolescente, também fiz aventuras. Lembro de uma que fiz em companhia de um amigo, fomos de bicicleta até Jaraguá do Sul. Naquela época, as estradas eram todas de barro. Aliás, a idéia era irmos até Curitiba, mas devido ao cansaço e à distância, desistimos. A segunda, foi com outro amigo. Fomos a Itajaí, chegando ao Balneário de Cabeçudas, onde passamos a noite. Os passeios se repetiam sempre de bicicleta, pedalando até Indaial (Warnow), Apiúna, Itajaí ou até a localidade de Mosquito, hoje Trombudo Central.

M.A. *E a sua escolaridade?*

E.S.: Entrei na escola um pouco tarde, aos 9 anos. A primeira escola ficava no bairro Vila Nova, e o meu primeiro professor foi o Sr. Belmiro de Amorim. Ali fiquei até o 3º. ano primário. Depois frequentei o Grupo Escolar Machado de Assis, onde terminei o curso primário (4º. ano). Lembro-me de alguns dos professores como: Wilson Alves Pessoa, Godo Deecke, Elza T. Pacheco (Diretora), Dna. Matilde, Dna. Aiga Barreto e outros. Como éramos pobres, para ajudar um pouco nas despesas da casa, lembro que aos 10 anos de idade comecei a trabalhar. Consegui, com o Sr. Chiminelli, sair nas ruas vendendo picolés e sorvetes com um pequeno carrinho. Vendia também para a mãe do Maurício Xavier (ex-Diretor do Jornal A Nação) pastéis preparados por ela. Mas foi somente um período muito curto. Não esquecia de levar também em algumas cestas, garrafas de bebidas vazias, para a venda na fábrica de bebidas Berner e nas bebidas Thomsen. Sempre dava alguns *trocados*.

M.A. *Que formas de lazer marcaram a sua juventude?*

E.S.: Antigamente onde havia alguém que estava fazendo aniversário era comum acontecer as chamadas “Surpresas”. Estas aconteciam na casa da família do aniversariante com muita alegria, muita comida e música. Então faziam-se aquelas “Surpresas”. Eu, mesmo algumas vezes sem ser convidado, participava do aniversário a fim de me divertir. Havia na cidade dois cinemas. As seções começavam às 14 horas, e às vezes ia também na seção das 16 horas. Havia três seções aos domingos e, durante a semana era às 20 horas. Existia também na época, na Rua XV de Novembro, o Cine Farol (ao ar livre), nas atuais imediações onde hoje está o Shopping da XV. Ali, aos domingos, reunia-se a juventude no chamado “futing”, onde faziam o seu passeio e alguns flertes com as garotas e ao mesmo tempo era possível assistir aos filmes e chanchadas. Havia ainda o Café Pingüim, local de encontro dos mais velhos para tomar um cafezinho e trocar idéias nas rodas de amigos. Nos divertíamos ainda nos estádios do G. E. Olímpico, Guarany (na Itoupava Norte) e Aderbal Ramos da Silva, do glorioso Palmeiras de Juca, De Lucas, Gordinho, Lázaro e tantos outros.

Havia ainda as chamadas domingueiras, das quais participávamos, mas muito pouco. O que mais atraía era a época do Carnaval, na S. D. Vasto Verde, muito concorrida na cidade. Também a Rádio Clube fazia aos domingos as

Matinadas Alegres, inicialmente no antigo Clube Náutico América, com Pereira Júnior, e em seguida em seu próprio auditório, prestigiando as pratas da casa, como: Dalmo Soares, Vitório Pfiffer, Flávio Santos, Joãozinho Boa Pinta e outros. Tudo em clima de amizade, num ambiente sadio e muito divertido. Nesta época não faltava também a obrigação de assistir aos domingos as santas missas na velha e antiga Igreja Matriz São Paulo Apóstolo. Lembro que um dos hobbies de antigamente era fotografar. Para isto, comprei um Kapsa e sempre, em horas de folga, saía por aí a fotografar paisagem, amigos, surpresas e outras coisas mais. As fotos eram em preto e branco, e as revelava no estúdio do Foto Universal, da Rua XV, ou no Foto Hugo. Outras das minhas manias eram as flâmulas (bandeirinhas confeccionadas em tecido). Eu tinha uma coleção de mais de 200 flâmulas. Lembro que nos domingos e feriados, quando se tinha dinheiro, após o pagamento, uma boa e alegre diversão era passear na Rua XV e Alameda com carro de aluguel (Táxi). O preço era bem camarada e era feito através dos amigos Lindolfo, Antonio Domingos, Bilico, Genésio, Lig Lig e outros. Tempos de muita saudade!

M.A. E o casamento?

E.S.: Casei quando atuava na cidade de Gaspar como radialista. Foi lá que conheci uma jovem bonita, loura, cabelos compridos, simpática, porém, tímida. Esta jovem de nome Ema foi e continua até hoje sendo o amor da minha vida. Casamo-nos em Brusque, sua cidade natal, justamente no dia do seu aniversário, em 1º. julho de 1961, na Igreja Matriz de Azambuja. Do nosso casamento nasceu Jorge Henrique de Souza, nosso filho único.

M.A. E como o senhor ingressou no rádio?

E.S.: Comecei no rádio aos 14 anos. Desde cedo acompanhei em casa as programações radiofônicas da época.

Trabalhando nos estúdios da Rádio Clube - PRC-4 - Década dos anos 80.

Um dia, num domingo, fiz amizade com Joacir Alcântara e Sidnei Gonçalves, que eram técnicos de som (colocavam discos na agulha). Perguntei a eles se havia possibilidade de aprender a profissão e o que eu deveria fazer. Foi quando o Sidney me disse que estava para sair, e se eu desejasse, estava

disposto a me ceder a sua vaga, ensinando-me a manusear os instrumentos. Não tive dúvida nenhuma. Em menos de uma semana já tocava sozinho a programação. Só faltava a ordem superior para começar a trabalhar de verdade. Minha vontade era tanta que, às vezes, mesmo sem ordem alguma, fazia os horários daqueles que eram realmente funcionários. Um dia o Sidney disse que estava saindo e que já havia pedido a demissão. Foi quando resolvi falar com o Sr. Flávio Rosa, que era um dos donos da emissora, para solicitar a vaga. Perguntou-me o Sr. Flávio se eu já sabia manusear os instrumentos, e prontamente respondi que sim. Finalmente, no dia 1º. de março de 1955, começava a minha carreira de radialista.



Edemir de Souza fazendo os trabalhos técnicos - Rádio Difusora - 1959.

Éramos em quatro técnicos de som: Joacyr Alcântara, Walmor de Oliveira (que às 6 horas da tarde também fazia a oração da Ave Maria) e Alvacir Ávila dos Santos. Fiquei três anos aproximadamente como técnico de som. Os locutores da época eram: Gener Reinert, Carlos Braga Müller, Dalmo Feminela e Pereira Júnior. Surgiu aí a antiga Rádio Difusora com: Brandino Phillips, Waldir Wan-Dall, Carlos Martendal e o Tigre Lopes. Depois, surgiu a Rádio Nereu e, mais tarde, a Alvorada.

No ano de 1958, fui transferido para Gaspar para atuar já como locutor na Rádio Clube (uma das Coligadas). Ali fiquei até 1960, quando obrigatoriamente fui servir por um ano nas fileiras do Exército. Neste tempo me afastei das lides no rádio. Segui para Curitiba, para servir na 5ª. Cia. da Polícia do Exército, na Praça Rui Barbosa. Voltei no ano seguinte para continuar minhas atividades na Rádio Clube de Blumenau. A estas alturas como um apaixonado pelas bandas de música, tentei imitar o saudoso Osny Jacobsen, da Rádio Nereu Ramos, com o “Antigamente era Assim”, fazia com Norberto Koffke o programa “Domingo alegre” com a apresentação de bandinhas ao vivo nos estúdios da rádio.

M.A. E quais eram os programas mais ouvidos no rádio?

E.S.: Lembro que os programas de rádio mais ouvidos eram: “Peça a sua música”,



Programa de auditório “Domingo Alegre” - (De chapéu Norberto Koffke) - Apresentação musical do Jazz Alvorada de Massaranduba - Década dos anos 60.

“Revista Matinal” com José Gonçalves; “Manhã Sertaneja” com Tangará e Irmãs Pêra; “Marcha do Esporte”, com Tesoura Júnior; Repórter Catarinense, com Gener Reinert, Jéser Jossí e Reynaldo Ferreira; aos sábados havia um programa com músicas clássicas e, aos domingos, “Domingo Alegre”, que era um programa de auditório. Mais tarde Nelson Rosenbrock, com outros programas, como: “A vida com alegria”, “Disk-Fone C4”, “Social Medeiros”, programa de oferecimentos musicais e outros.

M.A. *Que programas o senhor criou?*



Um momento musical: Foto tirada na sacada da Rádio Clube PRC-4 - O locutor Sadi Miguel e Edemir de Souza - 1960

E.S.: Os programas criados por mim no rádio foram: “A música que o povo gosta”, “Boa noite Blumenau”, “Domingo Sertanejo”, e mais tarde o “Salve a Banda”, que marcou e marca até hoje. Durante a trajetória pelo rádio, fiz também

algumas reportagens as quais me deram a oportunidade de conhecer várias personalidades como: Hercílio Deeke, Frederico Guilherme Busch, Prof. José Ferreira da Silva, Curt Metzker, Alfredo Campos (Diretor da Força e Luz); vereadores, como: Dr. Alfonso Balsini, Bernardo Werner, Carlos Curt Zadrozni, José Ferreira, Waldir Rosa, Wolfgang Jensen, Armando Bauer Liberato, Ingo Hering, Guilherme Jensen, Pedro Zimmermann, Cácio Medeiros, Edgar Reuter, João Alfredo Rebelo, entre outros.

M.A. *E as festas do Rádio, como eram?*

E.S.: As festas eram realizadas em várias partes como estádios de futebol e praias. Eram, na verdade, muito divertidas e a fraternidade se completava. Na época fazíamos uma união das emissoras coligadas de Santa Catarina, compreendendo Brusque, Itajaí, Gaspar, Indaial e Blumenau. Tive muitos padrões inesquecíveis. Foram poucos, mas que ainda permanecem e irão permanecer para sempre em minhas lembranças e, porque não no coração: Flávio Rosa e Dr. Wilson de Freitas Melro, da Rádio Clube de Blumenau (PRC4); Dr. Airton Arival Rebelo, da Rádio Blumenau, onde atuei pelo espaço de dois anos. Foram sem dúvida pessoas amigas e que muito contribuíram para o meu desenvolvimento artístico. Não esquecendo também, Sr. Caetano Deeke de Figueiredo, na antiga TV Coligadas. Fiz muitos amigos, mas aqui desejo citar alguns que também fizeram parte da minha jornada quando atuei nas emissoras de rádio. Edgar Mund, Francisco Custódio, Emílio Alcântara Viana, Rodolfo Schmitz, Vitoriano Cândido da Silva (Tesoura Júnior), José Gonçalves, Nelson Rosenbrock, Jeser Jossí Reinert, Gener Reinert, Dalmo Feminela, Reinaldo Ferreira, Francisco Nascimento, Waldir J. Wandall, Carlos Braga Müller, Rodolfo Sestrem, Adolfo Nolte, Ademir Ramiro, e tantos outros que é claro, não poderia enumerar devido ao espaço aqui cedido. Mas de qualquer forma rendo as minhas homenagens a todos que ao meu lado estiveram na luta pelo seu ideal.

M.A. *O senhor também trabalhou com televisão?*

E.S.: Quando a TV Coligadas de Santa Catarina, foi inaugurada em 1969, esta pertencia à rede Coligadas de Rádio, sendo seus principais diretores os senhores Flávio Rosa, Dr. Wilson de Freitas Melro e o Sr. Caetano Deeke de Figueiredo.

Assim, iniciou-se a grande era da televisão, sendo Blumenau a pioneira no Estado, cobrindo através de suas repetidoras, toda Santa Catarina e uma parte do Rio Grande do Sul.

Tudo era novidade. Havia programas, tele-novelas, filmes, desenhos, documentários, incluindo parte da programação Global. Programas ao vivo, como “Domingo no Parque” do saudoso Waldemar Garcia, “Mulheres em Vanguarda”, Tele-Jornais e



Programa “Salve a Banda”, nos estúdios da TV Coligadas, Canal 3. Entrega de brinde. No ato o Radialista Nelson Rosembrock e Edemir de Souza.

outros. Em 1970, fui convidado a fazer teste como locutor de cabine (off) e a seguir, já estava assumindo a parte comercial como locutor, atuando por trás das cortinas pelo espaço de dois anos. Nesta mesma época, tive a ousadia de consultar a direção artística, comandada pelo então saudoso e grande amigo Iraní Macedo, sobre a possibilidade de colocar no ar um programa de Bandas. Sugeriu-me o Iraní de falar com a alta direção, no caso, o Sr. Caetano, que não teve dúvidas, cedendo o espaço de uma hora aos sábados, entre 14 e 15 horas. Sucesso absoluto que se repetiu até 1975. Houve um breve intervalo, ou seja, uma parada de aproximadamente 6 meses, quando a direção resolveu abrir mais uma vez o espaço, no horário de 11:30h aos sábados, ficando no ar mais 6 meses, quando definitivamente

houve o corte geral, não só do “Salve a Banda”, mas de outros programas ao vivo, como “Em Busca de Novos Horizontes” com D. Gregório Warmeling, e “Confronto”, apresentado na época pelo Prof. Victor Fernando Sasse. Fiz também dois programas do mesmo gênero através da TV Cultura de Florianópolis.

M.A. Que outras atividades o Senhor exerceu ao longo da sua carreira?

E.S.: Durante este espaço de 48 anos, fiz outras atividades tais como: serviço de alto-falante, criação da primeira agência de empregos da cidade, retretas em praças públicas em várias partes do Estado. Com o Dr. Carlos Alberto Ross criamos a primeira gravadora de discos em Blumenau (Empreson Discos), fundamos dois jornais: Empreson e Jornal das Sociedades, os quais divulgavam as festas e outros eventos dos Clubes de Blumenau e região, como: Auto Cine Gaspar (Cinema ao ar livre); Festivais de Bandas em Pomerode, Timbó, Rio Negrinho, São Bento do Sul. Fizemos filmagens de todos os bairros da cidade de Blumenau e Clubes de Caça e Tiro de Blumenau e Pomerode. Em âmbito nacional lançamos três discos do “Salve a Banda”. Fizemos em Rio Bonito (Distrito de Joinville), o Festival de Bandinhas. Outra novidade foi a criação do Ponto de Escuta (serviço de utilidade pública através do cabo nos pontos de ônibus na cidade de Blumenau), o qual foi pioneiro em todo Estado de Santa Catarina. Hoje para sobrevivência, além de um salário mínimo da aposentadoria, faço gravações em vídeo das bandas e bandinhas, sempre com apoio de amigos, através de comerciais, e gravo CDs com orações, comercializando entre amigos que conquistei durante todo este espaço de tempo.

M.A. Qual a reportagem que marcou sua vida profissional?

E.S.: Foi a reportagem que fiz com Nelson Rosebrock, no Rio de Janeiro, em 1969, no Maracananzinho, sobre a eleição de Vera Fischer, como Miss-Brasil.

M.A. Sr. Edemir, para finalizar, agradeço pelo seu depoimento, o qual com certeza irá proporcionar aos interessados informações para desenvolver pesquisas nesta área da comunicação.

E.S.: Eu agradeço a oportunidade de poder contar e deixar registrado esta minha trajetória na área da comunicação. Muito obrigado!

Memórias

Armin Zimmermann

**TEXTO: GRETE
BAUMGARTEN
MEDEIROS**



Foi um blumenauense que comandou as Forças Armadas da Alemanha.

Em novembro de 1917 nascia em Blumenau Armin Zimmermann. Armin era filho do professor alemão Erich Zimmermann e sua esposa Jenni Altenburg. Erich veio ao Brasil contratado pela direção do pensionato de rapazes da escola alemã de Blumenau e com ele mais outros, todos licenciados da Alemanha por vinte anos.

Este pensionato funcionou durante longos anos no fim da rua, naquele tempo chamada Kaiser Strasse, hoje Alameda Rio Branco.

Erich enamorou-se de bela blumenauense, filha de Luiz Altenburg e sua esposa, Clara Breithaupt. Erich e Jenni casaram-se e constituíram família em Blumenau. Tiveram quatro filhos: Julius, Gerda, Armin e Marlis. Depois de alguns anos, Erich recebeu a proposta para dirigir em São Paulo uma escola alemã: a Escola Real.

Mudaram-se para São Paulo onde manteve também um pensionato para rapazes. Alunos que vinham do interior encontravam lá um lar com Dona Jenni. Os anos foram passando e a velha pátria chamou de volta os professores licenciados. Erich teve de escolher entre atender ao chamado ou perder os direitos à pensão mais tarde. O Brasil ainda não oferecia segurança para a velhice e era pegar ou largar...

Resolveram então deixar o Brasil. Jenni sofreu muito, creio que nunca esqueceu o que ela deixou aqui.

Chegou, pois, o dia de embarque em Santos, ou melhor, no Porto de Santos. O menino Armin ficou deslumbrado ao conhecer o Transatlântico: “Um dia voltarei aqui comandando um navio assim”. Tinha ele na época nove anos.

Pelas leis alemãs, todos eram alemães. Passaram-se os anos e o sonho de Armin não terminou, a imagem daquele navio não o largou. Na época certa Armin ingressou na Marinha Alemã.

Estourou a Segunda Guerra Mundial. Armin comandou um submarino caça minas. Patrulhou o Mar Báltico. Fico pensando se ele teve alguma reação ao saber que o Brasil havia entrado na guerra. Não creio, ele se sentia alemão demais, deixara o Brasil muito menino. Nascido lá ou aqui, ele era um soldado alemão.

Finalmente terminou esta grande tragédia que causou grande destruição, que separou muitas famílias. Que o digam os descendentes de imigrantes italianos.

Armin não suportaria a idéia de ver seu navio destruído. Assim que ele viu que a Alemanha tinha perdido a guerra, que tudo tinha terminado, ele não teve dúvidas, e num gesto inteligente, foi o primeiro a entregar aos aliados o seu navio. Isto lhe deu prestígio entre os aliados e mais tarde voltou para a Alemanha. E quando foi reorganizada a marinha alemã, ele recebeu novamente o comando de um navio.

Voltou, pois, à ativa. Era tudo na vida dele, tudo o que ele queria. Tempos depois ele foi nomeado Supremo Comandante das Forças Armadas da Alemanha. Em alemão: Oberbefehlshaber des Deutschen Heeres. Os jornais alemães que aqui chegaram diziam: “Pela primeira vez um homem do mar...” Naquela época o Prefeito de Blumenau era Félix Theiss.

O Prefeito convidou-o oficialmente para visitar sua cidade natal. Ele aceitou o convite e foi marcada a data para a visita. Os blumenauenses receberam o ilustre visitante com muita festa. Desfilou ao lado do Prefeito em carro aberto pelas ruas. Visitou a Prefeitura, etc. A visita durou três dias. Para a numerosa família ficou reservada uma tarde no salão do Teatro Carlos Gomes. Vieram parentes de todos os cantos do Brasil.



Armin Zimmermann em visita a Blumenau

Armin veio com a esposa, que parecia estar muito feliz em conhecer tão grande família. Fico pensando o que passava em sua cabeça ao deparar-se com sua dupla nacionalidade...

Perguntado se ainda falava português, ele respondeu que seu português era de um menino de nove anos.

Ele mostrou-se um homem muito reservado e de poucas palavras. Dias depois ele foi recebido em Brasília pelo Presidente Ernesto Geisel. Como Zimmermann não falava português, nosso presidente falou em alemão com ele, não precisou de intérprete.

Alguns anos depois, Armin Zimmermann faleceu em consequência de um antigo ferimento de guerra.

Armin era meu primo.

Memórias

O Barranco da Beira do Rio

TEXTO: LOURE
ELSA HOLETZ*



Em 1954 o espaço atualmente ocupado pela avenida Castelo Branco ou Beira Rio, era um barranco que dos fundos dos prédios da Rua 15 de Novembro descia em leve declive até o rio.

Quando me casei, fui morar no segundo andar do nosso prédio na Rua Quinze, 1360, no lado do rio. O prédio ficava entre o Hotel Cruzeiro de um lado e de uma passagem para pedestres, ainda existente, do outro lado. Na loja térrea funcionava a Loja de Casimiras Nobis do Sr. André Martins. Atrás da loja havia um depósito e no porão deste funcionava a gráfica do Sr. Santos. No primeiro andar havia duas salas comerciais e o segundo fora transformado em apartamento para nós recém-casados. O prédio, construído por meu sogro em 1948 ainda lá está, um pouco modificado.

Nos fundos o nosso AP tinha uma sacada da qual se tem uma belíssima vista do rio, da Ponta Aguda e de toda a avenida beira-rio. Atrás do prédio, o já citado barranco coberto de abundante vegetação rasteira e uma porção de salgueiros e bambus, debruçados sobre o rio.

Na época era um lugar muito bom para se morar, fresco ventilado e sem muito barulho. Mas para mim havia ali um fator negativo e inquietante: as enchentes do rio. Quando acontecia eu morria de medo. Não sei porque o rio sempre me amedrontava, em especial durante as enchentes, quando na escuridão e silêncio da noite se ouvia o lúgubre e ameaçador gorgulhar dos redemoinhos que se formavam nas águas a se deslocarem velozes rio abaixo. E já em outubro de 1954 houve uma enchente que me deixou apavorada. Meus sogros e meu marido riam de mim dizendo: é só água; ele já encheu tantas vezes!

* Colaboradora da Revista Blumenau em Cadernos.

Em 1955 houve outra enchente bem menor que a anterior e depois uma estiagem que fez as águas baixarem muito.

Era no começo do inverno. Meu marido trabalhava na Souza Cruz e viajava muito. Um dia teve um acidente e voltou para casa com a cabeça enfaixada. Levei um susto enorme, mas felizmente não fora grave. Ele apenas deveria repousar. Nossa primeira filha tinha então cinco meses. No dia seguinte quando levantei o marido estava com febre. Fui à loja do Sr. Martins telefonar ao médico. Na volta a criança estava chorando muito, pois era a hora da mamadeira. Troquei-lhe as fraldas, coloquei-a na cama com o pai e fui preparar a mamadeira. Para esfriar o mingau, despejei-o num prato e fui batendo com o garfo, enquanto, da janela olhava para o rio.

Mas o que está acontecendo? Perguntei a mim mesma. O barranco está diferente! Aquelas árvores não estavam lá dentro do rio onde estão agora! Algo mudou! Como podem as árvores estar dentro do rio? Eu estava perplexa, meus pensamentos turbilhonavam, eu via e não acreditava. Como? Como? Então aconteceu o que eu sempre temera: com um estrondo, diante dos meus olhos o barranco se despreendeu das fundações da casa e escorregou para dentro do rio.



A foto acima registra um desmoronamento ocorrido após a baixa das águas da enchente de 1948. Nesta ocasião ruiu a parte dos fundos do Hotel Moderno, o qual era propriedade de L. Gruel. Esta imagem é uma mostra dos desbarrancamentos e prejuízos que as margens do rio sofriam antes da construção da estrutura da atual Beira-rio.

O chão parecia cortado com a faca, verticalmente rente ao prédio. No terreno ao lado, do antigo Hotel Cruzeiro, havia um rancho que também foi engolido pelas águas. Meu susto foi tão grande que eu não pude gritar ou falar. Corri para o quarto, peguei a criança e a custo consegui dizer ao marido: o barranco caiu! Nossa casa corre perigo de desabar! Logo começou o alvoroço na rua: todo mundo chegando para ver o que tinha acontecido. Chamaram a polícia e os soldados do 23.^a RI, interditaram a Rua Quinze e nos fizeram sair do prédio ameaçado. O buraco aberto pelo deslizamento ia da nossa casa até o antigo Bar Benthien. Nunca poderei esquecer este episódio, pois o susto foi muito grande. O que eu sempre temia acabou acontecendo.

Hoje, a bela Avenida Castelo Branco ou Beira Rio, como também a chamam, não deixou nem sequer um sinal ou vestígio do antigo barranco. Assim mudam as coisas, como nós também.



Avenida Castelo Branco - popularmente chamada de Beira-Rio.

**Uma história
que vale a pena
lembrar:
G. E. Olímpico,
campeão
estadual invicto
em 1949,
de fato, de
direito e de
disciplina.**

TEXTO:
*DR. WALMORE
BELZ**



Após vencermos sob a batuta do técnico José Pêra o Campeonato da Liga Blumenauense, o invicto de 1948, que na época incluía as cidades de Brusque, Gaspar, Itajaí, passamos a nos preparar para o Campeonato Estadual que seria disputadíssimo. Projeto muito ambicioso.

O G. E. Olímpico, após vencer os adversários da região norte, que incluía a Liga Joinvilense e a Liga de União da Vitória, aguardava o desfecho da Liga de Florianópolis e a Liga Sul, que seria vencida pelo Avaí.

Agora sobre a orientação do técnico Carlos de Campos Ramos, o Leleco, nos preparamos para a conquista de tão cobiçado título de Campeão Estadual, inédito para os blumenauenses. Antes do jogo final com o Avaí, vamos analisar a nossa campanha.

Iniciamos nossa estréia em Porto União, dia 12.03.1950, contra o Juventude com uma vitória de 5 x 2. Em seguida recebemos a visita do mesmo Juventude em Blumenau, placar 5 x 1, em 19.03.1950.

Enfrentamos a seguir, em 26.03.1950, a valerosa equipe de São Francisco do Sul, da Liga Joinvilense em, o Atlético, o qual vencemos pelo placar de 4 x 2 em nosso campo, na baixada. Em 20.04.1950, fomos a São Francisco do Sul e num embate duríssimo vencemos por 3 x 2.

Agora só restava o Avaí da capital, que com todas as qualidades e valores, era protegido pela Federação Catarinense.

Preparamo-nos como era a tradição na época, uns trabalhando, uns estudando e todos treinando duas vezes por semana. Com a equipe preparada, esperamos o Avaí na baixada.

* O autor é assinante da Revista Blumenau em Cadernos.

Em 30.04.1950 vencemos pelo escore dilatado de 6 x 1. Delírio total, desfile na Rua XV, cidade em festa.

Agora era necessária a vitória em Florianópolis. Chegou o dia 07.04.1950. Ansiosos, viajamos à capital. Fomos de ônibus da Catarinense e embarcamos às 5 horas da manhã. Ficamos hospedados na casa do Leleco.

Expectativa. A ilha em alvoroço. Buscávamos a vingança esportiva por tantas vezes adiada. Estádio Adolfo Konder, onde hoje fica o Shopping da Baía Norte, lotado, com “pessoal saindo pelo ladrão”. Gente não conseguindo entrar no estádio.

Tarde ensolarada, vento sul. Ao entrar em campo, sons ensurdecidos, vaias, gritos, aclamações.

Resultado final, vencemos 4 x 1. Lágrimas, choros, abraços, beijos. G.E. Olímpico campeão estadual e primeiro título dos blumenauenses.

Florianópolis desolada, Blumenau delirante. Ao regressarmos à cidade, foguetório, desfile na Rua XV, muita emoção, exaltação. Durante meses as reuniões e discussões nos principais pontos de fofocas: Café Polar, quartel geral do Olímpico e no Café Pingüim, do Palmeiras.



Grêmio Esportivo Olímpico - Campeão Estadual invicto 1949

Esquerda para direita em pé: Leleco (técnico), Pachequinho, Honório, Jaeger, Arcio, Oscar, Aduci. Em baixo: Testinha, Nicolau, Juarez, Walmor, René.

Os heróis de 49:

Oscar Meyer - goleiro

Aduci Vidal - zagueiro

Arecio Ávila dos Santos - zagueiro

Arthur Jaeger - zagueiro

Curt Jaeger - meio campista

Amauri Pacheco - lateral direito

Honrio Mayer - meio campista

Jalmo Hipólito da Silva - meio campista

Eli Rosa Testinha - ponta direita

Nicolau E. dos Santos - meia direita

Juarez Teixeira - centro avante

Walmor E. Belz - meia esquerda

Moacir Massita Werner - centro avante

René Nadelli - ponta esquerda

Genésio Cabeleira Silva - ponta direita

Valdir Luz - goleiro

Carlos Campos Ramos, Leleco - técnico

Werner Eberhart - presidente

**Brasil Futebol Clube -
Jogadores
pegavam em
pás, enxadas e
carrinhos-de-
mão**

TEXTO:
AURÉLIO SADA*



O Brasil Futebol Clube não nasceu em berço esplêndido, passou por fases problemáticas, de sérias conseqüências financeiras, nos tempos em que o futebol era autenticamente amador, mas sempre se valeu de “chão próprio” para desenvolver suas atividades esportivas, embora dele não fosse proprietário legítimo.

Desde a época de sua fundação, ocorrida em 19 de julho de 1919, vivia o Alviverde a treinar e promover jogos num “campo” localizado à Rua Dr. Blumenau, cedido pelo superintendente Paulo Zimmermann, da municipalidade. Tinha o terreno 70 metros de comprimento e uma infinidade de imperfeições a corrigir.

Nessa área, que necessitava de acentuada melhoria de condições para tornar-se um gramado pelo menos razoável, eram os serviços de sua transformação praticados com decisivo amparo financeiro de algumas figuras de proa da agremiação, envolvendo, ainda, elevado número de simpatizantes da causa e, também, os próprios jogadores, que se entregavam com entusiasmo à tarefa de colocar tudo “no ponto”.

Dirigentes e atletas, valendo-se de carrinhos-de-mão, pás e enxadas, cuidavam eles próprios de arrumar o terreno de jogo, trabalhando com rara disposição e prazer, principalmente aos domingos pela manhã.

Mais tarde foi adquirindo o reduto “brasileiro” aspectos mais vistosos, não sem passar, periodicamente, por situações desoladoras.

O Brasil, com nove anos incompletos, já se encontrava em evidência no melhor futebol de Santa Catarina, superando obstáculos de toda ordem para unir, a essa rápida ascensão esportiva, um patrimônio condizente com suas reais necessidades.

* Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

É nessa direção que o clube caminhava, deparando com toda sorte de atropelos.



Jogadores do Brasil Esporte Clube - 1940.

Primeira frustração

Acaba no começo de 1928 o primeiro campeonato estadual de futebol, temporada de 1927, nele presente a equipe verde-branco de Blumenau.

Já mareado, quem sabe, pela infelicidade de não ter nascido para sagrar-se campeão desse torneio, apesar de haver participado de algumas decisões, o Brasil vai ao estádio da Rua Bocaiúva, em Florianópolis, para tombar diante do Avaí por 3 a 2, usando Gaúcho; Garcia e Neves, Balsini, Neto e Krepsky, Mario Razzini, Natal, Ivo, André Sada e Petrelli.

Dessa forma, coube ao Avaí o privilégio de abrir a relação de detentores do título máximo de Santa Catarina e, ao Brasil, o consolo de ser o vice e primeiro time de interior a figurar numa decisão.

Estádio em festa

Exatamente a 3 de julho de 1928, um dia de tempo inseguro, a pouco menos de mês e meio do 9º aniversário de fundação, o Brasil concretizava um sonho de sua gente, inaugurando a praça de esporte da então Rua Dr. Blumenau, de modo bastante festivo.

A diretoria expressou reconhecimento e gratidão especiais a quatro nomes que prestaram ao clube importante ajuda monetária, custeando o fechamento do campo e a conclusão de dois aterros: Victor Neves (presidente), Orlando Neves (1º secretário), Gilberto Neves (presidente de honra) e Joaquim Breves Filho (sócio-contribuinte). O valor total da obra ficou em torno de 3.600\$000.

Elogios também foram dirigidos a um grupo de abnegados que, sem considerar as condições do tempo, agindo como operários, demonstraram rara dedicação no trabalho de nivelamento do campo, utilizando-se dos recursos disponíveis. Entre eles, estavam Lindolfo Natal, Victor Krepsky, Mário Razzini, André Sada, Curt Probst, Emílio Alexandre Sada e Orlando Neves.

Torneios e Corridas

Pela manhã, saiu torneio de times secundários, com jogos disputados nesta ordem: Brasil 2 x Amazonas 0 e, na decisão, Blumenauense (campeão) 5 x Brasil 0.

À tarde, na abertura do torneio principal, o Brasil derrotou o Blumenauense no encontro (clássico) mais esperado, apresentando-se o campo completamente lotado em suas dependências.

O acontecimento, comentado pelo jornal *A Cidade*:

“Às 2:30h Arnaldo, chamava a postos os onze do Blumenauense e do Brasil. Precisamente nessa hora a Srta. Nayd Braga, ardorosa torcedora do verde-branco, dava protocolar ponta-pé inicial, ato que provocou da parte dos assistentes uma prolongada salva de palmas.”

Outro tópico “inspirado” do autor das notas:

“O relógio registrava 3:35h quando o imparcial e justiceiro juiz da pugna, Arnaldo Schaeffer, deu termo ao prélio esportivo, proclamando o seguinte resultado: Brasil, 2 x Blumenauense, 1”.

Na segunda partida, tranqüila goleada do Brusquense sobre o Bom Retiro, por 4x1.

Veio a decisão da Taça Orlando Neves, com a conquista do troféu pelo Brasil, ao abater o Brusquense por 2 a 1, marcando Mario e Probst para a

representação alviverde, que formou com Orlando, Emílio e Guerreiro, Razzini, Krepsky e Buhr, Mário, André, Natal, Nico e Probst.

Constaram ainda do programa duas provas de 100 metros rasos.

Maria Ítala Sada venceu a corrida feminina, tendo como prêmio uma bolsa de prata.

Antônio Carlos Ferreira ganhou a prova masculina, levando cinco churrascos. Nada mais.

Fases

De 1928 a 1943, alterando sua denominação em consequência de crises financeiras pesadas, o Brasil seguiu jogando no mesmo estádio, que passou por reparos de pouca monta, acabando por ficar no mais completo abandono até o final de 48.

Até aquele ano, sem teto, o clube cansou de usar os domínios do Grêmio Esportivo Olímpico, seu maior rival.

Só pra Lembrar

A doação (em caráter definitivo) da praça desportiva da Alameda Duque de Caxias ao Palmeiras, quando era presidido por Valdemar Devitz, foi definitivamente oficializada em 3 de janeiro de 1947, por ato final do Sr. Udo Deeke, Interventor Federal em Santa Catarina, naquela oportunidade.

No ano seguinte, a 7 de junho, aqui esteve o Governador do Estado, Aderbal Ramos da Silva, em visita oficial à cidade, de cujo programa constou a solenidade de lançamento da pedra fundamental do estádio que, doze anos depois (19 de julho de 1959), teria seu nome, definitivamente.

Tudo se deu no dia do 40º aniversário palmeirense, com o engenheiro Hélio Melo na presidência do clube.



Dois times rivais, posando juntos para foto, em 1940: o do Blumenauense (mais tarde Grêmio Esportivo Olímpico) e o Brasil (mais tarde, Palmeiras Esporte Clube).

Indicações de fontes para pesquisas

O período colonial no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina e outros arquivos

TEXTO: *WALTER F. PIAZZA**



Após efetuar pesquisas em arquivos vários, quer nacionais, quer estrangeiros, que nos conduzissem ao conhecimento dos seus conteúdos, a propósito do nosso período colonial, notadamente desde a criação da Capitania da “Ilha de Santa Catarina”, abalançamo-nos a uma avaliação no que tange ao Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

1. Correspondência dos Vice-Reis do Estado do Brasil com os Governadores da Capitania

Este núcleo documental é o mais opulento no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, no tocante ao período colonial.

Entretanto, desde logo, se sente a falta daquela correspondência relativa ao período 1738 (ano de criação da Capitania da “Ilha de Santa Catarina”) a 1775.

No códice, abrangendo anos de 1775-1779, falta a correspondência dos anos de 1777-1778 (período da invasão espanhola).

Seguem-se os códices relativos aos períodos 1782-1789, 1790-1792, 1793-1798, 1799-1802 e 1802-1808, faltando, portanto, a documentação relativa a 1779-1782.

A existência de qualquer falha pode ser constatada confrontando-se o acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina e o “Índice” dessa mesma correspondência publicado pelo Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (Publicações do Arquivo Nacional, v. 6, Rio de Janeiro, Imprensa nacional, 1907).

* Professor aposentado da Universidade Federal de Santa Catarina, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, autor de várias obras na área de história de Santa Catarina.

2. Cartas Régias, Provisões, Alvarás e Avisos

No Arquivo Público do Estado de Santa Catarina há, somente, dois códices, subordinados a esta matéria. Referem-se aos períodos 1769-1794 e 1794-1801.

Pode-se, de imediato, dizer que não se tem completa tão importante manancial de informações para a nossa história político-administrativa.

Mais uma vez vamos nos socorrer com o “Índice” efetuado pelo Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, que o fez para o período 1662-1821 (Publicação nº 1, Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas do Arquivo Nacional, 1922).

3. Correspondência dos Secretários do Estado com os Governadores da Capitania

Há no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, um códice subordinado a este título, para o período 1748-1804.

O seu conteúdo pode ser, assim, discriminado: de Manoel Antonio de Azevedo Coutinho (1748-1749), duas; de Diogo de Mendonça Corte Real (1750-1756), sete; de Tomé Joaquim da Costa Corte Real (1750-1756), cinco; de Francisco Xavier de Mendonça Furtado (1760-1768), catorze; do Conde de Oeiras (1764), uma; de Martinho de Mello e Castro (1770-1792), três; de D. Rodrigo de Souza Coutinho (1796-1803), vinte e quatro; do Visconde de Anadia (1801-1803), duas; e de Luiz de Vasconcellos e Souza (1804), duas.

Como se vê são sessenta cartas, o que não é expressivo, face ao período abrangido.

CONCLUSÃO

Dada a brevidade deste estudo tem-se que ponderar ser esta matéria digna de aprofundamento, face à dispersão documental havida com a evolução político-administrativa do Brasil.

Acrescente-se a tudo isto a centralização administrativa que houve em Portugal, onde dois Arquivos são de suma importância (Arquivo Nacional da Torre do Tombo e Arquivo Histórico Ultramarino, ambos em Lisboa), e adicione-se que a vida administrativa brasileira teve início, em 1549, na Bahia, com a instalação do Governo Geral (v. Arquivo Público do Estado da Bahia, Salvador).

História & Historiografia

Associações Agrícolas e Exposições Coloniais em Santa Catarina

*TEXTO: MANOEL
P.R. TEIXEIRA DOS
SANTOS*
JOÃO KLUG***



A atividade rural das famílias imigrantes e sua interação com o meio natural nas colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina (1850 a 1905) vêm sendo objeto de pesquisa de nossa dissertação de mestrado desenvolvida no PPG/História da UFSC. Entre os diversos aspectos que esta pesquisa analisa está o desenvolvimento agrícola destas colônias. A partir disso, esta comunicação tem como objetivo refletir sobre o papel das associações agrícolas e exposições coloniais na instrução dos trabalhadores rurais.

As nossas atenções estão concentradas em três colônias: Blumenau, fundada em 1850 pelo Dr. Hermann Blumenau e transformada em colônia imperial em 1860; Dona Francisca, atual município de Joinville, uma colônia particular fundada em 1851; e Brusque, colônia imperial fundada em 1860, denominada assim após a união das colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro.

O desenvolvimento econômico das colônias aqui analisadas seguiu uma trajetória comum a boa parte dos núcleos coloniais existentes em Santa Catarina. A grande variedade de culturas desenvolvidas pelos trabalhadores rurais imigrantes, objeto de nossa pesquisa, possibilitava aos poucos um excedente a ser negociado. A comercialização deste excedente no mercado interno e externo, melhorias nas redes de transporte, o aprimoramento das técnicas de cultivo e uma conexão com as indústrias de beneficiamento (engenhos, alambiques, laticínios) eram condições básicas para este desenvolvimento.

* Manoel Pereira Rego Teixeira dos Santos é mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CAPES

** João Klug é doutor em História social pela USP, professor no Departamento de História e no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

Os trabalhadores rurais formavam a imensa maioria dos imigrantes estabelecidos em Blumenau, Dona Francisca e Brusque. Alguns colonos, que na Europa atuavam nas mais variadas profissões, transformaram-se em agricultores após a emigração. Muitos deles chegavam às colônias com total desconhecimento do trabalho rural.

Hermann Bruno Otto Blumenau, fundador, proprietário e diretor da colônia Blumenau no Vale do Itajaí, então Província de Santa Catarina, publicou em 1851, um *Guia de instruções aos imigrantes para Província de Santa Catarina, sul do Brasil* como uma espécie de manual de orientação para os interessados em emigrar. Através deste, Dr Blumenau relata que nos primeiros tempos da colônia, os trabalhos na agricultura ainda estavam sendo feitos de forma bastante rústicas e simples para os moldes europeus da época, o que facilitaria a aprendizagem. A derrubada e queimada da mata seria o primeiro passo para a instalação das lavouras, geralmente plantava-se milho, cana-de-açúcar e feijão. Segundo as expectativas do Dr. Blumenau, após um período de três a quatro anos os tocos e raízes estariam apodrecidos e poderiam ser retirados com um gancho, sendo assim a terra estaria pronta para ser arada, reduzindo o esforço em pelo menos 2/3 quando comparado ao trabalho manual com enxada.¹ Entretanto, este sistema de coivara permaneceu por muito tempo e a popularização do arado, tanto em Blumenau como nas demais colônias de Santa Catarina, tornou-se lenta em virtude do relevo bastante acidentado e dos altos custos para limpeza dos restos da mata derrubada.

A distribuição fundiária em pequenas propriedades de subsistência tornava as colônias de imigrantes da então Província de Santa Catarina uma região policultora em pequena escala. Em virtude das dificuldades já citadas, as práticas rurais adotadas na Europa na época da emigração, não poderiam ser repetidas com fidelidade nas colônias do sul do Brasil. Desta forma, algumas culturas até então desconhecidas para os europeus passaram a fazer parte da produção agrícola e da alimentação dos colonos. Ao longo dos anos, o desenvolvimento destas atividades rurais foi mesclando a bagagem cultural trazida da Europa com as novidades assimiladas na interação com o “novo meio”.

Os quadros estatísticos da produção agrícola de algumas das principais colônias de imigrantes demonstram-nos a importância que algumas culturas nativas tinham na atividade rural dos imigrantes. A farinha de mandioca,

por exemplo, apresentava-se como um dos grandes produtos exportáveis destas colônias.

Esta mescla caracteriza boa parte da produção rural nestas colônias, no entanto, estas não foram as únicas influências recebidas pelos imigrantes agricultores. A fundação de sociedades de cultura (associações de agricultores) e a realização de exposições agrícolas exerceram um papel importante neste contexto. Como afirmamos anteriormente, no séc. XIX, as técnicas agrícolas mais modernas da Europa não foram introduzidas no país. Mesmo assim, observamos que o trabalho rural nestas colônias sofre transformações ao longo dos anos. As introduções de novas culturas e alguns avanços nas formas de cultivo são os aspectos mais significativos. Considerando isso, procuramos através deste trabalho, refletir sobre as finalidades e a potencialidade destas sociedades e eventos para a lida rural nas colônias.

Para este trabalho, concentramos nossas atenções em documentos disponíveis nos arquivos municipais. Entre elas, destacam-se os relatórios coloniais, provinciais e ministeriais; as correspondências oficiais e pessoais; e os artigos agrícolas escritos no séc. XIX e publicados em jornais locais ou mesmo na Europa. Muitos destes documentos aqui citados e analisados foram republicados nos diversos volumes da Revista *Blumenau em Cadernos*.

Nos avanços das técnicas de cultivo, onde se concentram nossas atenções, a fundação de sociedades de cultura adquiriu uma importante função. Com o intuito de desenvolver a lavoura e a pecuária destas colônias eram promovidas reuniões com conferências instrutivas e o intercâmbio de experiências adquiridas pelos colonos. Além disso, estas associações estiveram à frente na realização das exposições coloniais e em suas participações nos eventos provinciais, nacionais e internacionais.

A promoção de exposições agrícolas e industriais foi uma tendência mundial durante a segunda metade do século XIX. Além da premiação dos principais produtores, estas exposições atuavam como importante veículo de divulgação de novas técnicas e implementos a serem adotados na indústria e agricultura.

As exposições universais, surgidas em meados do século XIX, com o capitalismo industrial, eram feiras que representavam a força e a utopia modernista. “Sua origem data do final do século XVIII, no entanto só se transformam

em mostras internacionais a partir de 1851 em Londres”.² Nesta primeira exposição os produtos expostos foram divididos em quatro grupos: manufaturas, maquinarias, matéria-prima e belas-artes. Desta forma todos os países poderiam contribuir com a exposição. Portanto, estas “exposições realizadas na segunda metade do século XIX apresentavam progressos alcançados pela ciência, pela tecnologia e pela cultura, além de atuarem como um dos mais importantes espaços de propaganda para as mercadorias produzidas pela sociedade burguesa, numa época em que os meios de informação e de criação de um mercado consumidor não eram tão diversificados como na atualidade”.³

A participação brasileira nestas exposições universais teve início na terceira edição em Londres (1862). A partir daí o Brasil, com grande incentivo e financiamento do Imperador D. Pedro II, um entusiasta do avanço científico, teve presença cativa nestas exposições. Sua intenção era colocar o país entre as nações que caminhavam rumo ao progresso industrial. Mesmo tendo levado produtos industriais (maquinaria, materiais para estrada de ferro, telégrafos e armamentos militares) a contribuição brasileira nestes eventos estava concentrada em produtos agrícolas e exóticos. Um exemplo disso ocorreu em sua primeira participação, onde os seus produtos premiados foram o café e a cerâmica marajoara.⁴

Apesar de estarem diretamente relacionadas com os países que percorriam os caminhos da industrialização, as exposições também foram realizadas em países onde este processo ainda estava distante. No Brasil foram promovidas seis exposições nacionais de 1861 a 1888. Estas serviam como preparatórias e classificatórias para a escolha dos representantes brasileiros nas edições internacionais.

Diversas províncias brasileiras também realizavam suas exposições preparatórias. Em Santa Catarina, tanto o governo provincial como algumas colônias de imigrantes promoveram exposições seguindo a tendência internacional. O sistema de premiação também era inspirado nas universais, com a distribuição de medalhas e diplomas para as mais variadas categorias.

Assim como as universais, as exposições brasileiras atuavam na divulgação dos avanços da mecanização na agricultura. Os catálogos agrícolas apresentavam uma diversidade de alambiques, moendas, engenhos e ferramentas. A interação com esta tecnologia e a possibilidade de aquisição poderia transfor-

mar significativamente o trabalho rural numa propriedade agrícola.

A participação das colônias de imigrantes de Santa Catarina nas exposições nacionais e internacionais foi premiada em algumas edições. Através de seu diretor Dr. Hermann Blumenau e de alguns colonos, a colônia Blumenau recebeu prêmios em exposições nacionais e internacionais. O acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, em Blumenau, possui certificados e diplomas de premiação nas edições de 1861 e 1875 da Exposição Nacional e nas Exposições Internacionais de Paris em 1867 e Filadélfia em 1875.

A premiação da Colônia Blumenau em Paris 1867 foi tratada com grande satisfação pelo Imperador Dom Pedro II e por seu Ministério da Agricultura. Observamos através de correspondências pessoais⁵ e elogios nos relatórios ministeriais⁶, o prestígio do Dr. Blumenau na corte imperial.

Em 1874, por influência do governo imperial e seguindo a tendência da segunda metade do século XIX, Dr. Blumenau elaborou uma proposta de um programa para as Exposições Coloniais. Segundo esta, os “desígnios” destas exposições seriam:

- 1- Tornar conhecidos, na possível extensão, quaisquer riquezas e recursos naturais brutos, existentes no respectivo distrito e nas partes adjacentes, que atualmente ou no futuro possam ser aproveitados na indústria e no comércio;

- 2- Animar o progresso e a emulação na lavoura e indústrias por meio de prêmios honoríficos e, em certos casos, de prêmios pecuniários ou da compra de objetos expostos.

- 3- Promover e facilitar a mútua instrução, bem como as relações e os negócios entre os produtores e compradores.⁷

As exposições inicialmente seriam anuais e a época do evento variaria segundo as condições climáticas, o número da população, a extensão da lavoura e o interesse dos expositores. De acordo com esta proposta, poderiam ser expostos:

- 1- Quaisquer animais úteis para, por seu intermédio, serem introduzidas novas criações ou melhoradas as raças existentes do distrito, e quaisquer plantas úteis ou de ornamento ainda desconhecidas do mesmo.

- 2- Quaisquer máquinas, aparelhos e utensílios ou modelos, que forem

ainda desconhecidos ou não fabricados no distrito e que nele, com vantagem, poderiam ser empregados ou fabricados, bem com quaisquer outros objetos, que à população do mesmo possam servir de instrução profissional.

3- Tratados relatórios ou breves notas sobre ensaios ou melhoramentos, executados em quaisquer ramos da lavoura e indústria do distrito, quando os objetos, de que tratam, por sua natureza só com grande dificuldade ou despesa ou de maneira nenhuma podem ser trazidos à própria exposição e sim nos respectivos lugares examinados e apreciados.⁸

A proposta previa, assim como as grandes exposições, a distribuição de diplomas de honra, menções honrosas e prêmios pecuniários. Os eventos seriam divididos em três classes:

§ **I Classe:** Produtos brutos da natureza.

§ **II Classe:** Agricultura, economia e indústrias agrícolas e rurais, inclusive a criação assessoria de diferentes animais, a horticultura, pomi e arboricultura e as culturas especiais.

§ **III Classe:** Produtos de ofícios, artes e indústrias, indispensáveis ou de primeira importância para o bem estar, a prosperidade e o progresso de qualquer colônia ou apropriados para o melhor aproveitamento dos produtos, tanto espontâneos da natureza, como de trabalho humano.⁹

A apresentação dos relatórios, notas e ensaios sobre procedimentos e melhoramentos executados na cultura e produção do distrito, formariam o segundo grupo da segunda classe. Estas informações deveriam dizer respeito a uma das três secções propostas:

§ **Secção 1:** legumes cereais e plantas alimentícias.

§ **Secção 2:** plantas filamentosas, oleaginosas e tintureiras.

§ **Secção 3:** café, cacau, fumo, algodão, cana de açúcar e outras plantas sacaríferas.¹⁰

A proposta ainda deixa claro que a fonte de recursos para viabilização destes eventos viria do apoio governamental e de possíveis doações particulares. Dr. Blumenau faz referência sobre a responsabilidade das comissões eleitas no

bom aproveitamento destes fundos recebidos.¹¹

Esta proposta de Hermann Blumenau evidencia, em seu capítulo VII, o papel a ser cumprido pelas sociedades de cultura na promoção das exposições coloniais. Nas colônias, em que existissem sociedades ativas de cultura ou de outra denominação, que tivessem por fim promover os interesses comuns e o progresso na agricultura e indústria, seria confinada a preparação e execução práticas das exposições a uma Comissão Geral, eleita pelas mesmas e composta de pelo menos três membros, a qual seguiria em geral pelos princípios e regras, estabelecidas pelo programa elaborado.¹²

A Sociedade de Cultura de Blumenau foi fundada em 1863, sua finalidade e atividade, segundo seu Estatuto, eram melhorar a economia rural, bem como as condições sociais, morais e científicas da Colônia Blumenau. Para conseguir isso, a sociedade promoveria reuniões periódicas nas quais haveria conferências de assunto instrutivo, troca de idéias e consultas mútuas sobre os problemas enfrentados. Segundo ata desta Sociedade, em sua primeira reunião que se seguiu à fundação foi realizada uma longa discussão sobre a cultura do milho, tabaco, bicho da seda, bem como plantas de frutos oleosos e de fibras. Pelas atas das demais reuniões constatam-se que os principais temas de discussão eram a cultura do tabaco, milho, feijão, e das plantas tuberosas, sendo nomeados diversos sócios para fazer experiências referentes à cultura e adubação, a fim de relatarem sobre os resultados obtidos.¹³ Esta sociedade também mantinha uma biblioteca para o uso gratuito de seus membros.¹⁴ Não temos conhecimento das obras disponíveis, mas acredita-se que era constituída em sua maior parte por livros e manuais de instrução agrícola.

A criação de gado também mereceu atenção e cuidado especial da sociedade. Através dela ocorreu a subscrição para compra de gado bovino e ovino, além da promoção de uma exposição específica em 1879¹⁵. A produção de fumo era amplamente favorecida pela sociedade, mas ao lado das sementes de tabaco também distribuía com regularidade grande sortimento de sementes de hortaliças. As suas reuniões não se realizavam sem uma ou mais preleções sobre o assunto referente à cultura de alguma planta, preparo de algum produto agrícola, criação e tratamento do gado ou combate às doenças e parasitas.¹⁶

O Sindicato agrícola de Blumenau, criado em 1907, seguiu a Sociedade

de Cultura no serviço de orientação e amparo aos agricultores, com o fornecimento de sementes e distribuição e estacionamento de gado de raça importado. Ao sindicato também se deve a fundação da Caixa Agrícola, a construção da Estrada de rodagem da Serra do Trombudo, a instalação do posto agropecuário do Rio Morto.¹⁷

O surgimento de uma sociedade desta espécie em Brusque ocorreu em 1872 com a fundação da Associação Agrícola das colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro. Seu surgimento deu-se por iniciativa do Diretor Dr. Luiz Betin Paes Leme, e seu objetivo era a realização de exposições anuais dos produtos agrícolas das colônias e ao mesmo tempo incentivar nos colonos o interesse pela lavoura. Eram celebradas seções mensais onde eram aplicados trabalhos práticos e ensaios de novos gêneros de cultura.¹⁸ Esta associação promoveu, segundo documentos existentes na Sociedade Amigos de Brusque, quatro exposições, sendo que a primeira exposição foi realizada em outubro de 1872.¹⁹

Os relatórios do Ministério da Agricultura informam que os objetos mais notáveis dos eventos de 1872 e 1873 foram remetidos à Exposição Nacional, sendo alguns deles enviados e premiados na Exposição Internacional de Viena em 1873.²⁰

Na Colônia Dona Francisca, de acordo com os Relatórios anuais da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, logo nos primeiros anos após sua fundação no norte de Santa Catarina em 1851, foi criada uma Sociedade Cultural. Sua finalidade era “ajudar aos imigrantes com conselhos e auxílios por meio de exposições públicas e por meio da divulgação de tentativas no âmbito da agricultura e de conhecimentos úteis para a indústria”.²¹

Os auxílios aos agricultores representavam uma das várias seções desta Sociedade Cultural, no entanto, as contribuições a esta categoria (evidentemente predominante numa colônia agrícola) são as mais destacadas pela direção da colônia. Os relatórios citam com entusiasmo a promoção de conferências instrutivas sobre a agricultura e a prescrição e distribuição de sementes para os colonos. No ano de 1864, os relatórios fazem referência sobre tentativas da dita sociedade na introdução de sementes de lúpulo, trigo, centeio, aveia e cevada. Neste momento apenas estas duas últimas teriam obtido bons resultados.²²

Alguns trechos dos Relatórios da Sociedade Colonizadora de Ham-

burgo indicam a potencialidade das influências que estas sociedades de apoio à atividade agrícola poderiam gerar à lida rural. O Relatório de 1865, por exemplo, apresenta uma descrição interessante sobre o papel exercido pela Sociedade Cultural de Dona Francisca:

A sociedade Cultural está ininterruptamente se esforçando para oferecer aos colonos garantidos pontos de referência para seus cultivos, por meio de novas tentativas de cultivo e divulgação dos resultados e do modo de manejo. Já que as plantações de café e de açúcar sofreram repetidas vezes com as geadas noturnas e, por isso, o seu cultivo parece ser aconselhável só para os locais mais protegidos da colônia, fazendo com que a mencionada sociedade direcione a atenção para os cultivos, cuja época de plantio e colheita caia em estações, nas quais não estejam sujeitos a este tipo de desastres e que ao mesmo tempo sejam próprias para exportação.²³

Em Dona Francisca os esforços da Sociedade Cultural receberam forte apoio da imprensa local com a divulgação de suas iniciativas através do *Colonie-Zeitung* (Jornal da Colônia). Desta forma, algumas contribuições desta sociedade não ficavam restritas a seus membros. O mesmo jornal publicava alguns ensaios curiosos para instrução dos colonos, sendo que os assuntos estavam comumente relacionados às formas de manejo das mais variadas culturas agrícolas.

Através de sua Sociedade Cultural foi sugerida para Colônia Dona Francisca a realização de uma exposição colonial para o ano de 1866, com o intuito de mostrar o que acontecia na colônia em termos de agricultura. No entanto, sua realização foi suspensa em virtude do anúncio de uma grande exposição nacional no Rio de Janeiro. A Província de Santa Catarina realizou sua exposição provincial como prévia para o evento imperial no mesmo ano de 1866 em sua capital Desterro. A participação da colônia Dona Francisca nestes eventos é destacada nos relatórios da Sociedade Colonizadora de Hamburgo. Na exposição nacional de 1866, o açúcar branco do colono B. J. Poschaan foi premiado com uma medalha de prata. Este dado aponta para um desenvolvimento considerável das técnicas de cultivo e processamento, considerando que se tratava de uma cultura produzida em grande escala no país e pouco conheci-

da nos países de origem destes colonos.²⁴

A primeira exposição agro-industrial de Joinville²⁵ ocorreu apenas em 1874. Os relatos entusiasmados do *Kolonie-Zeitung* (Jornal da Colônia) apontam para um evento com grandes proporções para época. Sendo Dona Francisca a maior e mais populosa colônia de Santa Catarina, acredita-se que o evento deve mesmo ter atingido um grande público. O custo do evento ficou em torno de 1 Conto de Réis, e mesmo sendo esta uma colônia particular apenas subvencionada pelo Império, o governo contribuiu com 500 mil Réis enquanto o restante foi coberto pelas entradas e por outras receitas.²⁶

A participação de Dona Francisca em edições das Exposições Internacionais foi registrada em seus relatórios anuais. Na Universal de Filadélfia em 1876, dois colonos de Joinville foram premiados com medalhas beneméritas.

Além destas exposições citadas, as principais colônias de imigrantes alemães de Santa Catarina também participaram das Exposições Teuto-Brasileira de Porto Alegre (1881) e Berlim (1882). A participação do Brasil nesta última, tinha como um dos principais objetivos cunhar uma melhor imagem da emigração para o Brasil (pois esta havia sido arranhada em função do “Reeskript von Der Heydt”, de 1859), especialmente para o sul do país.²⁷

Evidentemente, a participação destas colônias, assim como a participação brasileira como um todo, não estavam entre as mais destacadas nestas exposições universais. No entanto, devido às diversas dificuldades de transporte e comunicação que a época oferecia, a simples presença e as modestas premiações podem ter influenciado o trabalho rural nos diversos núcleos coloniais catarinenses. Esta influência pode ter ocorrido diretamente ou mesmo via edições nacionais, provinciais e coloniais destas exposições. As universais também inspiravam a elaboração de artigos agrícolas, feitos, por vezes, com incentivo do governo imperial.²⁸

No entanto, para os agricultores de Santa Catarina e especialmente para os colonos de Blumenau, o acesso a inovações e experimentos agrícolas não ocorreu somente através das exposições e associações agrícolas. Em 1895 foi criada no núcleo colonial de Rio dos Cedros (Blumenau), a primeira Estação Agronômica e de Veterinária de Santa Catarina. Este tipo de instituição surgiu no Brasil apenas na segunda metade do século XIX.

Cinquenta anos após a instalação do Jardim Botânico no Rio de Janeiro (1808), surgiram, por decretos do Imperador D. Pedro II, os imperiais Institutos de Agricultura. Foram cinco institutos, localizados na Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Sergipe e Rio Grande do Sul.

Objetivo destes Imperiais Institutos de Agricultura eram:

1 - Facilitar a substituição dos braços necessários à lavoura por meio de máquinas e instrumentos apropriados, promovendo a introdução e adoção daquelas cuja utilidade for praticamente demonstrada, e bem assim estudando e ensaiando o sistema de colonização nacional e estrangeira, que parecer profícuo.

2 - Fundar estabelecimentos normais, onde se experimentem as máquinas e instrumentos aplicáveis à nossa lavoura, se ensaiem os sistemas mais convenientes da cultura da terra, os métodos adequados ao fabrico, ao aperfeiçoamento, à conservação dos produtos agrícolas, assim com a extinção dos vermes e insetos nocivos.

3 - Promover a aquisição das melhores sementes e renovos de plantas e, experimentada a sua superioridade, facilitar a distribuição aos lavradores;

4 - Cuidar do melhoramento das raças de animais úteis, promovendo generalização das melhores espécies.

5 - Auxiliar pelos meios a seu alcance a administração pública no empenho de facilitar o transporte dos gêneros, promovendo a abertura de novas vias de comunicação, onde forem necessárias, a conservação e melhoramento das atuais, e que de todas resultem à lavoura vantagens correspondentes ao dispêndio anual dos produtos de agricultura, animando-a por meio de prêmios, e facilitando o transporte e venda dos ditos produtos.

6 - Promover a exposição anual dos produtos de agricultura, animando-a por meio de prêmios e facilitando a venda e o transporte dos ditos produtos.

7 - Formar e rever anualmente a estatística rural, acompanhando-a de uma exposição acerca do estado da agricultura, seu progresso ou decadência, causas permanentes ou transitórias que para isso tenham influído, e, finalmente, sobre tudo quanto possa interessá-la.

8 - Criar e manter periódico no qual, além dos trabalhos próprios do

Instituto e dos estabelecimentos normais, se publiquem artigos, memórias, traduções e notícias de reconhecida utilidade para nossa agricultura, q que expõna em linguagem acomodada à inteligência da generalidade dos agricultores os melhoramentos que merecem ser adaptados nos processos agrícolas, e os princípios da economia rural indispensáveis para o judicioso emprego dos capitais, boa administração das fazendas e aproveitamento de seus produtos;

9 - Criar nos estabelecimentos normais, quando as circunstâncias permitirem, escolas de agricultura, onde se aprendem princípios gerais e as noções especiais indispensáveis para que o trabalho se torne mais suave, útil e vantajoso.²⁹

“Segundo Gastal (1980), esses institutos, criados entre 1859 e 1861, não vingaram, à exceção do Instituto Bahiano de Agricultura, do qual nasceu, em 1875, a Imperial Escola Agrícola da Bahia”.³⁰ No entanto, ainda antes do início do século XX, foram criadas algumas outras importantes entidades de pesquisa agrícola. Em 1883, por exemplo, foi criada em Pelotas uma instituição de ensino de agricultura e veterinária que posteriormente deu origem à Escola de Agronomia Eliseu Maciel. Ao lado desta, por iniciativa do então Ministro da Agricultura, Conselheiro Antônio da Silva Prado, foi fundada em 1885 a Imperial Estação Agronômica de Campinas, transformada, posteriormente, em Instituto Agronômico de Campinas.³¹

Na Europa as inovações científicas ganhavam força ao longo do século XIX e eram impulsionadas pelo crescente desenvolvimento industrial.

Em meados do séc. XIX, a participação da Alemanha neste contexto passa a ganhar cada vez mais importância. “A Alemanha passou a produzir cientistas bem treinados, manuais e aparelhos para suprir não só as suas necessidades, mas, outras para muito além de suas fronteiras”.³²

Ao final do séc. XIX, a Alemanha já figurava como a grande potência do mundo científico. Este domínio era representado pelo seu grande número de universidades, escolas técnicas superiores, e pela diversificada produção de revistas e manuais.³³

A vanguarda alemã também era percebida nas pesquisas agrícolas. Sua peculiar estrutura organizacional era formada por estações experimentais financiadas pelo Estado. “Nesse contexto, a primeira instituição de pesquisa

agrícola sustentada pelo governo foi estabelecida na Alemanha, e não na Grã-Bretanha. Era uma estação experimental em Möckern, na Saxônia, criada em 1852 com o objetivo de buscar soluções científicas para os problemas agrícolas das províncias alemãs”.³⁴

“O sistema alemão de pesquisa passou a ser constituído por faculdades e pelas estações experimentais baseadas no modelo de Möckern, que tinham por características não executar a tarefa de ensino e eram apoiadas por organizações de fazendeiros e câmaras de Agricultores”.³⁵

De acordo com Lucy Woellner dos Santos, “Esse modelo, adotado no Brasil, foi escolhido também para a Estação de Rio dos Cedros; isto ocorreu, presumivelmente, pela influência do Dr. Hermann Blumenau, diretor da Colônia Blumenau, e que pertencia a uma elite cultural na Alemanha, país que liderava a organização científica na época. Mesmo depois de vir para o Brasil, o Dr. Blumenau mantinha freqüentes contatos com os meios intelectuais alemães, trazendo para a Colônia as inovações correntes na Europa. Essas influências podem ter sido reforçadas pela comprovada visão tecnocrática do governador Hercílio Luz, que também tinha formação acadêmica na Europa”.³⁶

Dr. Blumenau teve durante o período em que permaneceu na Colônia, uma preocupação constante em introduzir novas técnicas e culturas. Curiosamente, em suas tentativas com plantas ornamentais, acabou trazendo junto a elas algumas ervas daninhas. Sua disposição em absorver novas tecnologias pode ser comprovada pela introdução, em 1851, do primeiro arado de Santa Catarina, mas que não podia ser usado ainda, pelos motivos anteriormente expostos.

Mesmo após o seu retorno à Alemanha, por carta a seu procurador no Brasil, em 1892, oferece área de suas terras para implantação de uma estação experimental. Esta disposição demonstra que, mesmo à distância, ele acompanhava o que transcorria na antiga Colônia Blumenau, e tinha interesse e preocupação com o seu desenvolvimento agrícola baseado no conhecimento científico.³⁷

Na mesma correspondência, Hermann Blumenau demonstra frustração com a falta de motivação dos colonos blumenauenses para o projeto da estação experimental em suas terras na Ponta Aguda. Lamentava também a

diminuição do espaço para artigos agrícolas na imprensa local, reforçando a necessidade de divulgação das inovações nos métodos de cultivo.³⁸

No desenvolvimento das atividades de pesquisa realizadas pela Estação Experimental de Rio dos Cedros, o nome de Giovanni Rossi ganha destaque. Este agrônomo italiano foi o seu diretor e responsável de 1895, ano da fundação, até 1907. As preocupações de Giovanni Rossi com a introdução de técnicas inovadoras e com a publicação e divulgação de recomendações e orientações aos agricultores e sua atuação está registrada pela publicação de inúmeros artigos e por seus relatórios anuais.

As atenções desta estação estavam concentradas em sua maior parte a pesquisas sobre a cultura do fumo, no entanto, merecem destaque nos relatórios de Rossi, as referências ao número e a diversidade de culturas com que a Estação trabalhava. Como exemplo da diversificação de produtos, o Relatório de 1903 destaca as culturas do trigo, milho, arroz, videira, oliveira, maçã, pera, pêsego, ameixa, caqui, marmelo, e diversas outras espécies frutíferas, além de trabalhos com forrageiras, maniçoba, apicultura e a distribuição de sementes e mudas.³⁹

Em 1900, em razão das comemorações do cinquentenário da colônia Blumenau, Rossi escreveu um artigo onde considerava que os implementos agrícolas utilizados em Blumenau, ainda eram muito rudimentares, mas correspondiam às necessidades da indústria da época, preparados pelas ferrarias “das nossas valadas”. Nos montes usava-se a foice e a enxada, enquanto nas planícies destocadas, dominava o arado, a capinadeira, a semeadeira mecânica e as enxadas puxadas por tração animal. A única máquina difundida e fabricada na colônia, era a máquina de picar cana e outras forragens, utilizada no preparo da ração animal.⁴⁰

Portanto, observamos que apesar da impossibilidade de aplicar nas colônias de Santa Catarina as mais modernas técnicas de cultivo da Europa, ocorreram tentativas de aprimoramento no trabalho rural dos imigrantes.

Neste sentido, tiveram destacado papel as exposições universais, nacionais, provinciais e coloniais promovendo a divulgação dos avanços alcançados em cada escala, além disso, inspirando a publicação de artigos agrícolas. As sociedades de colonos agricultores, além de atuarem na promoção destas exposi-

ções, possibilitavam através das reuniões periódicas e das conferências instrutivas o acesso a informações úteis ao trabalhador rural. Alguns periódicos publicavam este tipo de conferência, ampliando significativamente o alcance destas informações. A Estação Agrícola de Rio dos Cedros foi um passo ainda mais significativo nesta busca pelo melhoramento da potencialidade agrícola das colônias catarinenses.

Enfim, observamos através desta pesquisa ainda em andamento, que apesar de nestas colônias ter predominado por longo tempo uma agricultura rudimentar com o uso da coivara, existiram tentativas consistentes para aprimorar a produção rural. Neste contexto, destaca-se com bastante relevância, o significado das exposições bem como das “Associações Culturais”, no sentido de inserir o mundo rural teuto-catarinense numa agricultura mais eficiente e produtiva, saindo do sistema de uma agricultura de subsistência com poucos excedentes para o mercado.

¹BLUMENAU, Hermann. *Guia de instruções aos imigrantes para Província de Santa Catarina sul do Brasil*. In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) **Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil**. Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p.199.

² SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador, D. Pedro II um Monarca dos Trópicos*. p. 388

³ FILHO, Almir Pita Freitas. *Tecnologia e Escravidão no Brasil: Aspectos da Modernização Agrícola nas Exposições Nacionais da Segunda Metade do Século XIX (1861-1881)*. **Revista Brasileira de História**. Vol.22. p.73

⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. Cit. p. 393/394

⁵ Correspondência de Dom Pedro II para Hermann Blumenau. **Acervo: AHJFS**. Pasta 2.32 n.329.

⁶ Relatório do Ministério da Agricultura de 187. p.31 **Acervo: Uchigago**. <<http://www.crl.uchicago.edu/info/brazil>>

⁷ BLUMENAU, Hermann. *Proposta de um programa para as exposições coloniais*. **Revista Blumenau em Cadernos**. Vol 5. Blumenau, 2000. p.43.

⁸ Idem, p.44.

⁹ Idem, p.47/53.

¹⁰ Idem, p. 48.

- ¹¹ Idem, p.53.
- ¹² Idem, p. 53.
- ¹³ Atas da Sociedade de Cultura (acervo AHJFS). In: **Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro - 1950**. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p. 344/345
- ¹⁴ Relatório do Ministério da Agricultura de 1871. p. 31 **Acervo:** Uchigago. <<http://www.crl.uchicago.edu/info/brazil>>
- ¹⁵ Relatório do Ministério da Agricultura de 1879. p.111 **Acervo:** Uchigago. <<http://www.crl.uchicago.edu/info/brazil>>
- ¹⁶ Atas da Sociedade de Cultura (acervo AHJFS) Op. Cit. p.344/345
- ¹⁷ Idem, p. 345
- ¹⁸ Relatório do Ministério da Agricultura de 1874. p. 273 **Acervo:** Uchigago. <<http://www.crl.uchicago.edu/info/brazil>>
- ¹⁹ Álbum do Primeiro Centenário de Brusque. Brusque: Edição da Sociedade de Brusque, 1960. p. 220
- ²⁰ Relatório do Ministério da Agricultura de 1873. p. 35. **Acervo:** Uchigago. <<http://www.crl.uchicago.edu/info/brazil>>
- ²¹ Quinto Relatório da Sociedade. Colônizadora de Hamburgo de 1849. p.73. **Acervo:** AHJLLE - Trad. Helena Richlin.
- ²² Nono Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.32. **Acervo:** AHJLLE - Trad. Helena Richlin.
- ²³ Décimo Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.42/43. **Acervo:** AHJLLE - Trad. Helena Richlin.
- ²⁴ Relatórios da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. Livro II. p.43, 54 e 64. **Acervo:** AHJLLE - Trad. Helena Richlin.
- ²⁵ Sobre este assunto ver: HERKENDORFF, Elly. A primeira exposição agroindustrial de Joinville. In: **Era uma vez um simples caminho**.Joinville: Fundação Cultural de Joinville, 1987. p. 117/125.
- ²⁶ Vigésimo Quarto Relatório da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849. p.13/14. **Acervo:** AHJLLE - Trad. Helena Richlin.
- ²⁷ Relatório do Ministério da Agricultura de 1881. p. 75/76. **Acervo:** Uchigago. <<http://www.crl.uchicago.edu/info/brazil>>
- ²⁸ Relatório do Ministério da Agricultura de 1868. p.31 **Acervo:** Uchigago. <<http://www.crl.uchicago.edu/info/brazil>>
- ²⁹ SANTOS, Lucy Woellmer dos. *Estação Agronômica de Veterinária do Estado. (1895-1920): uma abordagem histórica sobre o início da pesquisa agrícola em Santa Catarina*. Florianópolis,

Editora da UFSC, 1998. p.46/47.

³⁰ Idem, p.46.

³¹ Idem, p.47/48.

³²BERNAL. apud SANTOS, Lucy Woellmer dos. **Estação Agronômica de Veterinária do Estado. (1895-1920): uma abordagem histórica sobre o início da pesquisa agrícola em Santa Catarina.** Florianópolis, Editora da UFSC, 1998. p.33.

³³ Idem, p.34.

³⁴Idem, p.38.

³⁵ RUTTAN. apud SANTOS, Lucy Woellmer dos. **Estação Agronômica de Veterinária do Estado. (1895-1920): uma abordagem histórica sobre o início da pesquisa agrícola em Santa Catarina.** Florianópolis, Editora da UFSC, 1998. p.39

³⁶ SANTOS, Lucy Woellmer dos. Op. Cit. p.155/156

³⁷ Idem, p.85

³⁸ALVES, Débora Bendocchi. *Notícias de Blumenau: Cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turíngia.* Correspondência. **Blumenau em cadernos.** Tomo XLI - n.11/12, 2000. p114/116.

³⁹SANTOS, Lucy Woellmer dos. Op. Cit. p.120

⁴⁰ ROSSI, Giovanni. *Agricultura.* Síntese e tradução Pe Victor Vicenzi. **Blumenau em Cadernos.** Tomo XVII. n.11/12, 1977. p.355

Crônicas do Cotidiano

Nossa Senhora Visitadora.

As correças da minha vida.

**TEXTO: URDA
ALICE KLUEGER**



Quem tem 40 anos se lembra; quem não tem, provavelmente nunca ouviu falar. Vou falar de uma tradição que existia lá no começo dos anos sessenta: a de Nossa Senhora Visitadora.

A Rua Antonio Zendron, em Blumenau, onde cresci, na época já era uma rua muito extensa, com muitos moradores. Não tinha as feições de hoje, com loteamentos e condomínios se emendando – era uma rua calma, com pequenos grupos de casas separadas por grandes pastos onde pastavam mansas vacas holandesas, rua habitada por católicos e luteranos mais ou menos em mesmo número, mas onde, com toda a força, a exemplo da maioria das ruas daquela época, Nossa Senhora Visitadora fazia o maior sucesso.

Considerando o tamanho da rua, faço as contas e tento imaginar quanto tempo levava Nossa Senhora para visitar todos os moradores; com certeza, a volta inteira demorava anos. Esses cálculos, porém, não importam. O que importa era a emoção de beleza que vinha com as visitas de Nossa Senhora.

Ela ficava uma semana em cada casa. Creio que era nas noites de sábado que Nossa Senhora migrava para a casa seguinte; como havia os grandes pastos entre as casa, às vezes a procissão que transportava a imagem de Nossa Senhora de uma casa para a outra era extensa, e sempre linda, com os devotos levando velas acesas nas mãos a cantar canções marianas, as crianças na maior expectativa a espiar como a cera das velas formava estranhas esculturas acima das suas mãos.

Aí chegava-se à nova casa que Nossa Senhora ia visitar, e, ah! Sempre havia uma surpresa! Dependendo da situação econômica de cada família, cri-

* Escritora e Membro da Academia Catarinense de Letras.

vam-se todo o tipo de altares onde Nossa Senhora iria permanecer uma semana, e que altares maravilhosos que se faziam! Paredes inteiras da sala principal de cada casa eram cobertas de seda azul e tule branco, e Nossa Senhora era entronizada com todas as honras em altares fantásticos, que esgotavam toda a criatividade dos moradores e encantavam a vizinhança! Apesar de ser uma atitude totalmente católica, não era incomum as senhoras luteranas mandarem flores do seu jardim para o altar do vizinho, ou mesmo de comparecerem às cerimônias, que viravam quase acontecimentos sociais.

Eu era fascinada pelas procissões e pelos maravilhosos altares azuis e brancos, peçados de velas acesas e flores (as flores, naquela de época antes do surgimento das floriculturas, eram cultivadas por cada dona-de-casa). O chato era, depois, ter que rezar o terço. Eu até que gostava do terço quando era a Dona Nilda que o puxava, de uma forma natural e sem afetação, mas havia dias em que quem o fazia era o “seu” Moreira, um outro vizinho, que embarcava na recitação do terço como se estivesse num palco, levando o dobro do tempo, o que preocupava enormemente a nós, crianças, que queríamos que aquilo acabasse logo para poder conversar. Eram bonitas as ladainhas, e delas eu gostava.

A ladainha de Nossa Senhora me fazia viajar na sua poesia e no seu encanto, e enquanto todo mundo ficava repetindo: “Rogai por nós”, eu me amarrava, mesmo, era nos lindos títulos de mãe de Deus:

Rosa Mística!

Torre de marfim!

Eram palavras que estavam fora do nosso vocabulário do dia-a-dia, e que botavam a minha imaginação a funcionar para valer.

Depois da procissão, do terço, das ladainhas e dos cantos, era hora de voltar para casa. Por toda aquela semana se ia rezar o terço naquela casa; no sábado seguinte, tudo se repetia, e havia a ansiedade para se conhecer o novo altar. Poderia ser um altar mais pobre, dessa vez, mas estaria peçado das melhores flores da redondeza, e haveria as velas da procissão noturna, e os cantos, e as expressões como “Rosa Mística” para mexer com a minha cabeça. Eu era muito pequena para saber das coisas, mas, com certeza, muitos namoros devem ter iniciado nessas visitas de Nossa Senhora pela minha rua à fora, muitas receitas era trocadas pelas donas-de-cassa, muita gente que não se conhecia acabava se conhecendo. Momento de integração de uma comunidade, momento de magia para as crianças, um dia Nossa Senhora deixou de fazer as visitas. E a magia das procissões com velas nas noites de sábado se acabou.

vam-se todo o tipo de altares onde Nossa Senhora iria permanecer uma semana, e que altares maravilhosos que se faziam! Paredes inteiras da sala principal de cada casa eram cobertas de seda azul e tule branco, e Nossa Senhora era entronizada com todas as honras em altares fantásticos, que esgotavam toda a criatividade dos moradores e encantavam a vizinhança! Apesar de ser uma atitude totalmente católica, não era incomum as senhoras luteranas mandarem flores do seu jardim para o altar do vizinho, ou mesmo de comparecerem às cerimônias, que viravam quase acontecimentos sociais.

Eu era fascinada pelas procissões e pelos maravilhosos altares azuis e brancos, peçados de velas acesas e flores (as flores, naquela de época antes do surgimento das floriculturas, eram cultivadas por cada dona-de-casa). O chato era, depois, ter que rezar o terço. Eu até que gostava do terço quando era a Dona Nilda que o puxava, de uma forma natural e sem afetação, mas havia dias em que quem o fazia era o “seu” Moreira, um outro vizinho, que embarcava na recitação do terço como se estivesse num palco, levando o dobro do tempo, o que preocupava enormemente a nós, crianças, que queríamos que aquilo acabasse logo para poder conversar. Eram bonitas as ladainhas, e delas eu gostava.

A ladainha de Nossa Senhora me fazia viajar na sua poesia e no seu encanto, e enquanto todo mundo ficava repetindo: “Rogai por nós”, eu me amarrava, mesmo, era nos lindos títulos de mãe de Deus:

Rosa Mística!

Torre de marfim!

Eram palavras que estavam fora do nosso vocabulário do dia-a-dia, e que botavam a minha imaginação a funcionar para valer.

Depois da procissão, do terço, das ladainhas e dos cantos, era hora de voltar para casa. Por toda aquela semana se ia rezar o terço naquela casa; no sábado seguinte, tudo se repetia, e havia a ansiedade para se conhecer o novo altar. Poderia ser um altar mais pobre, dessa vez, mas estaria peçado das melhores flores da redondeza, e haveria as velas da procissão noturna, e os cantos, e as expressões como “Rosa Mística” para mexer com a minha cabeça. Eu era muito pequena para saber das coisas, mas, com certeza, muitos namoros devem ter iniciado nessas visitas de Nossa Senhora pela minha rua à fora, muitas receitas era trocadas pelas donas-de-cassa, muita gente que não se conhecia acabava se conhecendo. Momento de integração de uma comunidade, momento de magia para as crianças, um dia Nossa Senhora deixou de fazer as visitas. E a magia das procissões com velas nas noites de sábado se acabou.

Eu trabalhei lá, numa barraca, e num momento de folga saí a dar uma volta pela feira, a ver o artesanato e outras coisas que estavam à venda. Acompanhava-me o meu amigo Almir. Abundavam o bordado, o crochê, e todas essas coisas que as mulheres de Blumenau fazem tão bem, apesar de não o fazerem tão elegante e finamente quanto o fazem as mulheres do Ceará. Andamos e vimos tudo o que havia, e de repente achei a coisa mais bonita da feira: casinhas de passarinho, maravilhosas casinhas de passarinho feitas de casca de árvore! Eu já tinha visto, em Olinda-PE, usarem casca de árvore para esculpirem minúsculas ruas inteiras de casario colonial, e tinha me encantado com a idéia dos pernambucanos, mas nunca tinha visto usarem cascas de árvore para artesanato no Sul do Brasil. Eram maravilhosas as casinhas de passarinho, e ficou bem evidente a minha empolgação por elas. Voltei, então, ao meu posto na minha barraca, e meia hora depois me surpreendo: meu amigo Almir havia comprado uma das casinhas, e estava me dando de presente! É claro que fiquei superfeliz, e passei a imaginá-la na minha sala, num canto perto de um quadro de Tadeu Bittencourt, tendo no seu poleiro um passarinho feito por Conning Baumgarten, artista de São Francisco do Sul especializado em fazer passarinhos, quando outra amiga me abre novas perspectivas: se eu pendurasse a casinha na minha varanda, talvez alguma correca viesse fazer ninho nela!

Que enxurrada de lembrança aquela observação me trouxe! De repente, estavam de volta as correças da minha infância e toda a sua magia, e a perspectiva de que elas pudessem voltar me encheu de alegria!

Vou pendurar a casinha de passarinho na minha varanda, e vou colocar alpiste nela para servir de chamariz, e talvez alguma correca me escolha. Não pude ver as correquinhas da minha infância, mas como irei curtir as que vierem na minha vida adulta, quando já estou com um pé na velhice! Estou sonhando um monte com elas, e tudo graças a Almir, que me deu a casinha de passarinho!

Obrigada, meu amigo!

Blumenau, 07 de julho de 1996.

Burocracia & Governo

Relatório do Dr. Ignácio da Cunha Galvão ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, de 28 de fevereiro de 1867 - Parte 4*

O documento que ora publicamos refere-se à transcrição da quarta parte do relatório de autoria do Presidente da Província de Santa Catarina ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, escrito em 1867. O original do documento transcrito encontra-se no **Fundo Memória da Cidade** - Coleção: **Colonização**, Pasta P02.28 - Doc 284 do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Nesse texto o presidente, prossegue com o seu relato, e desta vez contempla a colônia Teresópolis. Emite sua opinião sobre as péssimas condições dos terrenos da colônia Teresópolis para a agricultura e feitura de caminhos.

Num primeiro momento sugere que se abandone o núcleo e não se gaste a mais nem um real. Mas tendo em vista a possibilidade de aproveitar as férteis terras do Vale do Capivary, lá poderiam ser vantajosamente colocados os colonos que se quisessem mudar.

COLÔNIA TERESÓPOLIS Santa Catarina

Fundada em 1860 nas margens do rio Cubatão, a oito léguas do porto, com 41 famílias alemãs, expedidas por Steinman de Antuérpia, adicionaram-lhe no mesmo ano algumas famílias da mesma procedência e outras das colônias de parceria da Província de Rio de Janeiro; a mesma cessou de receber novos colonos em 1864; conta hoje 329 fogos e



* Coleção Colonização, Pasta 02.08 - Doc. 284 - A.H.J.F.S.

uma população de 1.614 almas.

A sede da povoação foi assentada à margem do rio na confluência do Rio do Cedro; a escolha do local foi muito má; não oferece senão limitadíssimo espaço para edificações; o quadro marcado no mapa para a povoação admite apenas no terreno uma rua à margem do Cubatão e outra à pequena distância nos fundos desta; seguindo-se logo morros de forte declividade; na margem oposta do rio, um morro alto, quase a prumo, vem terminar na beira do rio; a água potável de que se sevem é de poços por não ser boa a do Cubatão e estarem em distância incômoda os ribeirões com boa água. Existe na proximidade uma vargem mais própria para a povoação; era, porém, uma posse particular, que foi legitimada e depois retalhada e vendida a diversos.

Encontra-se na povoação: do governo, a casa da direção construída com gosto, solidez e economia, e oferecendo as mais confortáveis acomodações; a casa do padre, de boa construção e aparência; a pequena capela provisória, rebocada e coberta de telha é mui decente, e pode servir ainda por muitos anos; a casa de oração protestante, igualmente decente, requer alguns reparos; nesta última funciona ultimamente uma escola particular, que é a única que existe na colônia.

Julgo, por ora, dispensável a construção de templos maiores e mais custosos.

Além destes edifícios do governo existem diversas casas particulares solidamente construídas e de boa aparência, e uma grande olaria.

A configuração do terreno não admite arruamento regular, nem locais especiais para edifícios e logradouros públicos; numa pequena colina, onde está designado o lugar para a igreja católica definitiva, está também a casa do padre e o cemitério, e não oferece espaço para mais edificação alguma; conviria remover dali o cemitério que, sem grande inconveniente, poderia ser estabelecido nas abas de algum dos morros afastados do centro da povoação.

A escolha do terreno da colônia foi ainda menos acertada que a da sede da povoação, para dar uma idéia da sua natureza farei individualmente uma lacônica descrição dos diferentes vales ou linhas, pelos quais se acha distribuída a população da colônia, distribuição, aliás, muito racionalmente feita.

1º. Vale do Cedro – O melhor do primeiro estabelecimento, habitado e desmatado em toda a extensão; muito estreito fechado por morros íngremes, para sempre inacessíveis ao arado e também na maior parte à nossa enxada.

Na vargem produz bem o milho, o feijão, a batata, a mandioca, o fumo; nalguns morros mais baixos e menos íngremes, também o plantam com proveito. Sempre estreita a vargem, em alguns lugares os morros se aproximam por tal forma do leito do rio, que nem uma braça de planície se encontra; foi preciso romper o caminho através de rochas verticais por meio da pólvora, outras vezes construir muralha ao longo da margem e encher de aterro trazido de outros pontos.

Na parte em que está feita, oferece a estrada excelente rodagem; o resto é caminho para cargueiro.

Em toda extensão do vale observam-se grandes derrubadas e plantações, são visíveis os esforços que empregam os colonos; plantações de milho se encontram muitas vezes quase se despenhando de íngremes encostas e estendendo-se até o cume dos morros.

Nas cabeceiras do rio, o vale estreita-se cada vez mais, tornando-se inteiramente sem valia; alguns colonos da extrema abandonaram seus lotes e foram se estabelecer noutras colônias.

A prosperidade dos colonos pode-se dizer é proporcional à largura da vargem; onde ela mais se abre encontram-se casas de tijolos de boa aparência; engenhos de mandioca e milho, escasseando estes indícios de bem estar com o estreitamento da vargem.

2º. Vale do São Miguel – Em geral muito estreito; em alguns pontos alarga formando vargens regulares; em um único ponto apresenta uma vargem de mais de 200 braças de largura, que pertence em parte aos fundos dos lotes do rio do Cedro.

Desmatado na beira do rio em toda a sua extensão, as grandes derrubadas e plantações até o cume de morros empinados, denotam, como no Cedro, o perseverante esforço dos colonos. Nas cabeceiras torna-se igualmente sem préstimo. Dos 52 fogos que ali se levantaram, prosperaram talvez 10 famílias,

algumas se retiraram; algumas boas casas de tijolos se encontram.

Tem boa estrada de rodagem pronta na extensão de cerca de duas léguas; continuam a abri-la para adiante; o mais é mau caminho para cargueiro, o qual se estende até as vertentes opostas a encontrar o rio das Antas, pertencente ao sistema de águas do rio Tijucas.

É essa a direção da estrada projetada pelo diretor para ligar a colônia à estrada de Lages, que será de muita vantagem para ela.

A feitura da estrada tem de lutar com as mesmas dificuldades da do rio Cedro.

3º. Vale do Cubatão – Ainda mais estreito que os do Cedro e São Miguel, e as montanhas ainda mais íngremes, duas únicas vargens regulares se encontram em toda a sua extensão: uma de 100 a 150 braças de largura com cerca de 300 de comprimento; a outra de menos de 100 de largura com 300 a 400 de comprimento. No restante do vale, às vezes nem um palmo de vargem se encontra; morros com paredes (não se pode dar outro nome) quase verticais, bordam ordinariamente o rio, quase todos pedregosos.

Para abrir uma braça de estrada é preciso fazer grandes cortes na rocha, ora compacta, ora desagregada; vi corte em rocha de mais de 50 palmos de altura para dar 8 ou 10 de largura ao caminho; outras vezes é preciso muralha para sustentar o aterro e evitar os cortes.

O caminho, até além da confluência do Rio Novo tem declive para rodagem, mas só em pequena extensão tem a largura necessária para carros; a extraordinária despesa que seria preciso fazer-se só teria justificação se a população do país fosse décupla¹ da que é.

A maior parte dos colonos já abandonou seus lotes e foram para outros em outras colônias e para o Capivary; só ficaram alguns nas duas mencionadas vargens, e na proximidade da sede da povoação onde alguma outra indústria os ajuda a viver.

Encontram-se casas em ruínas, ranchos caídos, capoeiras em morros quase inacessíveis, testemunhas de improfícuo e árduo trabalho. Vi à beira do caminho, metade mergulhada no rio, um grande monte de terra e pedras; ti-

¹ Multiplicar por 10, tornar dez vezes maior

nha-se desprendido aquela massa do cume de um dos morros descritos, e em todo o seu trajeto não encontrando um assento onde permanecesse, veio até o rio; os flancos do íngreme morro apresentavam os vestígios de sua passagem.

Uma única casa, de sofrível aparência, se encontra em todo o vale.

4º. Vale do Rio Novo - Alguma coisa melhor que o do Cubatão, mas ainda assim péssimo; em toda a sua extensão tem apenas duas vargens regulares, o resto é terreno análogo ao do Cubatão.

Nas cabeceiras mesmo, a vargem pedregosa e fria não tem préstimo senão para pasto; se não fosse a manteiga que exportam, para com seu produto comprar o necessário, não poderiam subsistir.

Encontram-se, entretanto, grandes plantações de milho e mandioca, porém falhadas e mirradas, e vê-se que a miséria dos colonos não provém de falta de esforços.

Um núcleo regular ali se conserva; as roças que fizeram, os pastos, as cercas, chiqueiros, hortas, o suor em resumo que infiltraram no solo, os prende a ele e obsta a que se mudem para o Capivary, onde, aliás, terão de participar de novo árduo serviço de mato virgem, que todos encaram como pavor.

Edificaram uma capela provisória de tijolo e coberta de telha.

5º. Vale do Rio dos Saltos - Pior ainda, se é possível, que o Cubatão; encontram-se duas únicas pequenas vargens, a maior já na chapada da serra. O aspecto das casas indica o grau de pobreza dos habitantes.

Em suma cerca de 400 colonos tinham abandonado seus lotes nestas diversas linhas e se passado para o Capivary; 78 dos atuais, na persuasão que eu ia tratar da cobrança da dívida do Estado (notícia que achei espalhada na colônia e que muito prejudicou as minhas investigações) vieram me observar que não lhes seria possível em tempo algum satisfazer a esse pagamento com as terras ruins que lhes couberam, das quais com muito esforço durante 5 ou 6 anos apenas tinham podido granjear uma miserável subsistência; e diziam que de boa vontade se mudariam para melhores terras se houvessem unicamente de pagar o seu custo; dando-se-lhes prazo conveniente.

Muitas vezes, visitando esta colônia, me vieram à mente as seguintes considerações: o que era mais para admirar, se a constância dos colonos em

querer arrancar uma miserável subsistência de um solo ingrato, onde o declive do terreno às vezes é tal, que só com o auxílio de tocos e raízes, se pode um homem sustentar em pé num lugar; se a sua resignação a uma sorte tão dura na terra apregoada da abundância; se a energia do diretor em subjugar todos os ímpetos da resistência que não podia deixar de aparecer; se a sua tenacidade em rasgar custosas estradas por grotas ínvias e rochedos, para assentar domicílios de desgraçados!

E comigo dizia: se as grossas somas que o governo ali despendeu; se as qualidades viris que desenvolveu o diretor; se os perseverantes e extremos esforços dos colonos tivessem sido empregados em terreno próprio, que florescente e próspero núcleo não teria sido o resultado, em lugar da miséria e sombria resignação que ali se encontra!

Os colonos, no entanto nem uma queixa apresentaram contra o diretor; queixam-se das más terras, da má estrada para a capital, etc., mas contra o diretor nem uma palavra.

A razão, porém o diz e fatos passados o confirmam, que sem lutar primeiro e sucumbir na luta não se teriam eles resignado àquela triste solidão; houve ocasião em que chegaram quase a morrer de fome, em que quiseram pela força expelir o diretor a quem atribuíam as suas desgraças.

Estão hoje subjugados pela sua superioridade, pela sua autoridade, pela sua força de vontade, pela confiança que têm que ele procura, quanto esta em suas mãos promover o seu bem estar.

O diretor educado sob o regime militar da Áustria, onde foi oficial, inexperiente quando lhe foi confiada a direção da Colônia, entendeu que sua missão consistia em colocar os colonos nas terras que lhe apresentaram, ali fixá-los e fazê-los delas tirar a sua subsistência, custasse o que custasse, empregando ele os dinheiros, com que o governo concorria, nos melhoramentos designados.

Esta missão ele a cumpriu, e a ditadura que exerceu, foi com boas intenções e sinceridade. Os colonos vencidos na luta, reconhecendo o seu empenho em promover a prosperidade possível da colônia submeterem-se ao jugo do homem superior que dispunha da autoridade e do dinheiro, aderiram e identificaram-se com ele.

Mas a fundação dessa colônia não deixa de ser um erro, e um erro

crasso.

Se o emigrante na Alemanha só tivesse notícia do Brasil e seus núcleos coloniais pelo de Teresópolis, que juízo errado não faria do nosso ubérrimo solo, do regime de liberdade que aqui se goza?

O fim dos núcleos coloniais não é disciplinar homens, nem educá-los para o trabalho.

Muito melhor compreendeu a sua missão o diretor da nova colônia Príncipe D. Pedro que recusa instalar seus colonos nas terras que lhe foram destinadas por que não satisfazem às condições necessárias, e louvores lhe sejam dados por esta atitude franca que tomou, que poupará aos colonos e ao governo muito trabalho, muita despesa e muita decepção.

Ainda não está, porém concluída a descrição da colônia Teresópolis: falta o vale do Capivary, o melhor da colônia, onde está todo o seu futuro, explorado pelo diretor na sua solicitude em desenvolver o núcleo colonial que criou.

Muito de propósito o destaquei, porque descoberto muito posteriormente, depois que se achavam os colonos estabelecidos em outras linhas, distantes 6 a 8 léguas do núcleo antigo, com serras e mato virgem de permeio, numa bacia diferente, a do Tubarão, já perto de Laguna, não se pode considerar o vale do Capivary como parte integrante da colônia Teresópolis; com a qual sem dúvida só conservará relações administrativas, logo que seja aberta a comunicação com a Laguna.

Vale do Capivary – subindo a serra que divide as águas do Cubatão das do Tubarão, a qual é um galho da serra geral que se prolonga quase até ao mar e termina no morro chamado do Tabuleiro; e descendo as vertentes do lado aposto encontram-se logo as nascentes do Capivary, confluyente do Tubarão.

Durante cerca de 3 horas atravessam-se gargantas impossíveis de colonizar; à medida porém que se desce a serra, o vale principia a largar-se, as gargantas apertadas não aparecem senão à distância, as vargens se dilatam em largura e comprimento, os morros laterais diminuem de altura e as terras se tornam cada vez mais férteis.

Estas mesmas circunstâncias se observam na bacia do Cubatão; a diferença para a colônia consiste em que no Cubatão o terreno marcado para a

colônia acha-se nas cabeceiras do rio, tendo as suas férteis margens na planície sido ocupadas há muito tempo pelos nacionais, e mais acima pelos antigos colonos da Vargem Grande e de Santa Isabel.

No Capivary os brasileiros, caminhando sempre da foz rio acima, só chegaram até ao primeiro Salto sem dúvida por ficar aí interrompida a navegação e por causa da proximidade dos bugres. Descendo o Capivary, antes de chegar ao primeiro morador brasileiro, encontra-se muito terreno devoluto e fértil.

Acham-se já estabelecidos em suas margens 422 colonos, todos colonos antigos que abandonaram as linhas da colônia acima descritas e análogas da colônia Santa Isabel.

As 4 ½ horas de marcha da sede da colônia encontra-se a primeira extensa vargem; o milho aí já produz 70 por 1; mais abaixo 200 por 1, o que prova a boa qualidade das terras. Em toda a extensão povoada encontram-se grandes plantações, quer na vargem quer nos pequenos morros, de milho, feijão, fumo, trigo sarraceno, etc.

Os colonos estão todos satisfeitos; disseram-me alguns que em um ano de estada no Capivary, estavam melhores condições do que em 3 a 4 que estiveram nos lotes antigos.

Um caminho regular para cargueiro conduz da sede da colônia ao último prazo demarcado; o terreno no vale do Capivary presta-se muito melhor à feitura de estradas; não se encontram rochas, e as encostas são mais doces. Abria-se na ocasião um novo caminho para ligar o Capivary com o ribeirão do Lacerda seu confluente, onde já existem lotes demarcados. Pedem com razão os colonos moradores no baixo Capivary que se lhes abra comunicação com a Laguna.

Para ir de seus lotes, pela sede da colônia à Capital, um cargueiro leva 7 ½ dias (ida e volta). Calculam que haja 4 a 5 léguas até Laguna; destas 5 léguas só será preciso abrir 2 até o primeiro morador brasileiro no Salto; daí para diante existem brasileiros estabelecidos com estrada aberta, ignoram até onde, naturalmente até a Laguna; além disso, do Salto para baixo o rio é navegável.

Com muita conveniência poderiam ser empregados na abertura destas duas léguas os colonos recém-chegados. Já construíram na 1ª. vargem uma

capela provisória de paredes de tijolos e cobertura de tabuinhas. Experimentaram a cultura do algodão do país, mas a geada o matou; ainda não tentaram a do algodão herbáceo, que é provável que prospere.

Administração

Já em parte expus o que tinha a dizer a este respeito. A escrituração da colônia faz-se nos seguintes livros: Matrícula dos colonos; Registro dos prazos coloniais; Registro das dívidas dos colonos; Registro dos casamentos, nascimentos e óbitos dos católicos.

Está em ordem e em dia a escrituração com exceção do registro dos casamentos. Nenhum título provisório, nem também as cadernetas de dívida tinham sido distribuídos aos colonos; falta resolver a respeito do preço das terras sobre o qual há dívidas. Convém modificar ou o valor da braça quadrada ou o que será mais conveniente a forma e extensão dos lotes.

O preço fixado nos contratos de Steinman é de 3 réis a braça quadrada; os lotes são ordinariamente de 100 braças de frente e 1.000 de fundo ou 100.000 braças quadradas.

No terreno de Teresópolis todo o valor das terras está nas frentes contadas sempre da margem dos rios onde unicamente se encontram as pequenas vargens; entretanto o grande fundo de 1.000 braças que de quase nada serve ao colono eleva consideravelmente o preço dos lotes; convém, pois diminuir os fundos aumentando as frentes ao abaixar o preço da braça quadrada.

Inclino-me inteiramente para o primeiro alvitre. Nos estreitos vales de Teresópolis, com 100 braças de frente, será raro o colono que possa pagar a sua dívida. Com 200 ou 300 talvez o possam; como, porém os lotes ocupados sejam contíguos (N. S. Miguel e Cedro os lotes foram primitivamente de 50 braças; o abandono de alguns colonos permitiu depois aumentar as frentes restantes), e não se possa aumentar a frente, senão à custa dos vizinhos, convém promover e facilitar o mais possível a mudança dos colonos para o Capivary; não só melhorariam a sua sorte os que para lá fossem, como os que ficassem com o aumento das frentes.

Entendo que o governo deveria perdoar a dívida de todos aqueles que se mudassem, renunciando as benfeitorias feitas nos antigos lotes.

De fato esses nunca as pagariam, no entretanto que o encargo da dívida os acabrunha e desmoraliza, e por outro lado seria uma justa reparação que o governo lhes faria pelo trabalho e tempo que a má escolha das terras lhes fez perder.

Necessidades da Colônia

A estrada para a Laguna e a que põe em relação a colônia com a estrada de Lages e pelo Vale de São Miguel, ambas já mencionadas, são os mais urgentes melhoramentos.

Convém fazer novas explorações à procura de terras por onde se possa estender a colonização para que não fiquem estéreis as despesas feitas com a fundação desse núcleo.

Dizem que o vale do Braço do Norte, confluyente do Tubarão contém excelentes terras; convém verificá-lo.

Convirá igualmente explorar o ribeirão da vargem do Braço, confluyente do Cubatão que nasce na serra do Taboleiro e um confluyente do Capivary, que nasce na mesma serra, não só a fim de examinarem-se as terras devolutas que ali existem, como principalmente para reconhecer se com efeito, segundo se diz, o caminho que por eles seguisse daria cômoda saída para a capital aos colonos do alto Capivary.

A estrada de rodagem para a capital melhoraria consideravelmente a sorte dos colonos que permanecem nas antigas linhas; aproveitaria igualmente aos de Santa Isabel, ao comércio de Lages que por aí transita, e a parte do município de São José que ela atravessa.

O diretor da colônia com louvável tenacidade reclama debalde em todos os seus relatórios esta comunicação. Dezoito colonos chefes de família declararam-me que passando por Santa Catarina em junho de 1860, ocasião em que se tratava da fundação da colônia Teresópolis, persuadira-os o presidente que ficassem na Província, prometendo-lhes conceder a cada um gratuitamente um lote de terras e víveres por 6 meses, e pedem que se faça efetiva a promessa dando-lhes título definitivo de suas terras, independente de qualquer pagamento.

Levei o fato ao conhecimento da presidência, reconhecida a veracidade da alegação, será sem dúvida satisfeito o compromisso.

Necessidade de escolas: Não existe na colônia escola pública alguma; não se pode contar com os recursos mui escassos da província. Os protestantes têm o internato de Santa Isabel onde a paga é a mais módica e o ensino é melhor possível.

Conviria estabelecer na colônia um internato análogo para os católicos. Reclamam os colonos a necessidade de um médico; nunca o tiveram enquanto outras colônias os tenham; a salubridade do clima que é notável é a melhor coisa que tem aquela localidade; não dispensa contudo a presença de um médico.

Resumo

O meu primeiro impulso ao ver as péssimas condições do terreno da colônia Teresópolis quer para a lavoura, quer para a feitura de caminhos foi indicar que se abandonasse aquele núcleo e nem mais um real se gastasse com ele.

Mas, considerando a sorte dos míseros colonos que para ali foram encaminhados pela mão do governo; vendo depois o fértil vale do Capivary onde podem mui vantajosamente ser colocados os que se quiserem mudar, melhorando ao mesmo tempo a situação dos outros; atendendo enfim a que com esse abandono perder-se-iam completamente os frutos dos dinheiros ali gastos, modifiquei o meu pensar, chegando à conclusão que nem mais um colono deverá ser dirigido para Teresópolis enquanto não estiverem convenientemente colocados os atuais; ou enquanto terras convenientes não tenham sido descobertas; (o vale do Capivary chegará apenas para estabelecer os das outras linhas e de Santa Isabel); e se reconhecer que tais terras não existem, completada a deslocação para o Capivary, seja a colônia entregue ao regime comum.

Autores Catarinenses

No rastro do Dr. Lund.

TEXTO:
ENÉAS
ATHANÁZIO*



Leituras sobre Lagoa Santa como sítio arqueológico de importância no Brasil e os estudos *in loco* do cientista dinamarquês Peter Wilhelm Lund (1801/1880), sempre despertaram em mim grande curiosidade. Lá se fixou pela maior parte de sua vida esse naturalista de renome universal, realizando minuciosas e metódicas pesquisas de campo, fazendo grandes descobertas, cujos resultados enviou para o Museu de Copenhague e a Sociedade Real dos Antiquários do Norte, o que projetou seu trabalho no cenário científico mundial. Descreveu mais de uma centena de espécimes animais, alguns extintos e de porte gigantesco (como a preguiça gigante), consagrando-se como o fundador da paleontologia brasileira. Destacam-se em sua obra as minuciosas observações sobre o homem primitivo, - “o homem de Lagoa Santa”, - com cerca de 3000 anos, encontrado nas cavernas de Minas Gerais. Por coincidência, lá foi encontrado, mais tarde, o esqueleto de uma mulher, que seria batizada de Luzia, considerado o mais antigo ser humano sul-americano, com cerca de 15000 anos. Esse conjunto de descobertas deu nova dimensão à paleontologia e à arqueologia, forçando a revisão de conceitos e teorias então vigentes. Como curiosidade, lembre-se que foi nessa cidade que funcionou a primeira fábrica de aviões no Brasil e onde surgiu o primeiro movimento ecológico nacional.

Distante cerca de 45 km de Belo Horizonte, na região do Aeroporto de Confins, Lagoa Santa é uma cidade agradável, com muito verde, tendo ao centro a imensa lagoa que lhe deu o nome, em torna da qual se estendeu o aglomerado urbano. Em compa-

* Escritor e Advogado.

nhia do Prof. Guilherme Queiroz de Macedo (autor do livro “Duas Vezes Enéas” e estudioso das coisas catarinenses), minha mulher, Jandira, e minha filha Márcia, por ali perambulamos, apreciando a paisagem e o bucolismo dessa cidade que cresceu em torno do extenso lençol de água, norteador da vida e das atividades de seu povo. Com a avenida ribeirinha arborizada e ajardinada, é um local agradável e acolhedor, constituindo, sem dúvida, uma das razões do apego do sábio europeu à cidade. Rumamos, em seguida, para a Lapinha, nas proximidades, onde nos propusemos a visitar a célebre gruta, mas não pudemos passar da entrada, muito larga e espaçosa, por uma razão inacreditável: larápios haviam entrado por um buraco, furtando toda a fiação, inclusive fusíveis e lâmpadas, da iluminação interna, tornando impossível a penetração em face da escuridão reinante no interior da caverna. Como é administrada pela Prefeitura, cujos serviços costumam ser rápidos e eficientes, tivemos que nos contentar em conhecer apenas a entrada e a saída. Relatou Guilherme, mais tarde, que a Prefeitura havia se comprometido a resolver tão grave problema num prazo exíguo de . . . quinze dias! Quinze dias para estender dois fios. Desolados, prosseguimos nas andanças, visitando o Museu Arqueológico que funciona numa espécie de castelinho, dirigido há quarenta anos por um húngaro, também arqueólogo. Diz ele que toda a região foi esquadrihada, inexistindo a possibilidade de novas descobertas, tendo ele próprio palmilhado tudo, palmo a palmo. O acervo do museu é interessante, embora fosse de esperar mais em face da riqueza da região em fósseis, animais, pedras etc. Existe ainda o “Recanto Dr. Lund”, onde se encontra a réplica de uma preguiça gigante, em tamanho natural, deveras impressionante. Informa-se que é reprodução perfeita em todos os detalhes. Patrimônio tombado, o local conserva a mata nativa intacta, não havendo sinais de devastação, com pássaros e insetos em quantidade. No caminho de volta, para repor as energias, um excelente almoço mineiro no “Restaurante Rural”, instalado em local lindo e tendo uma sortida lojinha de artesanato.

Lagoa Santa, apesar da escuridão da gruta, merece uma visita dos que se interessam pelas coisas brasileiras.

O ERMITÃO

Vêm os jornais comentando, de uns tempos para cá, que os antropólogos descobriram em Rondônia um curioso tipo de índio, a quem passaram a chamar de ermitão. Ele vive na região sul daquele Estado, ilhado, espremido em manchas de mato, sempre perseguido por fazendeiros e posseiros, em fuga permanente e desesperada, arredio a qualquer contato.

Uma observação mais cuidadosa revelou que ele vive só, sem família ou parentes, tudo indicando que se trata do derradeiro sobrevivente de uma tribo que foi dizimada e cuja aldeia foi destruída por tratores e pelo fogo. Em virtude do pânico em que vive, tornou-se nômade, sem parada, mudando sempre, quando antes fora sedentário e lavrador. Nas cabanas que improvisa, para logo abandonar, cava um buraco no centro, à moda de trincheira, com até três metros de profundidade. Seus modos indicam que dos brancos teme até a sombra.

O índio solitário e fugitivo pertence a uma etnia desconhecida, fala uma língua estranha e usa barbas e costeletas, fato pouco comum entre nossos índios, embora já encontrado em outras tribos, como é o caso dos **araras** do Pará. Pelas suas características físicas e culturais, não resta a menor dúvida de que se trata de um **indígena**. Todos esses fatos, documentados e filmados, foram levados ao conhecimento da Justiça Federal, o que provocou a interdição de uma área de terras suficiente para tentar preservar a existência do maior solitário de que tem notícia o mundo do fim do século passado e início deste. A interdição tem provocado intensa polêmica, mas essa é outra história.

Mais que o insólito da situação, o que choca nesse episódio é a condição pessoal do índio solitário e o que ela representa em termos de violência e absurdo. Um absurdo com que nem Kafka sonharia. Bem dizia Érico Veríssimo que a vida cria situações jamais concebidas pela mais descabelada ficção.

Pertencente ao povo que era dono e senhor deste País, onde vivia livre, leve e solto, como num éden terrestre, esse pobre índio vive hoje em pânico, escorraçado como cão raivoso pelos invasores do que é dele, sem licença ou convite, baseados num direito que eles desconheciam e que não criaram. Donos de tecnologias desconhecidas pelos indígenas, com tratores e máquinas infernais, voltaram-se contra os donos da terra com inacreditável ânimo destrutivo,

a tal ponto de restar um só e único indivíduo cuja situação só poderá desfechar em tragédia. Um **genocídio** praticado às claras.

Vamos dar asas à imaginação e transpor a situação para o Brasil. Num dia de calor, o céu azul se turva de naves estranhas, como um bando de aves metálicas. Delas saltam invasores desconhecidos, feios aos nossos olhos, senhores de tecnologia arrasadora, com a qual nossa vã ciência nunca atinara. Sem convite ou licença, ocupam nossas casas, queimam, expulsam, matam, estupram, torturam, enquanto novas levas de reforço vão chegando e tomando conta de tudo, invocando em seu favor um direito cuja lógica nos escapa. E assim, passo a passo, numa seqüência que me dispense de escrever, acabaria restando um só e único de nós, tal como ocorre com o infeliz ermitão de Rondônia.

Ora, dirão os homens práticos, isso jamais acontecerá, por isso e por aquilo. É possível que, de fato, não aconteça. Mas algo me segreda, lá no fundo, que imaginar essa situação poderá ser útil e proveitoso. Imaginar não paga imposto!

BASTIÃOZADA

Em minha mais recente visita a Calmon, o epicentro do “Contestado”, acompanhado de minha mulher e alguns amigos, visitei uma fazenda situada nos campos de São Roque, os mais lindos da região, nas cercanias da antiga estação ferroviária de General Dutra. Tão logo o carro se aproximou, ouviram-se os costumeiros latidos da cachorrada e surgiu o capataz, muito solícito, tratando de abrir a porteira para nossa entrada. “Vamos chegando, vamos chegando!” – repetia ele, enquanto o motorista manobrava. Apresentado por um dos acompanhantes que já o conhecia, percebi logo que estava diante de um raro espécime de uma fauna em extinção – o capataz de fazenda à moda tradicional.

Trajava roupas muito velhas, remendadas em vários pontos, autênticos molambos. Cobria-se com um chapéu de cor indefinida, cujas abas faziam a costumeira virola para cima. Falava em voz grossa e gesticulava muito, tudo fazendo para agradar aos visitantes, satisfeito com as visitas que vinham tirá-lo, ainda que por pouco tempo, da solidão que compartilhava com a mulher. Falante e disposto, foi logo contando que seu nome havia caído no esquecimento,

substituído pela alcunha de “Bastiãozada”, aplicada por algum gaiato em tempos que iam longe. Significava, foi explicando, que ele sozinho valia mais que um “Bastião”, talvez mais que dois, três, uns par deles, por isso considerado “Bastiãozada.” Riu com visível prazer, divertido com a história. Senti que ali estava uma figura viva, em carne e osso, fugida dos meus contos, mais perfeita que na melhor ficção. Eu estava frente a frente com um de meus personagens.

Com a costumeira hospitalidade daquele povo, conduziu-nos à sua casa, alojando-nos na cozinha, ao redor do fogão de lenha. Apresentou-nos à mulher, ofereceu café, água fresca, chimarrão. E foi contando logo, sem guardar segredo, que ganhava muito mal, uma miserinha, não permitindo o patrão que mantivesse no campo sequer uma rês de sua propriedade, cabras, ovelhas ou mesmo galinhas. Quando precisava ir à cidade para as compras, fazia o percurso a cavalo, pois o dono não permitia o uso do pequeno trator, o que tornaria a viagem mais fácil e rápida. Em compensação, relatou, o serviço era muito, demasiado para uma só pessoa. “Uma serviçama sem fim! Trabalho do raiar do dia até a noite” – informou o capataz, cujas mãos grossas enfatizavam a afirmação. A pobreza de suas roupas em frangalhos e da casa onde vivia tornavam, a rigor, desnecessárias essas explicações; elas entravam pelos olhos, à primeira vista.

Após nossas andanças por ali, nos despedimos dele. Fechou a porteira e ficou observando o carro que se afastava, talvez sonhando com o dia em que pudesse partir para uma vida melhor. Pensando cá comigo, enquanto o carro varava os campos verdes, banhados de sol e varridos pelo vento fino, concluí que ali estava um homem em condição similar à de escravo, em pleno Século XXI. Executava serviços que exigiriam diversas pessoas, recebendo salário miserável e sem a menor possibilidade de progresso, uma vez que não podia criar ou plantar para si, enquanto o latifundiário, morando em cidade distante, enriquecia sem esforço. Caso típico de exploração do homem pelo homem, praticado às claras e à vista de todos, como incontáveis outros em todos os recantos do país. E aqui em nosso Estado, apontado como um dos melhores.

Pobre “Bastiãozada”!

EVENTOS E LEITURAS

A Galeria Municipal de Artes de Blumenau promoveu o lançamento do livro “A Casa Amorosa”, de Inês Mafra, co-edição em Braille do Centro de Difusão da Literatura Regional para Cegos/Editora Cultura em Movimento. Na mesma ocasião ocorreu um sarau literário, com apresentação de música e declamação. Foi aberta também a exposição “Imagens da Polônia”, de Joi Cletison, mostrando a arquitetura, o folclore, a vida das cidades e dos campos poloneses. Fotógrafo ilhéu, Joi colheu as variadas imagens em andanças pela Polônia, fixando as peculiaridades de um povo e seus costumes. Na mesma ocasião, Betânia apresentou uma série de objetos e instalações a partir de peças de roupas íntimas.

Tomou posse na Academia Catarinense de Letras, ocupando a Cadeira 37, em solenidade realizada no dia 4 de abril, o escritor Artemio Zanon. Jurista, contista e poeta, o novel acadêmico é meu colega do Ministério Público, instituição em que fez toda a carreira, servindo em diversas comarcas do Estado, sempre com seriedade e dedicação, lecionando também nas várias cidades onde viveu. Homem de vasta cultura, com sua presença a Academia se enriquece. Desejamos a ele uma vida acadêmica profícua, agradável e repleta de boas realizações.

Realizou-se na Galeria de Artes da Assembléia Legislativa do Estado, em Florianópolis, a exposição “Retratos de Santa Catarina”, focalizando desta vez o município de Itajaí, revelando através de fotos a cultura, as tradições, a educação, o turismo e a economia da cidade praiana. A mostra contou com fotos dos mais belos lugares da cidade e do município, suas praias, recantos, obras arquitetônicas e curiosidades locais.

Dois incansáveis chapecoenses estão com novas obras na praça. Ambos profissionais, vivendo da produção intelectual, são andarilhos que percor-

rem o Estado, vendendo livros e apregoando a necessidade da leitura. Torres Pereira ingressa no mundo da literatura infantil, publicando o livro “A vez e a voz do nosso melhor amigo”, contendo uma curiosa história para as crianças em que o personagem é o cão, num volume bem ilustrado e bonito, apto a interessar aos jovens leitores. Anair Weirich, por sua vez, publica o pequenino volume “Estrela Mensageira”, onde dá ao leitor a opção de escolher o assunto tratado, a cor e o número para descobrir sua mensagem. Como diz a autora, é um livreto de meditação que também é um jogo. Bem apresentado e agradável ao manuseio. Anair e Torres são autênticos andantes das letras; ela me envia freqüentes mensagens dos mais diversos lugares. Benditos são eles, que semeiam livros a mancheias – como queria o Poeta.

Meu estimado amigo e colega de Faculdade Francisco José Pereira acaba de lançar novo livro de contos. Trata-se de “Havia Estrelas no Céu”, reunindo uma coletânea de suas mais recentes histórias, numa edição da OAB-SC e Editora Garapuvu (Florianópolis). Ao incansável escritor e editor, vão meus votos de sucesso.

Atendendo a convites, acabo de fazer duas “jornadas literárias.” A primeira delas, solicitado pela Associação dos Amigos da Biblioteca Pública, a Campos Novos, minha cidade natal, onde proferi palestra e tive animado encontro com professores e alunos. A segunda, a Calmon, solicitado pelo “Grupo Resgate”, onde também falei e recebi homenagem, juntamente com outras personalidades, pela divulgação dos trabalhos que ele vem realizando a respeito do “Contestado.” Ambas as excursões foram agradáveis e proveitosas.

A Fundação Cultural de Blumenau promoveu uma noitada de letras e artes das mais interessantes. Foi lançada na ocasião a segunda edição, revista e ampliada, do livro “Espontânia”, da poeta e jornalista Tânia Rodrigues, edição da Editora Cultura em Movimento. Abriram-se na mesma hora e local as mostras “A Dinâmica da Natureza”, óleos s/ tela de E. Theilacker, “O Movimento

das Cores”, de Imamaiah, e “Expressões Humanas”, de Odilon Ratzke. Houve apresentação da Banda Musical de Blumenau e do Grupo Vocal Óris. Tânia é excelente poeta e a primeira edição de seu livro foi muito bem acolhida. Theilacker é, para mim, o maior figurativista do Estado, retratando com comovedora precisão os ambientes serenos e bucólicos do meio rural, dando-lhes a cor perfeita e a nítida impressão da vida tranqüila que ali se desenrola.

Acabo de ser convidado para um encontro com alunos na cidade de Celso Ramos, na região dos campos catarinenses. Querem que eu fale um pouco sobre a literatura de nosso Estado e a minha, em particular, mas acima de tudo desejam fazer perguntas sobre a vida do escritor, seu processo criativo e as experiências colhidas em todos esses anos de atividade. Lá estaremos na data marcada, estabelecendo mais um contato com a moçada de nosso Estado. A visita faz parte do Projeto Autor-Escola.

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 80,00
- Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)
R\$ 15,00 (anos 60)
R\$ 20,00 (anos 50)
- Encadernação R\$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R\$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

() Sim, desejo assinar a revista *Blumenau em Cadernos* para o ano de 2003 (Tomo 44). Anexo a este cupom, a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

- () Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos
- () Depósito no BESC - conta 77.995-2 - Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.
- () Cheque - Banco: Número do Cheque:

Dados do Assinante:

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cx. Postal: _____
CEP: _____ - _____ Fone para contato: _____
Cidade: _____ Estado: _____

Promoção especial:

Antigos assinantes que queiram presentear alguma pessoa com uma assinatura anual da revista *Blumenau em Cadernos*, poderão fazê-lo através do pagamento de R\$ 55,00 (valor reduzido).

() Sim, desejo dar de presente uma assinatura anual da revista *Blumenau em Cadernos* (ano 2003) para a seguinte pessoa:

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cx. Postal: _____
CEP: _____ - _____ Telefone para contato: _____
Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - Fone: (47) 326-6990 - Fax (47) 222-2259

Blumenau (SC) - E-mail: funculbl@terra.com.br

Atividade de Leitura

Esta atividade tem como objetivo desenvolver a capacidade de leitura e interpretação de textos, bem como a habilidade de identificar o tema principal e os detalhes importantes de um texto.

Para realizar esta atividade, o aluno deve ler atentamente o texto fornecido e responder às perguntas propostas. É importante que o aluno faça uma leitura cuidadosa e que tente identificar o contexto e o propósito do texto.

Após a leitura, o aluno deve discutir o texto com o professor e os colegas, compartilhando suas ideias e opiniões. Isso ajudará a aprofundar a compreensão do texto e a desenvolver habilidades de comunicação oral.

Além disso, o aluno deve fazer uma reflexão sobre o conteúdo do texto e sobre as questões abordadas. Isso pode ser feito através de um diário de leitura ou de um trabalho escrito.

Por fim, o aluno deve avaliar o seu desempenho e o progresso durante a atividade. Isso pode ser feito através de uma autoavaliação ou de uma avaliação do professor.

Esta atividade é uma excelente oportunidade para o aluno desenvolver suas habilidades de leitura e interpretação de textos, bem como suas habilidades de comunicação oral e escrita.

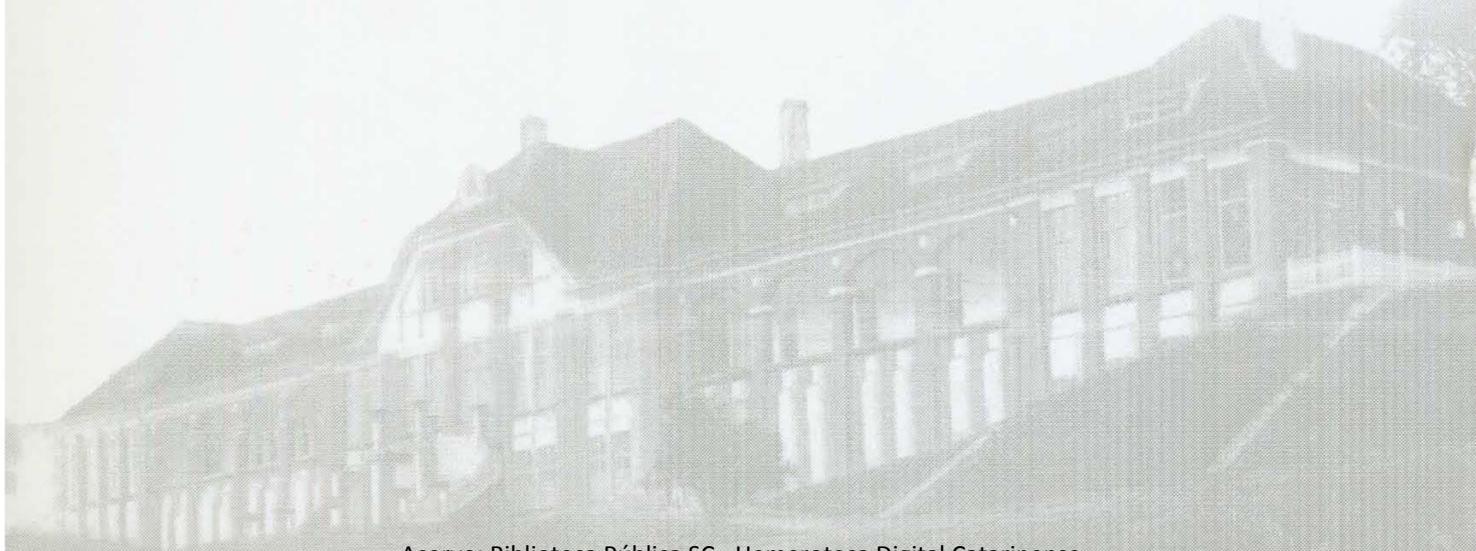
É importante que o aluno seja motivado e interessado em ler e interpretar textos, pois isso é fundamental para o sucesso acadêmico e profissional.

Por isso, é importante que o professor incentive o aluno a ler e interpretar textos regularmente, seja através de atividades em sala de aula ou através de projetos de leitura em casa.

Assim, o aluno poderá desenvolver suas habilidades de leitura e interpretação de textos de forma eficaz e consistente.

Esta atividade é uma excelente oportunidade para o aluno desenvolver suas habilidades de leitura e interpretação de textos, bem como suas habilidades de comunicação oral e escrita.

É importante que o aluno seja motivado e interessado em ler e interpretar textos, pois isso é fundamental para o sucesso acadêmico e profissional.





TOMO XLIV
Setembro/Outubro de 2003 - Nº 9/10

Apoio Cultural:

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Hildegard Rossmark Schramm

Unimed Blumenau

43 S/A Gráfica e Editora



